

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS
NÍVEL MESTRADO

CARLA ROSANGELA WACHHOLZ

ALEXANDRE VERTES
UMA VIDA DEDICADA À CONTABILIDADE

São Leopoldo

2006

CARLA ROSANGELA WACHHOLZ

ALEXANDRE VERTES

UMA VIDA DEDICADA À CONTABILIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Ernani Ott

Co-Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cleci Eulália Favaro

São Leopoldo

2006

Dissertação **Alexandre Vertes - Uma Vida Dedicada à Contabilidade**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – Nível Mestrado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos pela aluna **Carla Rosangela Wachholz**, e aprovada em 09 de maio de 2006, pela Banca Examinadora.

Orientador: Ernani Ott

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Visto e permitida a impressão

São Leopoldo, / / .

Prof. Dr. Ernani Ott

Coordenador do PPG em Ciências Contábeis

Dedico esta Dissertação a todas as pessoas como o professor Alexandre Vertes, que, por razões adversas, deixaram seus países de origem e adotaram o Brasil como sua nova pátria, contribuindo para o desenvolvimento do nosso país.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sinceramente, a todos que contribuíram para que eu pudesse realizar esse trabalho, por menor que tenha sido a contribuição. Entretanto, gostaria de registrar alguns agradecimentos especiais:

- Ciente de minhas limitações, em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado vida, saúde e força interior, essenciais em muitos momentos da jornada, que impulsionaram e iluminaram minha caminhada;

- ao Professor Doutor Ernani Ott, meu orientador, pois certamente eu não teria tido condições para desenvolver e concluir este estudo se não fosse a sua orientação atenta, sua confiança, seu entusiasmo contagiante e sua peculiar tranquilidade;

- à Professora Doutora Cleci Eulália Favaro, minha co-orientadora, pois a sua orientação tornou possível desenvolver essa pesquisa no que concerne aos procedimentos metodológicos, pouco comuns na área contábil;

- a todos os entrevistados, que gentilmente cederam seu tempo para compartilhar comigo as suas lembranças referentes ao convívio com o professor Vertes, as quais foram valiosas para a realização deste trabalho;

- à Maria Inês, que gentilmente se dispôs a colaborar com a pesquisa, deslocando-se de São Paulo para possibilitar o acesso aos documentos existentes na casa do professor Vertes. Também não poderia deixar de agradecer o carinho com que me recebeu e a liberdade que me propiciou ao permitir verificar toda a documentação existente no escritório do professor;

- ao Sr. Euzébio Schneider e a todos os funcionários do Setor de Registros da UNISINOS, que possibilitaram o acesso aos registros acadêmicos desta Instituição;

- ao Sr. Joel Luiz Both, Gerente de Administração de Pessoal, que prontamente permitiu o acesso à Pasta Laboral do professor Vertes; e à funcionária “Néca” que me auxiliou na busca dos documentos.

- a todos os professores do mestrado, pelo aprendizado que me propiciaram, especialmente aos professores: Dr. Marcos Antonio de Souza, Dr. Paulo Renato Soares Terra e Dr. Auster Moreira Nascimento, pelo incentivo e contribuições para o desenvolvimento dessa dissertação;

- à equipe da secretaria do Mestrado, pelo apoio e disponibilidade que sempre demonstraram, especialmente à Ana Zilles pelo carinho, paciência e apoio;

- a todos os colegas do mestrado pela convivência, apoio e colaboração. Certamente levo comigo boas lembranças de todos vocês. Entretanto, faço um agradecimento especial para Cristiane Benetti e Lidiane Veiga: à Cris, por sua amizade e por ter compartilhado comigo inúmeros sábados e madrugadas estudando ou desenvolvendo trabalhos; à Lidiane, por sua amizade, alegria, companheirismo e pelas palavras de incentivo nos momentos de dificuldades;

- ao Peterson, por seu carinho, amor e apoio, pela compreensão de ter se privado de minha presença em inúmeras oportunidades. Agradeço também por sua ajuda na transcrição das entrevistas e na revisão, bem como pelo seu incentivo ao longo do trabalho e por, incansavelmente, lembrar-me, nos momentos difíceis, que eu estava seguindo na direção da realização do meu sonho.

O futuro de uma nação é função fundamentalmente da eficácia do seu Ensino Superior, pois é o que pode educar líderes capazes de conduzir a nação a um grau mais elevado de desenvolvimento.

Alexandre Vertes

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é evidenciar a contribuição do professor Dr. Alexandre Vertes ao ensino, pesquisa e difusão do conhecimento contábil. Para atingir os fins propostos, fez-se uma abordagem qualitativa utilizando-se recursos da história oral temática e pesquisa documental. O professor Vertes nasceu em Budapeste, Hungria. Sua formação superior obteve na *Uneversitatis Regiae Hungaricae Scientiarum Technicarum at Oeconomicarum Palatinus Josephus*, Budapeste, Hungria, onde se graduou em Ciências Econômicas; concluiu seu doutorado em 1937, com o título de *Oeconomiae Publicae Doctorem*, e, em 1949, concluiu o curso de Perícia Contábil, obtendo o título de Contador Público. Veio para o Brasil no final da Segunda Guerra Mundial, dedicando-se à área acadêmica. Atuou por 30 anos como docente na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), tendo sido responsável pela formação de inúmeros profissionais e docentes na área econômica e contábil. O curso de Ciências Contábeis da referida instituição foi criado em 1966, graças a sua iniciativa e competência. Foi autor de diversos livros e artigos, destacando-se os temas: Dupla Contabilidade e Inventário Geral Patrimonial. Liderou projetos de pesquisa voltados para a análise financeira e econômica dos principais setores industriais da região do Vale do Rio dos Sinos. Destacou-se também por suas pesquisas e iniciativas na área do ensino da contabilidade; foi um entusiasta da educação e inovador sob diversos aspectos. Implantou na UNISINOS uma metodologia de ensino da contabilidade diferente da tradicionalmente utilizada nas demais instituições de ensino no Brasil. Essa metodologia tem como base o Inventário Geral Patrimonial e vem sendo utilizada com sucesso pela UNISINOS desde 1959. Essa forma diferente de ensinar a contabilidade é considerada o maior legado deixado por ele, e os seus seguidores na UNISINOS têm se empenhado em preservá-lo. Seu trabalho é reconhecido tanto na UNISINOS como fora dela, tendo sido traduzido em diversos títulos e homenagens que lhe foram prestadas.

Palavras-Chave: Dupla contabilidade; Inventário geral patrimonial; Alexandre Vertes.

ABSTRACT

The objective of this research is to make clear the contribution of Professor Alexandre Vertes, Ph.D., to the teaching, research, and diffusion of Accounting knowledge. In order to reach such goals, a qualitative approach using resources from thematic oral history and documental research is employed. Professor Vertes was born in Budapest, Hungary. He attended the *Universitatis Regiae Hungaricae Scientiarum Technicarum at Oeconomicarum Palatinus Josephus*, Budapest, Hungary where he graduated in Economics; he obtained his Ph.D. degree in 1937, being awarded an *Oeconomiae Publicae Doctorem*; and in 1949 he concluded the Forensic Accounting Expert Program, when he was awarded a Certified Public Accountant license. He moved to Brazil after the end of World War II, devoting himself to the academic field ever since. For the next 30 years he worked at Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) as a lecturer, responsible for the upbringing of countless professionals and lecturers in the Economics and Accounting fields. The Accounting Program of the above mentioned University was created in 1966, thanks to his initiative and competence. He wrote a number of articles and books, mainly on Double Accounting and the General Equity Inventory. He led a number of research projects about economic and financial analysis on the main industrial sectors of the Vale do Rio dos Sinos region. He distinguished himself also by his research and initiatives in the Accounting education field. He was an education enthusiast and an innovator in several aspects. He introduced at UNISINOS a unique Accounting teaching methodology different from those traditionally used by others universities in Brazil. This methodology is based on the General Equity Inventory, and has been successfully used by UNISINOS since 1959. This unique way of teaching is considered his major legacy and his followers at UNISINOS have been engaged in keeping it on. Professor Alexandre Vertes' work is recognized both at UNISINOS and outside the university, which is documented by the several titles and tributes that have been bestowed upon him.

Key-words: Double Accounting; General Equity Inventory; Alexandre Vertes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Inventário Geral n.º 1.....	77
Figura 2: Estrutura do Balanço Patrimonial de acordo com o Decreto-Lei n.º 2627/40	78
Figura 3: Balanço Patrimonial	79
Figura 4: Tabela Leopoldense (com coluna de ajustamentos).....	81
Figura 5: Ajustamentos efetuados no Papel de Trabalho.....	85
Figura 6: Papel de Trabalho	86
Figura 7: Balanço Geral n.º 6b.....	108
Figura 8: Balanço Geral Final.....	109
Figura 9: Diário Americano	109
Figura 10: Diário Americano Modificado.....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Evolução do Ensino Comercial no Brasil	48
Quadro 2: Principais Tradadistas Contábeis Brasileiros	54
Quadro 3: Disciplinas ministradas pelo Professor Dr. Alexandre Vertes na UNISINOS.....	72
Quadro 4: Trabalhos de conclusão orientados pelo professor Dr. Alexandre Vertes na UNISINOS	73
Quadro 5: Participantes do II Curso Superior de Atualização em Contabilidade Geral	89
Quadro 6: Participantes do III Curso Superior de Atualização em Contabilidade Geral	90
Quadro 7: Relação dos livros publicados pelo professor Dr. Alexandre Vertes ...	105
Quadro 8: Instituições de Ensino Superior que possuem obras do professor Vertes.....	128
Quadro 9: Relação dos artigos publicados pelo Professor Dr. Alexandre Vertes .	130
Quadro 10: Projetos de análise financeira liderados pelo professor Dr. Alexandre Vertes	137
Quadro 11: Pesquisas na área do ensino de contabilidade.....	143
Quadro 12: Participações do professor Vertes em Congressos, eventos e encontros	154
Quadro 13: Participação em Bancas Examinadoras - UFRGS	155
Quadro 14: Cronologia Vida e Obra do professor Vertes.....	157

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Tema	15
1.2 Título da Dissertação	15
1.3 Justificativa da Escolha do Tema	15
1.4 Problema de Pesquisa	16
1.5 Objetivos	17
1.5.1 Objetivo Geral	17
1.5.2 Objetivos Específicos	17
1.6 Metodologia de Trabalho	17
1.6.1 Delimitação do Estudo	18
1.6.2 Método	18
1.6.3 Coleta dos Dados	23
1.6.4 Análise dos Dados	26
1.6.5 Limitações do Método	27
2 REFERENCIAL HISTÓRICO	29
2.1 Contabilidade no Oriente	29
2.2 Contabilidade na Europa e América no Norte	31
2.2.1 Principais Escolas de Pensamento Contábil	35
2.3 Contabilidade no Brasil	47
2.3.1 A UNISINOS e a formação de profissionais e pesquisadores na área contábil	54
3 PROFESSOR DOUTOR ALEXANDRE VERTES	57
3.1 Vida Pessoal	57
3.2 Formação Profissional	64
3.3 Atuação na UNISINOS	65
3.3.1 Atividade Docente	68
3.3.2 Metodologia de Ensino da Contabilidade	75
3.3.3 Atividades Administrativas	96
3.3.4 Planisinos S/A	97
3.4 Atuação Extra-Institucional	100
3.4.1 Associação de Professores do Ensino Superior de Contabilidade	100
3.4.2 Outras Atividades	102
3.5 Produção Científica	104

3.5.1 Livros	105
3.5.2 Artigos	129
3.5.3 Pesquisas	136
3.5.4 Participações em Congressos, Conferências e outros Eventos.....	153
3.6 Cronologia da Vida e Obra do Professor Vertes	156
4 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	158
4.1 Conclusão.....	158
4.2 Recomendações	162
REFERÊNCIAS.....	163
FONTES	167
ANEXO A – TABELA LEOPOLDENSE DO MONTEPIO DA BRIGADA MILITAR.....	181
ANEXO B – TABELA LEOPOLDENSE MODELO SIMPLES	182
ANEXO C – TABELA LEOPOLDENSE MODELO EM PERCENTAGEM	183
APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	184
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	185

1 INTRODUÇÃO

A história da contabilidade tem sido objeto de muitos estudos, os quais lograram elucidar a trajetória que esta área do conhecimento percorreu em diferentes épocas até se solidificar como ciência. Nesse contexto, as pesquisas históricas revelam o trabalho dos estudiosos e instituições que contribuíram para o desenvolvimento de teorias, estabelecimento de normas e difusão do conhecimento, consolidando a contabilidade como ciência e como campo de atuação profissional.

Dessa forma, estudar a história da contabilidade implica em conhecer os trabalhos desenvolvidos pelas pessoas que se empenharam em deixar a sua contribuição ao desenvolvimento dessa área. Os principais estudos relacionados com a história da contabilidade estão centrados, com justa razão, nas contribuições das escolas européia e norte-americana. Porém existem outros países como, por exemplo, o Brasil, que também tiveram pessoas que prestaram contribuições relevantes para o engrandecimento dessa ciência.

Na Europa, as escolas italianas, francesas e alemãs contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da contabilidade, destacando-se os trabalhos desenvolvidos por Luca Pacioli, Benedetto Cotrugli, Francesco Villa, Antonio Tonzig, Francesco Marchi, Giuseppe Cerboni, Giovanni Rossi, Fabio Besta, Vittorio Alfieri, Carlos Ghidiglia, Pietro Rigobon, Pietro D'Alvise, Jean Dumarchey, Vincenzo Masi, Eugen Shmalenbach e Fritz Julius August Schmidt. A contribuição da escola norte-americana é reconhecida através das entidades e associações de classe, destacando-se os trabalhos desenvolvidos por Charles Ezra Sprague, Henry Rand Hatfield, William Andy Paton, Ananias Charles Littleton, Carman George Blough e Maurice Moonitz.

No Brasil, apesar de não se ter formado um movimento tão consistente a ponto de se criar uma escola de pensamento contábil própria, ao lançar um olhar sobre a história da

contabilidade no país, identifica-se três correntes genuinamente brasileiras: a Teoria da Correção Monetária, o GECON e o Neopatrimonialismo.

A Teoria da Correção Monetária refere-se ao tratamento contábil dos ativos em períodos de inflação. De acordo com Schmidt (1996), essa contribuição é reconhecida em termos mundiais. O principal personagem dessa corrente é o Professor Sérgio de Iudícibus, cuja tese de doutoramento intitulada “Contribuição à Teoria dos Ajustamentos Contábeis”, defendida em 1966, é considerada uma contribuição relevante para a contabilidade em nível mundial.

De acordo com Catelli (2001), o modelo GECON – Gestão Econômica, significa administração por resultado. Foi desenvolvido na década de 1980 por uma equipe de pesquisadores sob a orientação do Professor Dr. Armando Catelli, com base em levantamentos e estudos das necessidades da gestão, visando atender os modelos decisórios utilizados pelos gestores na tomada de decisões. Contou com o apoio da Fipecafi, ligada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

O Neopatrimonialismo é uma corrente liderada pelo Professor Dr. Antonio Lopes de Sá e resulta da fusão de diversas teorias elaboradas a partir da década de 1960. De acordo com Sá (2002), o Neopatrimonialismo fundamenta-se na Teoria das Funções Sistêmicas do Patrimônio.

Destaca-se, ainda, que além dos pesquisadores anteriormente citados, no Brasil, existiram diversas outras personalidades que, dentro de uma perspectiva temporal, contribuíram para o progresso da Ciência da Contabilidade. A contribuição brasileira provém de diversas regiões e está centrada nos trabalhos de docentes, pesquisadores e profissionais que atuaram e atuam na área contábil.

Apesar de não haver ainda uma pesquisa focada no desenvolvimento da contabilidade no Rio Grande do Sul, o referido estado contribuiu para o conhecimento contábil brasileiro. Parte significativa da história da contabilidade no Rio Grande do Sul, na área contábil, tem suas raízes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), que, apesar de ter iniciado sua trajetória na área contábil na década de 1960, tem colhido muitos louros nessa área. Dessa forma, resgatar a história da contabilidade no Rio Grande do Sul significa compor parte da história da contabilidade brasileira. Diante do exposto, pretende-se, então, resgatar dentro da história contábil do Rio

Grande do Sul a contribuição da UNISINOS, através do seu mais ilustre personagem: Alexandre Vertes.

1.1 Tema

O trabalho desenvolvido pelo Professor Dr. Alexandre Vertes na formação de profissionais da área contábil e na difusão do conhecimento contábil.

1.2 Título da Dissertação

“Alexandre Vertes – uma vida dedicada à contabilidade”.

1.3 Justificativa da Escolha do Tema

A Dissertação é uma exigência acadêmica para a obtenção da titulação de mestre, fazendo-se necessária, por conseguinte, a opção por um tema. O tema da presente pesquisa foi sugerido pelo orientador Professor Dr. Ernani Ott, que identificou a necessidade de evidenciar a atuação do Professor Dr. Alexandre Vertes como professor, pesquisador e difusor do conhecimento contábil, e o seu papel no curso de Ciências Contábeis da UNISINOS.

O método de ensino da contabilidade implantado na UNISINOS pelo professor Vertes tem permitido que a Instituição se destaque no cenário nacional, culminando com a criação do Curso de Mestrado em Ciências Contábeis em 1999 e constituindo-se na única Instituição de Ensino Superior do Rio Grande do Sul a oferecer, até o momento, um Curso dessa natureza devidamente reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Muito do sucesso dessa trajetória, sem dúvida, deve-se ao trabalho desenvolvido pelo professor Vertes, o que por si só justifica a realização deste estudo, no qual se faz o resgate e registro de suas realizações nesses longos anos de atividade na UNISINOS. Ao mesmo tempo, é resgatada e preservada a memória do curso de Ciências Contábeis na referida instituição.

1.4 Problema de Pesquisa

Sabe-se que as instituições de ensino superior, através do ensino e da pesquisa, têm exercido um papel relevante na solidificação da ciência contábil. No Rio Grande do Sul, duas instituições se sobressaíram na referida área: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e a Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS, graças ao trabalho desenvolvido por docentes e pesquisadores como Alexandre Vertes, Cibilis da Rocha Vianna, José Olavo do Nascimento, Albino Mathias Steinstrasser, Rudolf Ornstein e Olívio Koliver, entre outros, que forjaram diversos seguidores.

Notadamente, na UNISINOS, quando se fala em ciências contábeis, é inevitável a referência ao professor Vertes. Ao longo de sua trajetória de 30 anos na Universidade, foi responsável por diversos projetos relacionados com o ensino e a pesquisa da contabilidade. De sua competência e entusiasmo resultou a criação e implantação do Curso de Graduação em Ciências Contábeis, em 1966, no qual foi professor até 80 anos de idade, e implementou uma metodologia de ensino da contabilidade diferenciada, que tem feito com que o curso figure sistematicamente entre os 10 melhores do país, tendo sido destacado recentemente na Revista Veja como o curso de maior empregabilidade dentre os cursos de ciências Contábeis do país. A matéria foi publicada em 21 de setembro de 2005 e baseou-se em uma pesquisa na qual 215 empresas participantes foram questionadas a respeito de onde costumam buscar novos estagiários, *trainees* e funcionários. Os resultados apontaram que os alunos do curso de Ciências Contábeis da UNISINOS são os mais requisitados por essas empresas, refletindo a adaptabilidade do curso às necessidades do mercado de trabalho.

Apesar de o professor Vertes ter se destacado por suas realizações acadêmicas e confundir-se com a própria história do curso de Ciências Contábeis da UNISINOS, não existe trabalho que evidencie a sua atuação acadêmica e profissional na área contábil. Essa constatação levou ao seguinte questionamento:

- Qual o trabalho desenvolvido pelo Prof. Dr. Alexandre Vertes no ensino, pesquisa e difusão do conhecimento contábil?

1.5 Objetivos

1.5.1 Objetivo Geral

O problema de pesquisa, de acordo com Santos (1999), é a base para a construção do objetivo geral de uma pesquisa. Portanto, a fim de responder ao problema de pesquisa proposto, o objetivo geral é:

Evidenciar a contribuição do Prof. Dr. Alexandre Vertes ao ensino, pesquisa e difusão do conhecimento contábil.

1.5.2 Objetivos Específicos

Para o atendimento do objetivo geral, espera-se alcançar os seguintes objetivos específicos:

- Descrever as características pessoais e profissionais do professor Vertes;
- relatar os projetos liderados pelo professor Vertes;
- identificar a contribuição do professor Vertes na formação de profissionais e acadêmicos em ciências contábeis;
- descrever a produção científica do professor Vertes no campo contábil;
- resgatar a contribuição do professor Vertes na criação do curso de Ciências Contábeis da UNISINOS.

1.6 Metodologia de Trabalho

Nesse tópico, encontram-se descritos os procedimentos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa. A adoção de uma metodologia, nas pesquisas científicas, visa delinear o caminho a ser seguido para o atendimento dos objetivos propostos, pois, conforme Gil (1999, p.33), “[...] tem por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir a objetividade e precisão no estudo dos fatos sociais”.

1.6.1 Delimitação do Estudo

Este estudo evidencia a trajetória do professor Vertes em termos de sua produção científica na área contábil e de sua atuação acadêmica e profissional, bem como a trajetória de sua vida e a acuidade de suas idéias, mediante exame documental e depoimentos de pessoas com as quais se relacionou.

1.6.2 Método

Conforme Silva e Menezes (2001), as pesquisas podem ser classificadas quanto à forma de abordagem do problema, aos objetivos e aos procedimentos técnicos.

Nesta pesquisa fez-se uma abordagem qualitativa do problema, na medida em que sua resposta se respalda em pesquisa de cunho documental e em fontes orais, materializadas em entrevistas com pessoas que conviveram com o professor Vertes.

No que se refere ao objetivo, a pesquisa pode ser enquadrada como descritiva, pois, com base no material levantado e nas entrevistas realizadas, fez-se uma análise descritiva das características pessoais e profissionais do sujeito da pesquisa, dando-se ênfase à sua condição de professor e pesquisador da área contábil na UNISINOS.

Quanto aos procedimentos técnicos, a investigação está enquadrada na categoria de pesquisa documental, pois se lançou mão de documentos pessoais e de material publicado de autoria do sujeito da pesquisa. Também pode ser considerada como uma pesquisa de campo, na medida em que se fez uso de depoimentos de pessoas que conviveram com o sujeito da pesquisa no âmbito pessoal, profissional e acadêmico.

A pesquisa documental, de acordo com Gil (1999), consiste no exame de materiais que ainda não receberam tratamento analítico ou que possibilitem uma interpretação nova ou complementar. Para Godoy (1995), os documentos, normalmente, constituem-se em fontes de dados significativos para as pesquisas qualitativas. Dessa forma, foi definida a opção pela pesquisa documental, tendo em vista que ela oferece condições para se buscar informações oficiais sobre a trajetória de personagens históricas ou que tiveram importância em um dado momento da história.

Na pesquisa de campo, foi utilizado o procedimento de coleta de informações na modalidade de história oral temática. Essa opção foi motivada pela possibilidade que ela oferece de complementar informações originadas em documentos e/ou de evidenciar o que ainda não foi efetivamente documentado. Nesse sentido, para Meihy (1996, p. 13), a “história oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas”. A oralidade visa ao entendimento da vida das pessoas no contexto social, pois, de acordo com Thompson (1992, p. 44), “[...] é uma história construída em torno da vida das pessoas”. Para este autor, a história oral possibilita interagir com a comunidade, ampliando o campo de atuação da história.

Meihy (1996) reforça que a história oral é baseada em depoimentos gravados, que podem ser utilizados como complementação de fontes documentais ou como recurso para o entendimento de aspectos subjetivos. Os procedimentos metodológicos devem ser devidamente planejados, e as principais etapas são a gravação, a transcrição das entrevistas e a análise dos documentos transcritos, à luz dos conceitos-chave escolhidos para análise de toda a documentação.

Conforme Meihy (1996), existem três modalidades nas pesquisas que utilizam a história oral: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. No presente estudo, como referido anteriormente, utilizou-se a modalidade de história oral temática, pois o objetivo das entrevistas foi coletar informações sobre a vida pessoal e profissional do professor Vertes, através do depoimento de pessoas que tiveram relações pessoais, acadêmicas e profissionais com o mesmo. Considerando o caráter específico da história oral temática, só interessam detalhes da vida dos entrevistados na medida em que estes venham a expor aspectos pertinentes ao objeto de pesquisa. Na utilização da história oral, as entrevistas revelam também a existência de documentos escritos que por não serem de domínio público, não são localizados através de buscas tradicionais.

A entrevista é a principal etapa da história oral, pois, conforme Alberti (2005, p. 78), “é na realização de entrevistas que se situa efetivamente fazer a história oral”. No caso presente, a pesquisa baseou-se em entrevistas semi-estruturadas, seguindo um roteiro pré-estabelecido, mas ficando, o entrevistador com condições de reformular ou inserir questões ao perceber possíveis dificuldades de entendimento por parte dos entrevistados. Essa etapa iniciou-se com a seleção dos entrevistados e a elaboração do roteiro de entrevistas.

A definição de quais e quantas pessoas entrevistar deve ser baseada em critérios qualitativos relacionados com o que se quer saber, pois, de acordo com Alberti (2005, p. 172),

“os entrevistados são tomados como unidades qualitativas, e não como unidades estatísticas”. O autor evidencia que a história oral possui um elevado grau de imponderabilidade, pois nem todas as entrevistas atendem às expectativas inicialmente concebidas. Portanto, no projeto de pesquisa de história oral, não é possível definir o número exato de pessoas que serão entrevistadas e, sim, listar os entrevistados em potencial, de acordo com critérios previamente estabelecidos.

Isso posto, definiu-se como critério de seleção das pessoas a serem entrevistadas os seguintes elementos:

- a) ser parente do professor Vertes e/ou ter feito parte do seu círculo de amizades.
 - Essa escolha tem por objetivo narrar a trajetória de vida, sua formação e opção pela área acadêmica;
- b) ter trabalhado com o professor Vertes na UNISINOS e no mesmo Centro Acadêmico;
- c) ter participado dos seus projetos de pesquisa;
- d) ter sido seu aluno na graduação ou em cursos de extensão e pós-graduação;
- e) ter trabalhado com ele em consultorias prestadas a empresas.

- Os itens de “b” a “e” visam resgatar a trajetória do professor Vertes na academia e no meio empresarial.

De acordo com os critérios estabelecidos, foram, inicialmente, selecionadas para serem entrevistadas as seguintes pessoas:

- Susanne Vertes – viúva do professor Vertes e, portanto, a pessoa mais qualificada para fornecer informações referentes à trajetória pessoal e profissional do sujeito de pesquisa.
- Ernani Ott – ex-aluno do professor Vertes nos cursos de graduação em Ciências Econômicas e Ciências Contábeis na FEVAR SINOS/UNISINOS; ex-aluno no curso de especialização em Contabilidade na UNISINOS; ex-colega de trabalho no curso de graduação em Ciências Contábeis, no qual utilizava a metodologia de ensino da contabilidade implementada pelo professor Vertes; participou de diversos projetos de pesquisa desenvolvidos pelo sujeito da pesquisa; foi co-autor em uma das obras do professor Vertes, tendo sido, também, seu amigo pessoal.

Atualmente, o professor Ernani Ott é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da UNISINOS. Considerando-se os vários anos de convivência do Prof. Ott com o professor Vertes, entende-se que ele pode contribuir no resgate da trajetória pessoal e profissional do sujeito da pesquisa.

- Irani Paulo Basso – ex-aluno do professor Vertes no curso de aperfeiçoamento destinado à atualização e difusão de novos métodos de ensino da contabilidade, tornando-se seu seguidor ao implementar, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), a metodologia de ensino desenvolvida pelo sujeito da pesquisa. Espera-se que ele possa fornecer informações relevantes sobre a contribuição do professor Vertes na difusão do conhecimento contábil.
- Egon Handel – sucessor do professor Vertes na presidência da Associação dos Professores do Ensino Superior de Contabilidade (APESC). Tendo em vista que se pretende resgatar também a trajetória do sujeito da pesquisa fora da UNISINOS, espera-se que o Prof. Handel possa relatar fatos pertinentes à atuação do Prof. Vertes na criação e gestão da referida associação.
- Rolando Beulke – ex-colega de trabalho do professor Vertes no curso de graduação em Ciências Contábeis da UNISINOS. Desenvolveu trabalhos de consultoria na Planisinos S/A., entidade na qual o professor Vertes era diretor presidente. A escolha do Prof. Beulke foi motivada pela possibilidade de se obterem informações sobre a atuação do sujeito da pesquisa na referida empresa de consultoria.
- Olívio Koliver – pesquisador e professor na área contábil; foi Diretor da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos - FEVARSINOS na época em que o professor Vertes atuava como docente no curso de graduação em Ciências Econômicas. Trabalhou com ele fora da instituição, prestando serviços de consultoria e auditoria, e foi amigo pessoal do professor Vertes. Foi escolhido para ser entrevistado porque conhece as obras, pesquisas e metodologia desenvolvidas pelo professor Vertes, porém não foi seu seguidor. Espera-se que, nessa condição, possa apresentar uma apreciação sobre a metodologia desenvolvida pelo sujeito da pesquisa.
- Padre Egydio Eduardo Schneider – ex-aluno do professor Vertes no curso de graduação em Ciências Econômicas, na turma de 1966, da qual o professor Vertes

foi Paraninfo. Pe. Egidio foi Vice-Reitor da UNISINOS no período em que o professor Vertes atuava como docente. Atualmente, é Diretor do Colégio Anchieta em Porto Alegre. Espera-se que ele possa relatar fatos pertinentes à atuação do professor Vertes como docente e também relacionados com aspectos pessoais.

- Célio Pedro Wolfarth – ex-aluno do professor Vertes no curso de graduação em Ciências Contábeis e colega de docência no referido curso. Ele tem sido também um propagador da metodologia de ensino implantada pelo professor Vertes. Atualmente, é o Pró-Reitor de Administração da UNISINOS. Entende-se que ele pode relatar aspectos profissionais e pessoais do professor Vertes.
- Adolpho Walter Würch - ex-aluno do professor Vertes no curso de graduação em Ciências Econômicas e Ciências Contábeis na FEVARSINOS/UNISINOS; ex-aluno no curso de especialização em Contabilidade na UNISINOS; ex-colega docente na UNISINOS, tendo sido co-autor do livro Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços. Foi seguidor da metodologia de ensino desenvolvida pelo professor Vertes e poderá contribuir para essa pesquisa com relatos pertinentes à condição de docente e pesquisador do sujeito da pesquisa.
- Arthur Blásio Rambo – organizou o corpo docente da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos (FEVARSINOS), quando da sua criação. Foi através dele que o professor Vertes passou a fazer parte da equipe de docentes da referida instituição. Pretende-se, ao entrevistá-lo, conhecer as circunstâncias que envolveram a vinda do professor Vertes para a UNISINOS e obter informações sobre os trabalhos inicialmente desenvolvidos por ele.

No desenvolvimento da pesquisa foram selecionadas mais quatro pessoas para serem entrevistadas:

- João Verner Juenemann – foi amigo pessoal do professor Vertes; ex-professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na área contábil e auditor da UNISINOS. Espera-se que ele possa contribuir com informações sobre a vida pessoal do professor Vertes. Considera-se também relevante obter a opinião dele sobre a atuação acadêmica e produção científica, sob a ótica de alguém que não foi aluno ou colega docente do sujeito de pesquisa.
- Renato Becker – ex-colega docente do professor Vertes, tendo atuado, também, como membro da Associação dos Professores do Ensino Superior de

Contabilidade. Ao entrevistá-lo, espera-se obter informações da atuação do professor Vertes na referida entidade.

- Luiz João Corrar – professor da Universidade de São Paulo (USP). Em dado momento, utilizou o livro *Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços*, de autoria do professor Vertes. Dessa forma, espera-se que possa expressar sua opinião sobre o mesmo.
- Delmar Morschel – ex-aluno do professor Vertes. Participou do projeto de regime integral implementado e coordenado pelo professor Vertes. Nesse sentido, pretende-se obter informações relacionadas ao referido projeto.

Os roteiros de entrevista foram elaborados de acordo com as palavras-chave relacionadas a seguir, e delineadas pelo tipo de relação que os entrevistados tiveram com o sujeito de pesquisa.

Palavras-chave:

- Vida pessoal do professor Vertes
- Atividades profissionais na UNISINOS
- Atividades profissionais fora da academia
- Relações profissionais dos entrevistados com o professor Vertes
- Produção científica do professor Vertes
- Relações de amizade dos entrevistados com o professor Vertes
- Projetos de pesquisa liderados ou coordenados pelo professor Vertes

1.6.3 Coleta dos Dados

A coleta, organização e sistematização dos dados foram realizadas utilizando-se documentos pessoais, cujo acesso foi permitido por familiares do professor Vertes; documentos acadêmicos, como livros e revistas referentes à área de conhecimento das ciências contábeis, com a finalidade de levantar a produção científica do professor Vertes;

assentamentos em sua pasta laboral¹ existente nos arquivos da UNISINOS; documentos acadêmicos arquivados no setor de registros da UNISINOS; entrevistas semi-estruturadas; e utilização de fontes impressas (jornalísticas) para verificar a repercussão do trabalho do professor Vertes fora do ambiente da academia.

Primeiramente, procurou-se localizar as fontes documentais necessárias para a pesquisa sem, no entanto, haver uma preocupação imediata com a análise propriamente dita. Conforme Pimentel (2001), as categorias de análise dependem do material coletado, devendo este, então, ser encontrado. Nesse processo, geralmente, um documento remete o pesquisador à procura de outros documentos. Dessa forma, efetuou-se o mapeamento dos documentos, identificando cada documento e sua respectiva localização.

Por razões de ordem prática, as primeiras entrevistas foram realizadas com pessoas que ainda trabalham na UNISINOS, tendo em vista a facilidade em contatá-las, gerando, em consequência, menor gasto de tempo. Em seguida, foram entrevistadas as demais pessoas. As entrevistas foram realizadas no período de 21 de dezembro de 2005 a 26 de janeiro de 2006, em locais, horários e dias definidos pelos narradores, sendo a maioria nos próprios locais de trabalho dos entrevistados, a cargo da própria pesquisadora, com gravação em meio digital.

Das pessoas contatadas, somente o Sr. Egon Handel entendeu que não tinha muito a contribuir como entrevistado, porém prontificou-se a disponibilizar os documentos referentes à Associação dos Professores do Ensino Superior de Contabilidade, o que, no entanto, não foi concretizado.

Não foi possível entrevistar a Sra. Susanne Vertes, pois, quando estavam sendo iniciados os procedimentos para as entrevistas, ela se encontrava bastante doente, vindo a falecer no dia 17 de dezembro de 2005. No entanto, utilizou-se uma entrevista concedida por ela à TV UNISINOS, veiculada no Programa Valores e Negócios, em junho de 2000, no qual se fazia uma homenagem ao professor Vertes.

Também não foi possível entrevistar pessoalmente o Professor João Luiz Corrar. Foi-lhe enviado um *e-mail* solicitando suas considerações sobre a obra do professor Vertes que ele havia utilizado. Ele prontamente respondeu, narrando como conheceu o livro do professor Vertes e por que decidiu adotá-lo nas turmas para as quais lecionava.

¹ Arquivo mantido pela UNISINOS, que contém cópias de documentos pessoais, contrato de trabalho e *curriculum vitae*.

A entrevista, momento de encontro e diálogo, foi seguida pela fase da transposição dos discursos orais gravados para os discursos escritos. Essa etapa foi lenta; o procedimento adotado foi de iniciar esse trabalho imediatamente após a realização das entrevistas. Isso possibilitou recuperar as impressões do encontro com maior precisão e, nesse sentido, as anotações feitas durante a entrevista também auxiliaram.

Para executar o processo de transcrição, foram utilizados os procedimentos descritos por Thompson (1992) e Alberti (2005). Optou-se pela transcrição integral do material gravado, pois, conforme evidencia Thompson (1992, p. 293), “[...] não existe nada que substitua uma transcrição completa. A transcrição integral deve, pois, incluir tudo o que está gravado, com exceção das possíveis digressões, para verificar se o gravador está funcionando e tomar uma xícara de café, por exemplo”.

Com relação à execução da transcrição, foram seguidos os procedimentos descritos por Alberti (2005), ou seja, em cada entrevista, inicialmente, ouviu-se um trecho da fita para familiarização com o discurso e a fala do entrevistado. Em seguida, voltou-se à gravação, procurou-se ouvir as construções das frases e iniciou-se, então, a transcrição. As entrevistas foram transcritas diretamente num computador, para evitar o re-trabalho e possíveis distorções em função da grafia.

Uma vez realizada a primeira etapa da transcrição, fez-se uma cópia dos arquivos e iniciou-se o trabalho de conferência. Nessa etapa, ouviu-se novamente a gravação e comparou-se com o texto transcrito, e, quando necessário, foram efetuadas pequenas correções de datas, nomes de pessoas e lugares.

Em geral, os depoimentos foram bem articulados e de fácil compreensão, o que facilitou bastante o trabalho de transcrição. Na transcrição, utilizou-se o recurso das marcações para expressar elementos que não puderam ser explicitados com palavras escritas. De acordo com Alberti (2005, p. 178), “[...] as marcações têm a função de suprir algumas deficiências que resultam da passagem do documento para a forma escrita, uma vez que não é possível, no documento escrito, reproduzir o tom de voz, seu ritmo, a pronúncia das palavras, etc, [...]”.

1.6.4 Análise dos Dados

Os dados coletados, organizados e sistematizados, conforme descrito no item 1.6.3, foram objeto de análise qualitativa e descritiva, de acordo com as seguintes categorias de análise:

- 1) Vida Pessoal:
 - No Exterior
 - No Brasil
- 2) Formação Profissional:
 - No Exterior
 - No Brasil
- 3) Atuação na UNISINOS:
 - Como administrador
 - Como docente
- 4) Produção Científica
- 5) Atuação Profissional Fora da Academia

Essas categorias de análise foram delineadas de acordo com os objetivos do trabalho e com os documentos encontrados.

Para organizar o material coletado, foi utilizada a técnica de fichamento. As fichas elaboradas contêm informações sobre:

- a) registro dos dados dos documentos (autor, título, editora, ano e localização);
- b) categoria de análise;
- c) informação sobre o conteúdo do documento (literal ou resumo).

Na parte superior direita das fichas, foram anotadas as categorias de análise. Todo documento encontrado recebeu a classificação nas fichas, dentro da categoria correspondente. Uma vez classificado o material ou partes do material na respectiva categoria, identificou-se a fonte do mesmo e anotou-se tudo o que era considerado relevante para aquela categoria de análise. Em alguns casos, um único documento era relacionado em diversas categorias.

O fichamento dos documentos possibilitou identificar os elementos que faltavam para o atendimento da proposta da pesquisa e, com base nesses elementos, foram estruturadas as entrevistas. Nestas, utilizou-se o mesmo procedimento dos documentos e, depois de transcritas e conferidas, o texto gerado foi lido cuidadosamente para identificar as categorias de análise. Em seguida, partes da entrevista foram separadas e agrupadas dentro das categorias pertinentes e coladas nas fichas.

O fichamento foi um recurso importante no desenvolvimento desta pesquisa, tendo em vista que a quantidade de documentos utilizados demandou uma forma sistematizada para ordená-los dentro das categorias de análise.

Os documentos provenientes das fontes escritas (impressas) e orais, após analisados de acordo com as categorias de análise, foram tratados como fonte de informações a partir das quais foi elaborado o texto em que se descreveu a trajetória profissional e pessoal do professor Vertes.

1.6.5 Limitações do Método

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados os procedimentos metodológicos considerados adequados. No entanto, os recursos metodológicos são passíveis de limitações.

Por exemplo, adotou-se no estudo o método qualitativo. Conforme Neves (1996), as pesquisas qualitativas visam expressar o sentido dos fenômenos sociais, ou seja, compreender a essência. Para tal, são utilizados dados descritivos, obtidos a partir da interação do pesquisador com o objeto de pesquisa. A interpretação e compreensão dos fenômenos estudados, geralmente, são feitas à luz das perspectivas dos participantes do contexto estudado. Em vista do exposto, Manning (1979, p. 668) chama a atenção para os problemas relacionados com a análise e decodificação dos dados, tendo em vista que esses dados refletem idéias escritas ou faladas. A forma de expressão (escrita ou falada) pode levar à interpretação equivocada da essência das idéias. Nesse sentido, argumentos tanto em forma de texto como orais podem conter formas simbólicas de expressão, as quais nem sempre são compreendidas pelo pesquisador. Como no presente estudo foram utilizadas fontes orais e documentais, isso pode ter acarretado algum problema de compreensão do discurso.

Os procedimentos pertinentes às fontes orais foram delineados pelos recursos de história oral, e as informações baseiam-se na memória das pessoas entrevistadas. Esse fator é apontado por Haguette (1995) como uma limitação, pois a memória não constitui simplesmente dados de fatos passados. Ela encontra-se integrada com o presente, e isso implica em constante mudança e reformulação da memória em função das experiências e impressões geradas por fatos novos. Em vista do exposto, o autor recomenda que os depoimentos sejam considerados no seu conjunto e não individualmente, ou complementados por outras fontes. Considerando-se que as fontes orais, na presente pesquisa, foram utilizadas para complementar dados provenientes das fontes documentais, acredita-se que foi possível minimizar a limitação apontada.

2 REFERENCIAL HISTÓRICO

A existência da contabilidade tem origem milenar. Historiadores assinalam que a contabilidade é praticada desde os tempos remotos da civilização e teve um processo evolutivo que acompanhou o progresso econômico e influenciou a cultura da humanidade. (LITTLETON, 1977; SCHMIDT, 1996; HENDRIKSEN; VAN BREDA, 1999; MATTESSICH, 2000).

No aspecto econômico, de acordo com Mattessich (2000), a contabilidade começou há muito tempo atrás a desenvolver uma metodologia simples de registro, para ajudar os comerciantes a lembrar de suas obrigações financeiras e os sócios a explicar suas ações. Dessa forma, a contabilidade tem se destacado como um instrumento de grande significância econômica e social. No que se refere aos aspectos culturais, existem evidências de que sua origem foi o principal impulso para a invenção de dois marcos importantes na vida cultural da humanidade: a escrita e a contagem abstrata.

A história da contabilidade revela que ela é o resultado das contribuições de diversas culturas, nações e continentes. De acordo com Hendriksen e Van Breda (1999), eventos ocorridos na África, Índia, Iraque e outros demonstram que a contabilidade recebeu contribuições do mundo todo para chegar ao seu estágio atual.

2.1 Contabilidade no Oriente

Conforme Hendriksen e Van Breda (1999), o Oriente Médio e o Extremo-Oriente tiveram economias sofisticadas muito antes da Europa, e esse avanço econômico impulsionou o desenvolvimento de um sistema de registro comercial, possibilitando a essas civilizações o

controle e acompanhamento de seus negócios.

No Egito, foram encontrados registros de pagamentos de taxas por agricultores pelo uso da água do rio Nilo. Esses pagamentos eram feitos com mercadorias (cereais e linhaça), e os registros eram efetuados nas paredes das casas dos agricultores, através de desenhos de recipientes de cereais, possibilitando aos governantes o controle de suas arrecadações (KEISTER, 1970).

Conforme Burns, Lerner e Meacham (1989), foi a partir de 3000 a.C. que a manufatura e o comércio começaram a ganhar destaque na economia do Egito. Os autores destacam que os egípcios foram bem sucedidos no aperfeiçoamento de técnicas de comércio, pois conheciam procedimentos de contabilidade e escrituração. Os mercadores egípcios faziam registros de pedidos e recibos de mercadorias; inventaram a escritura de propriedade, o contrato escrito e o testamento. Não possuíam sistema de cunhagem de moeda, porém utilizavam o cobre e o ouro como unidade de troca para transações maiores, e o escambo nas transações de menor valor.

O Vale da Mesopotâmia, conforme Keister (1970), foi o berço das civilizações Assírias, Babilônicas e Sumérias, em torno de 4500 a.C. a 500 a.C. Atualmente, a referida área encontra-se, na sua maior parte, dentro dos limites do Iraque e em pequenas áreas periféricas na Síria e Irã. A área geográfica ocupada por esses povos era pequena, porém os registros contábeis deixados por eles foram bastante significativos para a composição da história da contabilidade.

Conforme o autor citado, na região do Vale da Mesopotâmia, os arqueólogos encontraram e recuperaram milhares de registros antigos que estavam em tabuletas de argila. Foram encontradas tabuletas com cerca de quatro mil anos; de recibos de pagamentos; inventários; empréstimos; compras; vendas; aluguéis; formação e dissolução de sociedades; garantias, etc. Embora estes registros não sejam semelhantes aos praticados na contabilidade nos dias atuais, são registros comerciais, e a análise deles permite reconhecer que o começo da contabilidade ocorreu nessas civilizações.

De acordo com Hendriksen e Van Breda (1999), o crescimento econômico do Oriente, aliado ao desenvolvimento da navegação, proporcionou um intenso comércio entre Europa e Oriente. Dessa forma, à medida que as operações comerciais cresciam, a riqueza era acumulada, e as negociações passaram a adotar sistemas de representação e associações, dando origem às sociedades.

As sociedades comerciais necessitavam de mecanismos que possibilitassem a prestação de contas, tendo em vista que as firmas eram entidades separadas e distintas das pessoas e proprietários. E é provável que as relações comerciais entre o Oriente e a Europa, além do desenvolvimento econômico, tenham possibilitado a difusão das técnicas de registros comerciais, possibilitando o desenvolvimento e a difusão da contabilidade.

2.2 Contabilidade na Europa e América no Norte

Conforme Schmidt (1996), a contabilidade europeia desenvolveu-se a partir do século XI, motivada pelo crescimento econômico das cidades costeiras italianas. Para Hugon (1980), a ascensão do islamismo deu início à Guerra Santa, denominada de Cruzadas, cujo objetivo era libertar Jerusalém do domínio turco. As cruzadas tiveram papel importante no desenvolvimento do comércio, pois colocaram em contato civilizações orientais e ocidentais, fomentando a troca, o comércio e a indústria. As cidades de Gênova e Veneza tornaram-se grandes centros comerciais, impulsionadas pela integração do Ocidente com o Oriente. Com a intensificação das atividades econômicas nas cidades italianas, a contabilidade passou a ter grande significância no processo de controle dessas atividades comerciais.

Para atender as necessidades de informação e controle geradas pela intensificação das atividades comerciais italianas, a contabilidade foi aperfeiçoando e desenvolvendo suas técnicas. A Itália é considerada o berço da contabilidade, pois foi onde surgiu a metodologia das partidas dobradas, a qual consiste na igualdade entre débitos e créditos, evidenciando a causa e o efeito das operações, e essa metodologia não foi superada até os dias atuais.

Conforme De Roover (1955), os exemplos mais antigos do uso da metodologia das partidas dobradas são os registros genoveses do ano de 1340, aceitos pela maioria das autoridades no assunto, inclusive por Fabio Besta, Henry Rand Hatfield, A. C. Littleton, Balduin Penndorf, entre outros.

A metodologia das partidas dobradas propagou-se rapidamente por toda a Europa. De acordo com Littleton (1977), na Itália, em 1494, foi impresso um livro de matemática contendo uma seção sobre procedimentos contábeis, denominado *Suma de Aritmética, Proporção e Proporcionalidade*, de autoria de um frei franciscano chamado Luca Pacioli, que se tornou um marco na história da contabilidade porque possibilitou a difusão da metodologia das partidas dobradas. Para Sá (2004, p.59), “[...] a obra do Frei tem essa imensa virtude de

romper a inércia e de abrir as portas para que, no século seguinte, muitos tratadistas, em toda a Europa, se interessassem em escrever sobre assuntos da Contabilidade”.

É provável que o método das partidas dobradas, descrito por Pacioli, tenha se originado pela necessidade que os comerciantes, pessoas que emprestavam dinheiro e outros tinham de utilizar um sistema de registro que fosse capaz de auxiliá-los a controlar seus negócios. Notadamente, o período da Renascença Clássica caracterizou-se como um período comercial em que o comércio e as trocas se intensificaram. Dessa forma, acredita-se que a contabilidade evoluiu motivada pelas necessidades de gerenciamento e controle das atividades comerciais.

A partir do final do século XV, inicia-se, segundo Hendriksen e Van Breda (1999), a era da estagnação contábil, motivada pela decadência política e comercial das cidades italianas. Nesse período, apesar de não ter havido significativos avanços na contabilidade, foi o período em que o sistema de partidas dobradas se solidificou, espalhando-se para outros países.

Apesar de a Itália ser considerada como berço da contabilidade, conforme Littleton (1977), muito tempo antes de aparecer a contabilidade italiana, a Inglaterra já usava um sistema de registros muito diferente do sistema italiano. O sistema inglês era chamado de contabilidade de agência, no contraste da contabilidade proprietária italiana. Nessa época, esse método servia, particularmente, para operações de controle do domínio feudal. Dessa forma, a contabilidade italiana, quando alcançou a Inglaterra, passou a competir com métodos previamente estabelecidos.

Na Europa Ocidental, no século XVII, começou-se a modificar os métodos transmitidos pelos italianos, porém os procedimentos e princípios fundamentais foram preservados. As modificações se deram basicamente para adaptar a metodologia e facilitar o entendimento dos usuários. O fato de que, finalmente, o sistema estrangeiro suplantou o sistema local é indicativo da superioridade e adaptabilidade do método das partidas dobradas, descrito por Pacioli.

Os trabalhos dos autores na tradução ou adaptação do livro de Pacioli foram os principais responsáveis por trazerem para a Europa Ocidental o conhecimento da contabilidade italiana no século XVI. Os métodos italianos foram descritos nos livros publicados na Bélgica por Ympyn (1543) e Menher (1550), e, na Inglaterra por Oldcastle (1543) e Peelle (1553).

De acordo com Schmidt (1996), a história do pensamento contábil teve início no século XV, notadamente a partir da obra de Pacioli, surgindo um movimento que abrigou contadores e se denominou escola contista. A partir dessa escola, surgiram diversas outras: escola administrativa ou lombarda, escola personalista, escola veneziana ou controlista, escola norte-americana, escola matemática, escola neocontista ou moderna escola francesa, escola alemã, moderna escola italiana e escola patrimonialista, que contribuíram para o desenvolvimento do pensamento contábil.

Com o advento da revolução industrial, a contabilidade entrou novamente em uma fase de desenvolvimento acentuado. De acordo com Hendriksen e Van Breda (1999), foi o fim da era da estagnação contábil. Conforme Hunt e Sherman (1997), o aumento da demanda e as expectativas de lucros elevados no final do século XVIII e no início do século XIX provocaram profundas mudanças econômicas e sociais, sendo denominada de Revolução Industrial. Esse fenômeno teve início na Inglaterra e, posteriormente, propagou-se para a Europa Ocidental e América do Norte, formando sociedades predominantemente urbanas, com grandes cidades manufatureiras que empregavam grande quantidade de mão-de-obra.

O crescimento veloz da produção industrial e o aumento de investimento público em ações das companhias impulsionaram, de forma considerável, a expansão da contabilidade. Enquanto a necessidade de controle gerencial desenvolveu gradualmente a contabilidade de custos, a necessidade de proteger o público investidor da ingerência dos gestores das corporações fez surgir a auditoria externa, executada por uma classe de profissionais independentes da contabilidade.

Conforme Littleton (1977), a prospecção da auditoria teve forte apoio de leis aprovadas pelo Parlamento Britânico (1844, 1855, 1862, 1870). As novas leis exigiam que as companhias elaborassem balanços anuais e estes deveriam ser apresentados, após serem auditados, a todos os interessados. Em parte por causa dessas leis, este século promoveu a ascensão de organizações profissionais de contabilidade. Isso também ocorreu na Escócia, em 1854, e na Inglaterra, em 1870.

A partir do ano de 1900, a contabilidade de custos apresentou um acentuado desenvolvimento. Isso ocorreu em consequência da produção em massa na América do Norte e a grande competição industrial dos produtos. As modificações no processo produtivo tiveram um conseqüente efeito no surgimento e desenvolvimento da contabilidade de custos, pois as organizações demandavam controles internos e orçamentos para administrar seus negócios.

De acordo Littleton (1977), o uso da contabilidade moderna, especialmente a conexão da contabilidade de custos com as informações de lucro, tornaram-se extremamente relevantes durante a Segunda Guerra Mundial, pois o governo norte-americano limitou os lucros com o controle de preços e pôs os custos envolvidos nos contratos de munição sob exame minucioso.

O autor destaca outros eventos importantes que interferiram fortemente na formação da contabilidade norte-americana, como o crescimento pós-guerra nos anos 20 e a depressão dos anos 30, os quais revelaram que muitas das formas de financiamento e métodos de avaliações financeiras eram deficientes e deveriam ser aperfeiçoados. Isso conduziu à legislação de 1933 e 1934, que determinava o exame minucioso na contabilidade das companhias que utilizavam financiamento público em seus negócios. As certificações financeiras passaram a ser requeridas nas ofertas públicas de ações, atendendo as novas exigências de segurança para os investidores.

Considerando a significância do mercado financeiro, a contabilidade norte-americana caracterizou-se pelo seu aspecto normativo, tanto para os profissionais como para os procedimentos contábeis adotados, visando à proteção de investidores e à prospecção do mercado de capitais.

Conforme Schmidt (1996), a escola norte-americana de contabilidade centrou-se, inicialmente, mais nos aspectos práticos do que na construção de teorias. Porém, destaca que esta, ao desenvolver normas visando à qualificação das informações contábeis, tornou-se uma das mais importantes correntes de contabilidade do mundo. A escola norte-americana possui dois enfoques: um voltado aos usuários externos, centrado na contabilidade financeira e nos relatórios contábeis, e outro voltado aos usuários internos, centrado na contabilidade gerencial.

Pelo breve relato histórico até aqui apresentado, é possível compreender o desenvolvimento da contabilidade. Nota-se que a evolução dela esteve relacionada a muitos fatos históricos, destacando-se eventos militares, políticos, religiosos, geográficos e econômicos. Percebe-se que ela encontrou no desenvolvimento do comércio, da indústria e no mercado financeiro, terreno fértil para o seu desenvolvimento. Inicialmente, a Revolução Comercial que marcou o fim da era Medieval fez desenvolver o comércio entre as nações, e as sociedades e parcerias daí decorrentes tornaram a contabilidade um instrumento essencial para o fornecimento de dados e informações sobre os negócios. Posteriormente, a Revolução Industrial possibilitou a criação de empreendimentos mecanizados, que agregavam máquinas e pessoas no processo produtivo. A contabilidade desenvolveu mecanismos que possibilitaram o gerenciamento dessas organizações complexas, tendo em vista a demanda por informações,

principalmente quanto à formação de custos, relevantes para a gestão eficaz, provocando o desenvolvimento acentuado da contabilidade de custos.

Destaca-se também como um fator importante para a contabilidade, o desenvolvimento dos mercados de capitais. A separação entre capital e gestão provocou uma demanda dos investidores por informações referentes aos negócios. A contabilidade atendeu às necessidades dos proprietários (investidores), disponibilizando informações que possibilitavam a estes acompanharem o que ocorria com seus negócios e tomarem decisões fundamentadas nestas informações. Dessa forma, nota-se que, quanto mais complexas se tornam essas relações, maior é a necessidade de informações contábeis seguras e confiáveis.

A contabilidade foi evoluindo, acompanhando os avanços econômicos, financeiros e tecnológicos, em sintonia com as necessidades da sociedade, dando surgimento à emissão e ao aprimoramento de normas e procedimentos, ganhando mercado e importância.

De acordo com Schmidt (1996), a contabilidade, tal como a conhecemos hoje, é consequência do meio onde está inserida e dependendo da necessidade dos usuários, ela se molda e se desenvolve. Se a contabilidade efetivamente evoluiu para atender as necessidades dos seus usuários, é porque, nesse processo, existiram estudiosos e pesquisadores que construíram bases teóricas e doutrinárias que a impulsionaram. Nesse sentido, o autor, em sua tese, faz um estudo destacando as principais escolas de contabilidade e as contribuições dos estudiosos no desenvolvimento da contabilidade como ciência.

2.2.1 Principais Escolas de Pensamento Contábil

As escolas de pensamento contábil foram importantes no processo de solidificação da contabilidade como ciência e na difusão do conhecimento gerado nesse processo. Por trás de todos esses movimentos, encontram-se pessoas que, através de suas opiniões, estudos, pesquisas e idéias empenharam-se, em épocas distintas, para que a contabilidade chegasse ao estágio em que se encontra atualmente. Nesse sentido, especificamente, com base na pesquisa desenvolvida por Schmidt (1996), apresentam-se as principais escolas e os principais estudiosos que as desenvolveram.

a) Escola Contista

A primeira corrente de pensamento contábil foi o Contismo, em 1494. O desenvolvimento dessa escola foi motivado pela preocupação dos autores nos processos de escrituração. A ênfase nas contas deu origem ao nome dessa corrente de pensamento contábil. Conforme Favero *et al* (1997), essa corrente marca o início da evolução científica da contabilidade, porém destaca que, ao dar excessiva importância para o funcionamento das contas, negligenciou as operações que ocorrem nas entidades. Para Sá (1997), essa escola não pode ser classificada como científica, tendo em vista que considera como objeto da contabilidade as contas, as quais são meramente instrumentos contábeis, motivo pelo qual o autor a classifica como pré-científica.

O contismo teve, segundo Herrmann Jr *et al.* (1996), grande difusão e aceitação na França, inclusive foram elaboradas importantes teorias nesse país, destacando-se os trabalhos de Jacques Savary e Edmundo Degranges.

Conforme Favero *et al.* (1997), Savary enumerou as contas que serviram de base para o desenvolvimento da teoria das cinco contas, e Degranges se dedicou à elaboração da teoria das cinco contas gerais. Essa teoria foi divulgada em 1795, e considerava cinco efeitos referentes às operações comerciais, relacionados a seguir:

- 1º. – Mercadorias,
- 2º. – Dinheiro,
- 3º. - Efeitos a receber,
- 4º. - Efeitos a pagar,
- 5º. – Lucros e perdas.

De acordo com Schmidt (1996), a teoria das cinco contas possibilitava ao comerciante visualizar, em contas separadas, seus recebimentos, pagamentos e os lucros e prejuízos. A teoria das cinco contas, apesar de seguirem os princípios do contismo, não foi muito popular na Itália.

Para o contismo, as contas representavam o princípio do dever e do haver, através do conjunto de débitos e créditos. A conta capital foi criada com o surgimento de sociedades, marcando a separação da entidade e do seu proprietário. As contas representavam sempre pessoas, ou seja, todas as contas eram pessoais, embora, às vezes, possuíam outra denominação.

Schmidt (1996) evidencia a contribuição da escola contista no processo de comunicação contábil, através dos livros contábeis. O contista Edmond Degranges criou o livro diário-razão, objetivando simplificar as anotações e reduzir o número de contas, que teve boa aceitação em outros países. Em 1796, na Inglaterra, Edward Thomas Jones desenvolveu o modelo inglês de registro, o qual utilizava dois livros principais, o diário e o razão, e dois livros auxiliares, o caixa e do armazém ou existências. Edward Thomas Jones foi o primeiro a entender a necessidade de ter um controle numérico entre os livros principais. Ao efetuar a soma separada do diário e do razão, o processo permitia verificar a igualdade de ambas as somas.

Os principais personagens da corrente de pensamento contábil contista, segundo Schmidt (1996), foram Benedetto Cotrugli e Luca Pacioli.

Benedetto Cotrugli escreveu, em 1458, um dos primeiros manuscritos apresentando contas de partidas dobradas, denominado de *Il libro dell'arte di mercatura*, e Luca Pacioli publicou, em 1494, a obra *La Summa de Arithmetica, Geometria, Proportioni e Proportionalità*. O livro apresenta, no Tratado XV, o método de registro contábil de Partidas Dobradas. Essa obra é considerada um marco na história da contabilidade, pois possibilitou a difusão das partidas dobradas.

b) Escola Administrativa ou Lombarda

A escola administrativa ou lombarda centrou seus estudos nos aspectos administrativos da entidade. Essa escola foi a responsável por “[...] desvincular a contabilidade do campo formal, das cifras e dos números, que dominava o campo de interesse dos estudiosos da época” (SCHMIDT, 1996, p. 103). Pela citação do autor, percebe-se que a escola administrativa ou lombarda ampliou os horizontes da contabilidade, que até então estavam limitados às técnicas de registro e aos mecanismos das contas.

O autor evidencia que, para a escola lombarda, a contabilidade implicava em conhecer e apresentar a natureza e os detalhes dos elementos formadores do patrimônio das empresas. A referida escola tinha a concepção da contabilidade como processo de gestão e controle, no qual a técnica de registro era apenas um instrumento. Atribuía os objetivos da administração à contabilidade, pois, nesse período, metade do século XIX, a administração ainda não era considerada uma disciplina autônoma.

A escola lombarda preocupou-se em prospectar a contabilidade como ferramenta de apoio à gestão, vinculando a administração à contabilidade, e contribuiu para o processo de

comunicação contábil na medida em que vislumbra na contabilidade um instrumento de produção e comunicação de informações.

Conforme Schmidt (1996), os principais personagens da escola lombarda foram Francesco Villa e Antonio Tonzig.

As principais obras de Francesco Villa, destacadas por Schmidt (1996), são: *Manuale per la tenuta dei registi*, *La contabilità applicata alle amministrazioni private e pubbliche*, *Elementi di amministrazione e contabilità*, *Nozioni e pensieri sulla pubblica amministrazione*.

Antonio Tonzig destacou-se pela obra publicada em 1876, denominada *Nuova scuola perfetta dei mercanti, ossia la vera scienza della contabilità commerciale*.

Escola Personalista

De acordo com Schmidt (1996), essa escola de pensamento contábil foi fundada durante a segunda metade do século XIX e deu personalidade às contas, visando explicar as relações de direitos e de obrigações. Contribuiu para o processo de comunicação contábil, na medida em que evidenciava a contabilidade como mecanismo informacional no processo de gestão e tomada de decisão. Os estudiosos da referida escola defendiam a idéia de que as informações contábeis podiam reduzir as incertezas na gestão das entidades.

Para Schmidt (1996), os principais personagens da escola personalista foram: Francesco Marchi, Giuseppe Cerboni e Giovanni Rossi.

Francesco Marchi publicou, em 1867, a obra *I cinquecontisti ovvero la ingannevole teorica che viene insegnata negli istituti tecnici del Regno e fuori del Regno intorno il sistema di scrittura a partita doppia e nuovo saggio per la facile intelligenza ed applicazione di quel sistema* e, em 1868 publicou o livro *Le scuole francese ed italiana nell'insegnamento della contabilità a scrittura completa o doppia ed a scrittura incompleta o semplice*.

Giuseppe Cerboni publicou, em 1886, o primeiro volume de sua principal obra denominada *La Ragioneria Scientifica e le sue relazioni con le discipline amministrative e sociali-Prolegomeni*. O segundo volume da obra (*il metodo*) foi publicado em 1894.

Giovanni Rossi foi responsável pela criação de uma revista bimestral chamada *Il Logismografo*. As principais obras de Rossi foram: *Delle attinenze logismografiche*, *Studi sulle teoriche carboniane em Reggio Emilia*, *L'Ente economico-amministrativo, studiato secondo la materia, le funzione, l'organizzazione e la varietà delle sue forme*, em 1882; *Trattato dell'unità teoretica dei metodi di scrittura in partita doppia*, em 1895; *Teoria*

matematica della scrittura doppia italiana, 1901; *Classificazione degli enti economico-amministrativi*, 1907; e *Trattato di Ragioneria scientifica*, 1912.

d) Escola Controlista

A escola controlista teve como personagem principal Fabio Besta. Conforme Schmidt (1996), Besta caracterizou sua escola pela distinção entre o conceito de administração geral e administração econômica. O controlismo difundiu a idéia de que a contabilidade tinha como objeto o controle da riqueza. Besta entendia a contabilidade como a ciência do controle econômico.

A escola controlista enfatizou a gestão e o controle das atividades das entidades, que podem ser exercidos através das demonstrações de resultados, balanços, contas e orçamentos. Essa postura fica clara na definição da missão da contabilidade, feita por Besta, na qual ele a relaciona com o processo de gestão. A primeira missão era proporcionar condições para a análise da gestão, a segunda era a de acompanhar a gestão, evidenciando os fatos pertinentes ao julgamento do trabalho administrativo, e a terceira era demonstrar os resultados finais da gestão.

O controlismo, além da ênfase no processo de controle da gestão, evidenciou o desenvolvimento sistemático de princípios que informavam sobre o patrimônio das entidades, sobre seus inventários, avaliações de bens, orçamentos e demonstrações contábeis, e definiu a entidade como objeto da contabilidade. O autor destaca como principais personagens desta escola: Fabio Besta, Vittorio Alfieri, Carlo Ghidiglia, Pietro Rigobon e Pietro D'Alvise.

Os trabalhos publicados por Fabio Besta foram: *Sulla capitalizzazione continua degli interessi*, em 1872; *La Ragioneria*, em 1881; *Corso di Ragioneria*, 1891; e *Contabilità di Stato*, em 1898.

Vittorio Alfieri colaborou na revisão e ampliação do tratado de contabilidade de Fábio Besta. As principais obras foram artigos publicados na Revista Italiana de Ragionaria, de Roma, na área contábil e na área da organização de entidades, sendo estes: *La valutazione dell'avviamento*; *La Ragioneria dalle antiche alle moderne aziende mercantili*; *Osservazioni intorno alle stime*; *Le norme di organizzazione del lavoro*; e *L'organizzazione aziendale nei riguardi delle rilevazioni amministrative*. Publicou, em 1921, o livro denominado *Ragioneria Generale*. Também escreveu trabalhos sobre história da contabilidade, tais como: *La partita doppia applicata alle scritture delle antiche aziende mercantili veneziane*; *L'amministrazione economica dell'antico Comune di Perugia*; *Le registrazioni per le associazioni in*

partecipazione spiegate da Alvise Casanova; Le regole, le classificazioni ed i concetti filosofici nelle opere italiane di ragioneria; A proposito di nuovi studi di Ragioneria.

Carlo Ghidiglia também foi um dos colaboradores na ampliação e revisão da principal obra de Fabio Besta. Publicou livros e artigos voltados ao estudo histórico da contabilidade, dentre os quais destacam-se: *Ragioneria (Storia della)* em 1895; *La contabilità del Stato nei suoi fini e nei suoi rapporti con le altre discipline*, em 1909; em 1908, os artigos *Le scritture complesse nella ragioneria generale dello Stato*, *La prolusione del prof. Fabio Besta sulle riforme proposte ai nostri istituti di contabilità di Stato*.

Carlo Ghidiglia publicou também artigos relacionados com o ensino denominados: *Lavvenire degli studi di ragioneria; Le sorti della Sezione di Commercio e Ragioneria degli Istituti Tecnici nella riforma delle scuole medie*, em 1908, ambos na Revista Italiana de Ragioneria; *La riforma della Sezione di Commercio e Ragioneria negli Istituti Tecnici in rapporto al progresso degli studi di ragioneria ed all'elevamento della professione*, 1908; *L'insegnamento delle ragioneria nelle Università*, 1911. Os livros denominados *Corso di ragioneria applicata*, e *Compendio di ragioneria generale*, publicados respectivamente em 1906 e 1909, são voltados à área aplicada e institucional da contabilidade. O livro intitulado *La ragioneria nel passato, nel presente e nell'avvenire*, publicado em 1895, e os artigos *La ragioneria come scienza sociale ed economica (I)*, *La ragioneria come scienza sociale ed economica (II)* e *Fatti ed atti del controllo economico*, publicados em 1896 e 1902, *Le attinenze della Ragioneria con le Scienze Economiche e Giuridiche*, e *La scienza delle finanze e gli studi di ragioneria*, publicados em 1911 e 1912, referem-se aos aspectos científicos e metodológicos da contabilidade.

Pietro Rigobon também foi colaborador de Fábio Besta, e os seus trabalhos seguiram a linha histórica. As principais obras foram: *Cenni sulla contabilità delle antiche corporazioni religiose in Toscana*, em 1891; *Intorno alle origini della partita doppia*, em 1892; e *Di Giovanni Antonio Tagliente veneziano e delle sue opere di ragioneria (anno 1595)*, em 1894; a obra *La contabilità di Stato nella Repubblica di Firenze e nel Granducato di Toscana* foi publicada em 1892; e, em 1902, foi publicada a obra denominada *Studii antichi a moderni intorno alla tecnica dei commerci*, considerada a mais importante obra histórica do autor. A sua obra *Tecnica dei commerci*, publicada em 1920, refere-se à prática do comércio internacional.

Pietro D'Alvise também foi discípulo de Fabio Besta e, como tal, colaborou para a difusão das obras do mestre. Publicou obras nas áreas da contabilidade pública, doutrinária, profissional, avaliação e balanços, dentre as quais destacam-se os artigos: *Amministrazione e*

contabilità provinciali e comunali, 1891; *I nuovi preventivi delle provincie e dei comuni*, 1892; *Chiarimenti concettuali in Ragioneria e dibattito parlamentare sugli avanzi*, 1938; *Per chiarimenti su punti di Contabilità di Stato*, 1939; *Il mondo della ragioneria*, 1886; *Intorno ad una sintesi critica della teoriche di Giuseppe Cerboni e Fabio Besta*, 1914; *Sullo sviluppo del pensiero logismologico italiano negli ultimi cento anni*, 1932; *Reminiscenze ed attualità nel campo degli studi ragioneristici*, 1933; *Esumazioni contro esumazioni intorno ad una scienza unitaria*, 1940; *Per far sorgere l'economia aziendale basta cambiare un nome?* 1940; *Non si può dire Che la ragioneria è la scienza del patrimonio*, 1942; *Sullo valutazione negli inventari annuali nelle aziende di produzione econômica*, 1922; *Sui bilanci annuali delle società anonime um regime fascista*, 1930; *Intorno all'avviamento delle imprese secondo autori italiani*, 1938; e *Fra redditi e riserve imprese azionarie*, 1939.

Pietro D' Alvisè publicou, também, os livros: *Nozioni teórico –pratiche di Contabilità di Stato*, 1919; *Studio sistetico di ragioneria statale italiana in regime fascista ossia – Contabilità generale dello Stato secondo le ultime disposizioni*, 1940; *Le liquidazioni nei giudizi di graduazione*, 1922 e *Monografie di ragioneria professionale, con applicazioni reali*, em 1931.

e) Escola Neocontista

A corrente neocontista, segundo Schmidt (1996), originou-se na França, e a principal personalidade foi Jean Dumarchey. A escola foi a responsável por colocar a França em evidência no cenário contábil mundial e baseava-se na teoria materialista ou positivista das contas, ou seja, a ênfase nos processos de classificação e registro das contas sem preocupação com aspectos econômicos e administrativos dos eventos que eram objeto de registro.

A classificação das contas do ativo, de acordo com o grau da sua conversão em dinheiro ou de realização, e do passivo, segundo o grau de exigibilidades, foram as principais contribuições da escola neocontista. Destaca-se também a contribuição de Dumarchey ao fazer a separação de passivo e situação líquida no balanço.

Para Schmidt (1996), o principal personagem dessa escola foi Jean Dumarchey. Esclarece que alguns autores incluem Besta como integrante dessa escola, pois a referida escola utilizava o valor como a principal base da contabilidade, porém, era centrada nos métodos de escrituração contábil, fundamentos de uma doutrina da qual Besta era um opositor.

Jean Dumarchey destacou-se pelas obras: *Théorie Positive de la Comptabilité*, 1914; e *La Comptabilité Moderne: essai de constitution rationnelle d'une discipline comptable ou triple point de vue philosophique, scientifique et technique*, e *Théorie scientifique du prix de revient*, 1926.

f) Escola Aziendalista

A escola aziendalista, de acordo com Schmidt (1996), é fruto da evolução da contabilidade italiana. Favero *et al.* (1997) evidenciam que Cerboni e Besta, ao perceberem que as escolas baseadas no mecanismo das contas haviam falhado no propósito de considerar a contabilidade como ciência autônoma, dirigiram seus estudos ao campo das aziende, acrescentando a organização, administração e o controle à parte científica da contabilidade.

O principal representante da escola aziendalista foi Gino Zappa. Para Herrmann Jr. (1996), este fez a distinção das três doutrinas que constituem a economia aziendal. Para Zappa, o estudo científico da contabilidade tinha como pré-requisito o conhecimento das doutrinas que formam a economia aziendal.

Segundo Schmidt (1996), Zappa desenvolveu um sistema teórico contábil a partir do resultado e considerava que a correta demonstração dos fatos deveria ser a preocupação da contabilidade, reconhecendo a importância do processo de comunicação contábil.

As principais obras de Gino Zappa foram: *La determinazione del reddito nelle imprese - I valori di conti in relazione allá formazione dei bilanci*, em 1920; *Tendenze nuove negli studi di ragioneria*, 1927; *Il reddito d'impresa-Scritture doppie, conti e bilanci di aziende commerciali*, 1937.

g) Escola Patrimonialista

A idéia principal defendida pela escola patrimonialista, segundo Schmidt (1996), é o patrimônio como objeto da contabilidade. Para essa escola, o patrimônio é uma grandeza real e se modifica na medida em que as atividades econômicas ocorrem. O reconhecimento das modificações possibilita a avaliação das variações ocorridas num determinado período.

Os patrimonialistas apresentam o estudo do patrimônio sob três aspectos:

- 1) Estático – possibilita o conhecimento, em momento específico, da situação patrimonial da entidade;
- 2) Dinâmico – estuda as variações motivadas pelos fatos administrativos que gera, como consequência, o aumento ou a diminuição da situação patrimonial;

- 3) Revelação – é a representação qualitativa e quantitativa do patrimônio em um momento específico, definida de acordo com princípios e normas.

Para Schmidt (1996), entre os principais críticos dessa escola, destacava-se Gino Zappa. Os críticos acreditavam que a contabilidade era uma ferramenta valiosa para a gestão, mas admitir a contabilidade como uma ciência, cujo objeto é o patrimônio, extravasava as possibilidades da mesma. O principal personagem da escola patrimonialista foi Vincenzo Masi.

As principais obras de Vincenzo Masi foram: *La Ragioneria come Scienza del Patrimonio; Statica Patrimoniale; Dinamica Patrimoniale e Le Produzione nell'Economia delle Imprese*.

h) Escola Alemã

A escola alemã de contabilidade desenvolveu-se no final do século XIX e início do século XX. Schmidt (1996) evidencia que o desenvolvimento dos mercados financeiros, a expansão das corporações e as crises sociais originadas pelos períodos de guerra e pós-guerra constituíram-se fatores determinantes para o desenvolvimento da referida escola.

A doutrina contábil desenvolvida na Alemanha centrava-se no estudo de duas disciplinas: a *Betriebswirtschaftslehre*, voltada para as atividades empresariais, e a *Rechnungswesen*, que estudava os registros das atividades nos organismos econômicos.

A proposta doutrinária da escola alemã visava ao atendimento das necessidades dos gestores relacionadas a informações confiáveis e de qualidade para o processo decisório. Conforme Schmidt (1996), Schmalenbach elaborou um plano de contas visando à criação de um sistema de informações equivalente a um banco de dados, possibilitando rapidez no acesso às informações.

A preocupação com a clareza e tempestividade das informações contábeis foram as principais contribuições dessa escola para o processo de comunicação contábil. Os principais personagens da escola alemã, destacados por Schmidt (1996), são: Eugen Schmalenbach e Fritz Julius August Schmidt.

As obras de Eugen Schmalenbach, compostas por livros e artigos, totalizam 220 trabalhos, dos quais destacam-se: *Buchführung und Kalkulation im Fabrikgeschäft*, 1899; *Die Handelsbilanz und andere Bilanzen*, 1943; *Einschränkung des Pfennigdenkes*, 1948; *Grundlagen dynamischer Bilanzlehre*, 1919; *Der Kontenrahmen*, 1927; *Der freien Wirtschaft zum Gedächtnis*, 1949; *Die pretiale lenkung des Betriebes*, 1948; *Finanzierungen*, 1915; *Kapital, Kredit und Zins in betriebswirtschaflicher Beleuchtung*, 1933; *Entwurf einer*

Dienstanweisung für Finanzleiter nebst Begründung, 1940; *Die Werte Von Anlagen und Unternehmungen in der Schätzungstechnik*, 1917; *Über die Dienststellengliederung im Grobtriebe*, 1941; *Über die exakte Wirtschaftslenkung*, 1943.

Os trabalhos de Fritz Julius August Schmidt mais conhecidos foram publicados em inglês nas revistas *The Accountant Review* e *The Harvard Business Review*, e são: *The Valuation of Fixed Assets in Financial Statements*, 1929; *The Basis of Depreciation Charges*, 1930; *The Importance of Replacement Value*, 1930; *Is Appreciation Profit?*, 1931. Publicou 16 livros, sendo os principais: *Die organische Bilanz in Rahmen der Wirtschaft*, 1921, *Bilanzwert, Bilanzgewinn und Bilanzumwertung*, 1924; e *Die Organische Tageswertbilanz*, 1929.

Notadamente, a doutrina contábil recebeu grandes contribuições da França, Alemanha e Itália, que, com rigor científico, desenvolveram suas correntes de pensamento contábil, comprometidas com o entendimento das entidades e suas atividades. A contabilidade, sob a ótica das escolas européias, deriva-se da identificação desta com o seu objeto ou com alguns de seus possíveis objetos. Apesar de as escolas apresentadas não terem o consenso de um único objeto para a contabilidade, não quer dizer que são excludentes, pois a análise delas demonstra que os objetos da contabilidade defendidos pelas diversas escolas são, na maioria das vezes, compatíveis entre si.

A escola européia teve como base a teoria, sem muita atenção às demonstrações práticas. Caracterizou-se na exploração teórica das contas e no uso das partidas dobradas, inviabilizando, em alguns casos, a flexibilidade necessária, principalmente na Contabilidade Gerencial, preocupando-se demais em demonstrar que a Contabilidade era uma ciência. Dessa forma, na Europa a contabilidade foi solidificada como ciência muito antes de esse processo ser iniciado na América.

Conforme Iudícibus (2004), a Escola Européia teve grandes vultos que se destacaram pelas contribuições que seus trabalhos trouxeram à contabilidade, porém aos poucos foi perdendo a sua força. Nesse sentido, o autor aponta que o excessivo culto às personalidades e os tipos de pesquisas desenvolvidas resultaram em trabalhos repetitivos.

i) Escola Norte-Americana

Conforme Schmidt (1996), a escola norte-americana foi motivada e influenciada pelo surgimento das grandes corporações, pelo desenvolvimento do mercado de capitais e pelo rápido crescimento da indústria e do comércio, no início do século XX.

A escola norte-americana voltou-se mais para os aspectos práticos da contabilidade, ao

invés de ficar teorizando, como fizeram as escolas européias. Conforme Schmidt (1996), a escola norte-americana teve destaque em nível mundial, contemplando regras relacionadas à contabilidade de custos, controladoria, análise de demonstrações contábeis, gestão financeira, controle orçamentário, entre outros.

Iudícibus (2004) destaca que a prospecção da contabilidade americana resulta do avanço econômico, complexidade das entidades que atuam nesse ambiente econômico e a articulação de entidades profissionais, que regulamentam e normatizam os procedimentos contábeis.

A busca pela qualificação da informação contábil, a padronização dos procedimentos, o estabelecimento dos princípios geralmente aceitos (US-GAAP) foram as principais contribuições da escola norte-americana ao processo de comunicação contábil. Schmidt (1996) destaca como personagens principais da escola norte-americana aqueles diretamente envolvidos no desenvolvimento e na criação das associações profissionais mais relevantes nos Estados Unidos. São eles: Charles Ezra Sprague, Henry Rand Hatfield, William Andy Paton, Ananias Charles Littleton, Carman George Blough e Maurice Moonitz.

Charles Ezra Sprague marcou sua obra devido a sua participação na criação do primeiro *Certified Public Accountant* (CPA) nos Estados Unidos. Os seus trabalhos mais destacados são: *The Accountancy of Investment*, 1904; *Extended Bond Tables*, 1905; *Problems and Studies in the Accountancy of Investment*, 1906; *Tables of Compound Interest*, 1907; *Amortization*, 1908; *The Philosophy of Accounts*, 1908; e *Logaritms to 12 Places*, 1910.

Henry Rand Hatfield foi um dos fundadores da *American Accounting Association* (AAA). Os principais trabalhos que publicou foram: *Modern Accounting: Its Principles and Some of its Problems*, 1909; *Accounting, Its Principles and Problems*, 1927. Como membro da AAA desenvolveu pesquisas sobre princípios contábeis, e os resultados dessas pesquisas foram publicados na *The Accounting Review*, sob a denominação de *A Tentative Statement of Accounting Principles Affecting Corporate Reports*, em 1936.

William Andy Paton publicou trabalhos relacionados à teoria da contabilidade, destacando-se o livro *Accounting Theory: With Special Reference to the Corporate Enterprise*, em 1922, e em 1940 escreveu, juntamente com Ananias Charles Littleton, a monografia denominada *An Introduction to Corporate Accounting Standards*. Publicou também trabalhos relacionados à prática contábil, tais como: *Essentials of Accounting* e *Accountants' Handbook*.

Ananias Charles Littleton dedicou-se mais ao ensino da contabilidade. Suas principais obras foram: *Accounting Evolution to 1900*, em 1933; *Studies in the History of Accounting*, que

foi desenvolvida com Basil Selig Yamey, em 1956; e *An Introduction to Corporate Accounting Standards*, elaborada com Paton; *Structure of Accounting Theory*, em 1953; e *Accounting Theory: Continuity and Change*, publicada em 1962, escrita com Vernon K. Zimmerman.

As principais contribuições de Carman George Blough caracterizam-se por trabalhos apresentados e artigos publicados, tais como: *Some Accounting Problems of the Securities and Exchange Commission*, 1937; *Challenges to the Accounting Profession in the United States*, 1959; *Trends in Financial Reporting of Private Enterprise*, 1952; *The Auditor's Responsibility to the Investor*, 1940; *Our Program for Accounting Research*, 1941; *Accounting Research for Better Financial Reporting*, 1960; *Responsibility to Third Parties; The Accountants View – Replacement Costs and Depreciation Policy*, 1948; *Depreciation – To Measure Income or to Provide Funds for Replacement?* 1959; e *The Meaning of Generally Accepted Accounting Principles*, 1956.

As obras mais relevantes de Maurice Moonitz foram: monografia denominada *The Entity Theory of Consolidated Statements*, 1965; livro escrito com Charles C. Staehling, denominado *Accounting: An Analysis of its Problems*, 1952; *The Basic Postulates of Accounting*, 1961; e *A Tentative Set of Broad Accounting Principles for Business Enterprises*, escrito com Robert T. Sprouse, 1962.

Conforme Iudícibus (2004), a escola norte-americana desenvolveu-se a partir de trabalhos e pesquisas desenvolvidas por entidades, associações e órgãos de classe. Nesse sentido, o desenvolvimento da contabilidade norte-americana está mais centrado no trabalho em equipe, enquanto que, na contabilidade européia, prevalecem os trabalhos individuais. Porém, destaca que a escola norte-americana também possui personalidades que individualmente se estacaram por suas contribuições ao desenvolvimento da contabilidade. Para Schmidt (1996) as principais personalidades da escola norte-americana que não tiveram participação relevante no desenvolvimento das principais associações profissionais, mas individualmente se destacaram, são: Raymond Chambers, Richard Mattessich, Lawrence Robert Dicksee, Kenneth Most e Kenneth Forsythe MacNeal.

De acordo com Schmidt (1996, p.11), as convicções e idéias dos contabilistas, agrupados de acordo com interesses comuns, formaram as escolas de pensamento contábil. As teorias defendidas em cada corrente devem ser analisadas à luz do período histórico em que foram concebidas, pois, sem levar em conta o fator temporal, “podem ser consideradas equivocadas e sem sentido hoje, mas tiveram, ou não, grande validade para a época em que foram lançadas”.

2.3 Contabilidade no Brasil

A contabilidade científica chegou ao Brasil com relativo atraso em relação à Europa e aos Estados Unidos. Conforme o estudo de Schmidt (1996), ela teve início com a vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, no reinado de Dom João VI, que, ao instalar o governo provisório no Brasil, aboliu o regime de colônia sob o qual o país estava condicionado, possibilitando o seu avanço econômico, político e social. Visando dar suporte ao desenvolvimento econômico do país, Dom João VI emitiu alvará criando a Real Junta de Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegações, e determinou a adoção, por parte dos Contadores Gerais da Real Fazenda, do sistema de partidas dobradas na escrituração mercantil.

A contabilidade brasileira sofreu forte influência da legislação, pois o Código Comercial foi a primeira tentativa de harmonizar os procedimentos contábeis. O referido Código foi instituído pela lei n.º 556, de 25 de junho de 1850, baseado nos Códigos de Comércio de Portugal, da França e da Espanha, e se destinava a regulamentar as relações entre comerciantes brasileiros. Definiu a forma de escrituração do Diário e os itens que deveriam constar no Ativo e Passivo, porém não mencionava a forma de apresentação do Resultado. E, apesar de exigir no Balanço somente a assinatura do comerciante, reconhecia o guarda-livros como agente auxiliar do comércio. Considerando que nessa época não haviam diplomados em contabilidade, supõe-se que o guarda-livros era um prático em contabilidade que conhecia e utilizava a metodologia de registro das partidas dobradas.

O ensino da contabilidade, no Brasil, teve início com as aulas de comércio no começo do século XIX, caracterizado como essencialmente técnico, desenvolvido conforme segue:

Ano	Etapas da Evolução do Ensino Comercial no Brasil
1808	Criação da cadeira de Economia Política, sob a regência de José da Silva Lisboa, que possuía o título de Visconde de Cairú, sendo mais tarde denominada de “aula de comércio”, através do Decreto n.º.456, de 06 de julho de 1846.
1827	Criação da Academia Real Militar, que tinha no seu currículo a disciplina “cálculo das probabilidades” da qual saíram os primeiros atuários do Brasil.
1827	Criação das faculdades de Direito de Olinda e de São Paulo, através do Decreto de 11 de agosto, sendo que, a partir de 1929, a disciplina de Economia Política passou a fazer parte do currículo destas instituições.
1846	Criação da Escola Central de Comércio que, através do Decreto 456, regulamentou a carta de habilitação dos diplomados da aula de comércio.
1856	Criação do Instituto Comercial do Rio de Janeiro.
1890	A Escola Politécnica do Rio de Janeiro passa a ter no seu currículo a disciplina de Direito Administrativo e Contabilidade.
1891	Criada a Escola de Comércio da Fênix Caixeiral, em Fortaleza.
1894	O ensino na Escola Politécnica de São Paulo é reformulado, sendo instituído o diploma de contador para os alunos que concluíssem o curso geral, cuja duração era de um ano.
1899	Criação da Escola Prática de Comércio do Pará.
1902	Criação da Academia de Comércio do Rio de Janeiro e da Escola Prática de Comércio de São Paulo, atual Fundação Álvares Penteado – FECAP

Quadro 1: Evolução do Ensino Comercial no Brasil

Fonte: Adaptado de Laffin (2002)

O ensino da contabilidade no Brasil, inicialmente, não se constituía em um curso específico e, sim, em uma disciplina ministrada em outros cursos. As disciplinas ministradas na Aula de Comércio eram, essencialmente, voltadas para o atendimento das necessidades do comércio e atividades financeiras, considerando-se que, na referida época, o processo industrial, no Brasil, era praticamente inexistente. Conforme Laffin (2002), as atividades que demandavam maior controle eram as comerciais e bancárias.

Conforme Saes e Cytrynowicz (2001), na segunda metade do século XIX, ocorreram transformações significativas na economia brasileira, destacando-se a produção de café, a construção de estradas de ferro, o estabelecimento de empresas de serviços urbanos e o investimento de capital estrangeiro nos empreendimentos brasileiros. Esses fatores tornaram a economia complexa, demandando aperfeiçoamento na gestão dos negócios.

Visando atender às necessidades oriundas do desenvolvimento econômico, de acordo com Bacci (2002), em 1856, a Aula de Comércio foi reestruturada e passou a ser denominada Instituto Comercial do Rio de Janeiro, adotando características da Aula de Comércio de Portugal. Foram feitas alterações curriculares, sendo incluídas as cadeiras de direito mercantil e economia política.

Conforme Bacci (2002), a Escola Prática de Comércio de São Paulo nasceu através do empenho e apoio de empresários e, atualmente, denomina-se Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, em homenagem ao apoio recebido do empresário Antonio Álvares Penteado, o qual doou a essa instituição o terreno para sua construção. Foi uma das primeiras escolas a organizar curso específico para a formação de guarda-livros. Schmidt (1996) destaca que a Escola de Comércio Álvares Penteado foi importante para o desenvolvimento da contabilidade, pois formou professores que tiveram destaque no Brasil, na área contábil, dentre os quais, Francisco D'Auria e Frederico Hermann Júnior.

Saes e Cytrynowicz (2001) assinalam que a transição de Monarquia para República proporcionou condições à expansão do ensino comercial. Os fatores que corroboraram para essa expansão foram o desenvolvimento econômico, a produção de café que continuava em ascendência, o estabelecimento de grandes indústrias, o crescimento do comércio, a urbanização e as atividades bancárias. Destacam-se também os órgãos públicos, os quais demandavam gestão especializada e burocrática.

A demanda por profissionais da área contábil promoveu a prospecção do ensino comercial no Brasil e a busca pelo reconhecimento profissional. O processo para o reconhecimento da profissão contábil iniciou-se em 1915, com a fundação do Instituto Brasileiro de Contadores Fiscais, que foi a primeira entidade a abrigar os contabilistas do país. No ano seguinte, foram fundados: a Associação dos Contadores de São Paulo e o Instituto Brasileiro de Contabilidade, no Rio de Janeiro. Em 1924, foi realizado no Rio de Janeiro o 1.º Congresso Brasileiro de Contabilidade, liderado pelo senador João Lyra, no qual foi efetivamente iniciado o movimento para a regulamentação da profissão de contador e para a reforma do ensino comercial. O Senador João Lyra foi intitulado Patrono dos Contabilistas Brasileiros pelos relevantes serviços prestados à classe em prol do reconhecimento da profissão contábil. Também foi criada a Medalha de Mérito Contábil João Lyra, cujo objetivo é prestar homenagem aos profissionais que se destacam por trabalhos científicos, educacionais, culturais, administrativos e profissionais na área contábil.

De acordo com Fausto (1975), em 1930 o Brasil passa por uma forte crise política, culminando na Revolução que derrubou o governo de Washington Luís e instituiu o governo provisório de Getúlio Vargas. O governo de Vargas foi marcado por profundas mudanças institucionais e políticas. A entrada do Brasil na era da produção industrial muda a configuração econômica e as relações de trabalho.

Para Saes e Cytrynowicz (2001), as mudanças políticas e econômicas da década de 1930 promoveram alguns acontecimentos importantes na educação profissional contábil, tais como o Decreto n.º 20.158, de 30 de junho de 1931, o qual organizou o ensino profissional comercial, atendendo às reivindicações feitas no 1.º Congresso Brasileiro de Contabilidade, e regulamentou a profissão de contador. Porém não estava ainda muito clara a definição entre economista, administrador e contador.

O ensino comercial estava dividido em três níveis: propedêutico, técnico, superior e curso elementar de auxiliar de comércio. O curso propedêutico caracterizava-se por uma formação geral e era pré-requisito para o ingresso nos cursos técnicos. No nível técnico, o ensino comercial se subdividia em secretário, guarda-livros, administrador-vendedor, atuário e perito-contador. No nível superior, apresentava-se o curso de Administração e Finanças, que conferia o título de bacharel em Ciências Econômicas aos que o concluíssem. Porém só poderiam ingressar no curso os que concluíssem o nível técnico de perito-contador ou atuário. Dessa forma, o bacharel em Ciências Econômicas era essencialmente um contador que havia aprofundado seus estudos.

No ano seguinte, o Decreto n.º 21.033 regulamentou a situação dos práticos em contabilidade, que eram pessoas que tinham conhecimento empírico das práticas contábeis, sem contar, no entanto, com uma formação acadêmica. O referido decreto definiu condições e prazos para que esses práticos realizassem seus registros e, a partir de então, o registro passou a ser vinculado à formação escolar.

Porém o ensino da contabilidade era ainda essencialmente técnico, voltado para a preparação de egressos dos cursos Técnicos de Comércio e dos cursos de Economia, dando-lhes formação para efetuarem tarefas de escrituração contábil. A área de conhecimento contábil passa a ser reconhecida como nível universitário somente em setembro de 1945, através do Decreto-Lei n.º 7.988, que criou os cursos superiores de Ciências Econômicas e de Ciências Contábeis e Atuariais.

De acordo com Laffin (2002), o Decreto-Lei n.º 7.988 passou a conferir aos egressos do curso de ciências contábeis o título de bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais e o título de Doutor em Ciências Contábeis e Atuariais aos que defendessem tese, no período de dois anos após o término do curso, o qual deveria contribuir para o desenvolvimento do conhecimento contábil. A partir do referido decreto, a contabilidade brasileira começou uma nova trajetória histórica marcada pela sua solidificação como ciência e pelo fortalecimento da classe contábil como atividade profissional.

Posteriormente, em janeiro de 1946, com a criação do curso de Ciências Contábeis e Atuariais da Universidade de São Paulo (USP), o Brasil constituiu seu primeiro núcleo de pesquisa contábil, abrigando estudiosos que trouxeram contribuições relevantes para a ciência contábil, através de pesquisas, de publicações científicas e da formação de profissionais. Em 27 de maio de 1946, através do Decreto-Lei n.º 9.295, foram criados o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Contabilidade, que regulamentam a profissão de contabilista, instituindo duas categorias distintas: a de Técnico em Contabilidade, para os egressos de nível médio, e a de Contador, para os egressos dos cursos de Ciências Contábeis de nível universitário.

A evolução da contabilidade no Brasil, como no resto do mundo, acompanha o desenvolvimento econômico da sociedade. No período do Império, não apresentou significativo desenvolvimento, tendo em vista que a economia era basicamente agrícola, não demandando técnicas mais elaboradas para controle patrimonial. A partir da República, seu desenvolvimento foi mais acentuado, caracterizando-se pela expansão do ensino comercial, o qual, posteriormente, é elevado para nível superior, em decorrência do desenvolvimento econômico do país e das pressões exercidas pelos profissionais da área.

O Brasil sofreu influência na área contábil, inicialmente, das escolas italianas e, posteriormente, da escola norte-americana. Conforme Schmidt (1996), em 1964, o professor José da Costa Bouchinhas introduziu o método didático norte-americano para o ensino da Contabilidade Geral. Posteriormente, em 1971, os professores do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (FEA-USP) elaboraram o livro “Contabilidade Introdutória”, o qual foi adotado por quase todas as faculdades brasileiras, promovendo a difusão da metodologia norte-americana.

Segundo Schmidt (1996), não houve desenvolvimento de escola de pensamento própria no país. Isso não significa, porém, que não ocorreram contribuições à ciência contábil, através de professores, pesquisadores e acadêmicos brasileiros. No Brasil, podem-se destacar várias personalidades ligadas à academia e a entidades profissionais, que contribuíram na prospecção e difusão da contabilidade, alguns dos quais no Rio Grande do Sul.

Como personalidades importantes no desenvolvimento da contabilidade brasileira, o autor citado destaca: Carlos de Carvalho, Francisco D’Auria, Frederico Hermann Júnior, Sérgio de Iudícibus, Eliseu Martins, Stephen Charles Kanitz e José Carlos Marion.

Com base no trabalho desenvolvido por Schmidt (1996), elaborou-se o Quadro 2, apresentando os principais tratadistas contábeis e suas principais obras.

Carlos de Carvalho	
Dados Pessoais	- Nasceu em 12 de agosto de 1866, em Rio Claro –SP. - Faleceu em 02 de janeiro de 1920, em Santos – SP.
Principais Obras	- Questões Práticas de Contabilidade. Editora Laemmert. Rio de Janeiro, 1902. - Tratado Prático de Contabilidade. Duprat & Cia. São Paulo, 1903. - Páginas de Contabilidade. Empresa Brasileira Editora. São Paulo. 1912-1913. - Estudos de Contabilidade (dividido em dois volumes) - Problemas de Escrituração - Tratamento Elementar de Contabilidade - Aritmética
Francisco D’Auria	
Dados Pessoais	- Nasceu em 16 de julho de 1884, em São Paulo – SP. - Faleceu em 06 de fevereiro de 1958, em São Paulo –SP. - Diplomou-se na Escola de Comércio Álvares Penteado, na primeira década deste século.
Principais Obras	- A Letra de Câmbio na Contabilidade. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1917. - Contabilidade Mercantil - Contabilidade Geral - Contabilidade Rural - Contabilidade Industrial - Contabilidade Bancária - Contabilidade de Transportes - Organização e Contabilidade dos Seguros Privados e Capitalização - Contabilidade Pública - Estrutura e Análise de Balanços - Matemática Comercial - Matemática Financeira e Atuarial - Revisão e Perícia Contábil - Ciências das Finanças - Contabilidade Mecanizada - Primeiros Princípios de Contabilidade Pura - Variação do Valor Efetivo do Capital - Contabilidade: noções preliminares - Cinquenta Anos de Contabilidade - Contabilidade de Empresas Diversas - Organização e Contabilidade Patrimonial-Doméstica
Frederico Hermann Júnior	
Dados Pessoais	- Nasceu em 03 de setembro de 1896, em São Paulo – SP. - Faleceu em 18 de maio de 1946, em São Paulo –SP. - Formou-se perito-contador em 1917, na Escola de Comércio Álvares Penteado.
Principais Obras	- Tratado de contabilidade Industrial, 1932 - Contabilidade Teórica, 1936 - Ritmos Econômicos, 1952

Continua...

...Continuação

Sérgio de Iudícibus	
Dados	<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu em 25 de setembro de 1935, em Bari, Itália. - Formou-se em Ciências Contábeis e Atuariais em 1961, pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. - Titulou-se Doutor em Contabilidade em 1966 pela FEA – USP. - Apresentou Tese de Livre-Docência na FEA – USP, em 1968.
Principais Obras	<ul style="list-style-type: none"> - Contabilidade Introdutória (co-autor), 1971 - Contabilidade Gerencial, 1976 - Análise de Balanços, 1979 - Teoria da Contabilidade, 1980 - Manual de Contabilidade das Sociedades por Ações, Aplicável às demais Sociedades, 1980 (Diretor responsável) - Contabilidade Intermediária (co-autor), 1983 - Análise de Custos, 1987 - Contabilidade Comercial (co-autor), 1987 - Manual de Contabilidade para Não-Contadores (co-autor), 1989 - Introdução à Teoria da Contabilidade: para o nível de graduação, 1999 (co-autor) - Curso de Contabilidade para não -Contadores, 1999 (co-autor) - Contabilidade: uma visão estratégica e o caminho para o futuro, 1999 (co-autor) - Dicionário de Termos de Contabilidade, 2001 (co-autor) - Teoria Avançada da Contabilidade, 2004
Sthepen Charles Kanitz	
Dados	<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu em 31 de janeiro de 1946, em São Paulo (SP). - Formou-se em Ciências Contábeis pela FEA – USP. - Titulou-se como Master in Business Administration pela Graduate School of Business Administration da Harvard University. - Titulou-se Doutor em Contabilidade em 1972- FAE/USP.
Principais Obras	<ul style="list-style-type: none"> - Contabilidade Introdutória (co-autor), 1971 - Inflação e Desenvolvimento (co-autor), [----] - Análise do Parecer do Auditor, 1973 - O parecer do Auditor, 1973 - Controladoria: textos e casos, 1976 - Como Prever Falências, 1978 - TPD – Análise dos Demonstrativos Financeiros [197-] - Contabilidade Intermediária, 1981 (co-autor)
Eliseu Martins	
Dados	<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu em 02 de junho de 1945, em Albertina – MG. - Graduou-se em Ciências Contábeis pela FEA – USP. - Titulou-se Doutor em Contabilidade pela FEA – USP, em 1972. - Apresentou Tese de Livre-Docência na FEA – USP, em 1979.
Principais Obras	<ul style="list-style-type: none"> - Manual de Contabilidade das Sociedades por Ações (co-autor), 1978 - Contabilidade Introdutória (co-autor), 1970 - Normas e Práticas Contábeis no Brasil (co-autor), 1997 - Administração Financeira (co-autor), 1985 - Contabilidade Intermediária (co-autor), 1981 - Análise da Correção Monetária das Demonstrações Financeiras, 1980 - Contabilidade de Custos, 1980 - Manual de Controle Oper. de Sociedades de Crédito Financeiros e Investimentos, 1992 (co-autor) - Manual de Controle Operacional de bancos de Investimentos, 1992 (co-autor) - Manual de Controle Operacional de Sociedades de Arrendamento Mercantil, 1992 (co-autor) - Manual de Contabilidade das Sociedades Corretoras, 1992 (co-autor)

Continua...

...Continuação

José Carlos Marion	
Dados	<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu no dia 09 de agosto de 1949, em São Paulo – SP. - Graduiu-se em Ciências Econômicas em 1973, pela Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado. - Graduiu-se em Ciências Contábeis pela Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, em 1974. - Titulou-se Mestre em Ciências Contábeis, em 1982, pela FEA – USP. - Titulou-se Doutor em Contabilidade pela FAE – USP em 1987
Principais Obras	<ul style="list-style-type: none"> - Análise de Balanços: livro de exercícios (co-autor), 1980 - Contabilidade Intermediária (co-autor), 1981 - Contabilidade Gerencial: livro de exercícios (co-autor), 1982 - Contabilidade Empresarial, 1982 - Contabilidade Básica, 1984 - Contabilidade Rural, 1985 - Contabilidade para Executivos, 1985 - Contabilidade Após a Reforma Monetária, 1986 - Contabilidade Comercial (co-autor), 1987 - Administração de Custos na Agropecuária (co-autor), 1993 - Manual de contabilidade para não-Contadores (co-autor), 1995 - Contabilidade e Controladoria para Agribusiness, 1996 - Introdução à Teoria da Contabilidade, 1999 (co-autor) - Dicionário de Termos de Contabilidade, 2001 (co-autor) - O Ensino da Contabilidade, 2001 - Mudanças nas Demonstrações Contábeis, 2003 (co-autor) - Marketing do Escritório Contábil, 2004 (co-autor)

Quadro 2: Principais Tradadistas Contábeis Brasileiros

Dos personagens evidenciados no quadro 2, o único que não atuou como docente foi Carlos de Carvalho. Todos os demais atuaram ou ainda atuam como docentes na FEA – USP. Porém, além desses pensadores selecionados, existem muitos outros que trouxeram contribuições importantes para a contabilidade brasileira. Nesse sentido, Schmidt (1996, p. 387) considera que “a adoção de um processo de seleção restringe o número de pensadores referenciados, elencando alguns em detrimento de outros, mas não por isso menos importantes”.

No contexto acadêmico, o Rio Grande do Sul destacou-se na área contábil, principalmente, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a atuação de docentes e pesquisadores, e na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), através do professor Alexandre Vertes.

2.3.1 A UNISINOS e a formação de profissionais e pesquisadores na área contábil

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) foi o resultado de um projeto

que unificou faculdades isoladas implantadas no sul do Brasil pelos padres jesuítas. O projeto contou com o esforço da direção das faculdades, corpo docente e com o apoio da comunidade de São Leopoldo, como evidenciado por Vertes (1968a, p. 54), mesmo antes de sua concretização: “E nesta oportunidade, devo externar minha admiração ao povo do Vale do Rio dos Sinos pela atitude vigorosa que tomou em relação à futura fundação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos”. Vertes era docente na Faculdade de Economia na época e ressaltou também a atuação da direção da faculdade no processo de fundação da UNISINOS. Afirmou: “Não menos digna de salientar é a posição tomada pela alta direção desta faculdade que, captando este desejo, corajosamente aceitou a difícil incumbência de, junto a esta comunidade, organizar, planejar e executar esta obra” (VERTES, 1968a, p. 54).

O Decreto de Lei n.º 722/69, de 31 de julho de 1969, autorizou o funcionamento da UNISINOS, integrando as seguintes escolas: Escola Central; Faculdade de Teologia Cristo Rei, reconhecida como Eclesiástica de Teologia pela Santa Sé, por Decreto da Sagrada Consagração dos Seminários e Universidade de Estudos, em 12-03-1949; Instituto Musical Carlos Gomes (do Colégio São José), reconhecido como curso superior de música através do Decreto n.º 58.811, de 13-07-1966; Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos, fundada em 03-06-1958 e autorizada a funcionar pelo Decreto n.º 5394, de 04-02-1959, à qual estava vinculado o Curso de Ciências Contábeis, autorizado em 18-04-1968; Faculdade de Direito do Vale do Rio dos Sinos, autorizado pelo Decreto n.º 59.392, de 13-10-1966; Faculdade de Engenharia de Operações (que ficava em Canoas).

A UNISINOS foi efetivamente instalada no dia 28 de novembro de 1969 e tinha 2.660 alunos, dos quais 1.317 eram procedentes do Vale do Rio dos Sinos. A direção era assim composta: Reitor – Prof. Padre Doutor João Oscar Nedel; Vice-Reitor Acadêmico – Prof. Padre Marcus Bach; Vice- Reitor Administrativo – Prof. José Bordini Cinel.

A trajetória da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na área contábil teve início com a implantação do curso de Ciências Contábeis em 1966, na então Faculdade de Economia, e, em 18 de abril de 1968, o Parecer do Conselho Federal de Educação n.º 266/68 autorizou o funcionamento do referido curso. Em 13 de dezembro de 1972, houve o seu reconhecimento mediante o Parecer do Conselho Federal de Educação n.º 1.455/72.

A UNISINOS obteve destaque na área contábil pela presença do Prof. Vertes, que, através de sua competência e liderança, implantou uma metodologia de ensino da contabilidade diferenciada e, através de suas iniciativas, promoveu a integração e disseminação do conhecimento gerado na instituição com o meio empresarial.

O sucesso e a credibilidade alcançados pelo curso de Ciências Contábeis levou, naturalmente, à criação, em 1999, do Mestrado em Ciências Contábeis, fazendo da UNISINOS, até esse momento, a única instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul a possuir um Mestrado em Ciências Contábeis devidamente reconhecido pela CAPES. O programa de pós-graduação tem, sistematicamente, contribuído para o desenvolvimento das Ciências Contábeis, através da geração de conhecimento, publicações científicas e formação de pesquisadores e docentes.

3 PROFESSOR DOUTOR ALEXANDRE VERTES

O Professor Dr. Alexandre Vertes dedicou trinta anos de sua vida ao ensino da contabilidade na UNISINOS e à difusão do conhecimento contábil. A sua trajetória na área contábil foi marcada pelo ensino, pela pesquisa e por sua atuação na criação do curso de Ciências Contábeis da UNISINOS. As suas principais obras foram desenvolvidas nas décadas de 1960 e 1970, e a consideração do fator tempo é fundamental para a compreensão da relevância das mesmas. Conforme Schmidt (1996, p. 11), a validade das idéias “[...] devem estar relacionadas com o local e a época em que ocorreram”.

3.1 Vida Pessoal

O professor Vertes é natural de Budapeste, Hungria, onde nasceu em 26 de abril de 1908, filho de Adolf Vertes e de Karolina Lantos. Sua vida foi marcada por duas Guerras Mundiais, nas quais o seu país se viu envolvido.



Alexandre Vertes

A primeira Guerra Mundial ocorreu no período de 1914 a 1918 e envolveu, principalmente, os países europeus, em plena infância do professor Vertes. A Segunda Guerra Mundial ocorreu no período de 1939 a 1945, e foi o conflito que causou o maior número de vítimas na história da humanidade.

Na Hungria, casou-se com Susanne Vertes, nascida em 31 de maio de 1918. Vertes (1973) revelou que “uma escapadinha do *front* para se casar com a Susanne” foi a sua única alegria no período de guerra. Tiveram um filho, Peter Vertes, nascido em 21 de março de 1948.

A terra natal do professor Vertes, conforme Daruvar (1970), perdeu na Primeira Guerra Mundial grande parte do seu território pelo Tratado de Trianon. Na Segunda Guerra Mundial, Hitler, através de promessas de recuperar territórios, pressões econômicas e ameaças de intervenção militar, induziu a Hungria a apoiá-lo. Em 22 de junho de 1941, a Alemanha invadiu a Rússia, e a Hungria entrou na guerra, ao lado da Alemanha, no final de junho. Em 1944, temendo que a Hungria negociasse paz com os Aliados, Hitler ordenou a invasão do país. Em setembro de 1944, o exército russo cruzou as fronteiras da Hungria, transformando-a num campo de batalha. O exército alemão, quando partiu em retirada, passou a destruir os sistemas ferroviários, rodoviários e de comunicação do país. Em Budapeste, o exército alemão resistiu por sete semanas, arrasando totalmente a capital húngara. Em 04 de abril de 1944, os alemães foram expulsos da Hungria pela Rússia. A Hungria resistiu por oito longos meses e, ao final desse período, ficou sob o controle do Exército Vermelho e, gradualmente, os comunistas tomaram as rédeas do governo. Vertes (1968a, p.47), referindo-se a esse período, menciona:

Quando, durante a II Guerra Mundial, em 1944, na vizinhança da localidade de Gomel sofremos um ataque aéreo noturno russo, um destes ataques pesados, com a iluminação cegante de famigeradas “velas de Stalin”, acompanhado de estrondosas explosões que faziam voar pelos ares tudo o que se encontrava ao redor, nós todos, abrigados no fundo das trincheiras, confundíamos-nos com a própria terra.

O professor Vertes lutou na Segunda Guerra Mundial e foi prisioneiro de guerra durante um ano e meio. Ao passar por esses momentos de grandes dificuldades e perigos, ansiava por encontrar uma nova pátria. Foi nesse período, após a II Guerra Mundial, quando se instalou o regime comunista na Hungria, que o professor Vertes veio para o Brasil.

Com relação à sua terra natal pouco falava, talvez na tentativa de apagar de sua

memória os anos de guerra e a opressão com que foi obrigado a conviver no período pós-guerra. Em uma entrevista concedida ao Jornal Zero Hora, em 1973, o professor Vertes relembra que, a partir de 1940, teve a sua vida completamente modificada: ao invés de ocupar seu tempo preparando aula para seus alunos, preparava armas, e quando questionado sobre o assunto, assim se manifestou:

A guerra é um horror. A guerra deveria desaparecer. Como? Somente com educação os homens conseguirão isso. A única possibilidade de acabarmos com o ódio e o sangue é através da educação. O que presenciei, homens, crianças, mulheres, fuzilados, trucidados sem um motivo, se é que há motivo para matar-se alguém, nunca vai desaparecer de minha lembrança.

A opressão e perseguição ao povo húngaro por parte dos comunistas levaram muitas pessoas a fugirem da Hungria, em busca de um país em que pudessem viver em paz. Vertes (1968a, p. 48), nessa época, questionava: “será que existe atualmente um país neste mundo onde se trabalhe em paz, onde se passeie calmamente pelas ruas, onde os homens estejam junto aos seus familiares? Este foi o meu primeiro encontro alegórico com minha nova pátria”. Acreditando ser possível encontrar o país de seus sonhos, juntamente com a sua família, deixou para trás a sua pátria e chegou ao Brasil em 1951, tendo sido naturalizado brasileiro em 30 de maio de 1957. Vertes (1968a, p. 48) menciona os fatores que o levaram a abandonar a Hungria e o que efetivamente encontrou aqui no Brasil.

Ao terminar a guerra, em 1945, o povo húngaro foi forçado a viver sob o regime Comunista. Após cinco anos de insuportável ditadura, em 1950, logramos cruzar as fronteiras Austro-Húngaras em busca da liberdade que aqui encontramos junto a este país maravilhoso, este povo nobre cheio de virtudes, com sentimento encantador de hospitalidade, e que nos recebeu de braços abertos, ofereceu um lar para os que não mais o possuíam, uma nova Pátria para os que a perderam, e a cobiçada liberdade aos que tão ardentemente ansiaram por ela.

Susanne Vertes, em uma entrevista concedida à TV UNISINOS em junho de 2000, conta por que escolheram o Brasil para morar.

Da Hungria nós fugimos. Ficamos por um ano na Europa, primeiro em Viena e depois em Frankfurt, na Alemanha. Nós tínhamos uns amigos em Viena e um irmão dessa família vivia no Brasil, em Caxias do Sul. Esses amigos falavam muito do Brasil, e então nós pedimos o visto de entrada para essa terra santa (VERTES, S. 2000).

Dessa forma, inicialmente, se instalaram em Caxias do Sul e, posteriormente, fixaram

residência em Porto Alegre.

O entusiasmo e admiração que o professor Vertes tinha pelo Brasil e pelo povo brasileiro são identificados em suas obras e nos depoimentos das pessoas que conviveram com ele, como, por exemplo, no discurso de formatura da turma de Economia na FEVARSI. Na ocasião, Vertes (1968a, p. 55) assim se manifestou: “Agradeço de todo coração aos meus caros Afilhados por mais esta oportunidade a mim oferecida para que pudesse externar minha **eterna gratidão e homenagem ao povo brasileiro**” (Grifo nosso).

Na ocasião em que recebeu uma homenagem do Clube dos Bacharéis em Ciências Contábeis, agradeceu todos os títulos recebidos até então, afirmando:

Mas o título mais valioso que recebi na minha vida foi do então Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira: a Nacionalidade Brasileira concedida a mim e à minha família. O Brasil é a nossa nova Pátria, a quem devo tudo o que sou e o que tenho! (VERTES, 1984).

Susanne Vertes contou que ele era uma pessoa muito calma e extremamente bem humorada, apaixonado pelo Brasil e pela profissão de docente. Ele cultivava um gosto especial pela música; em Budapeste tinha uma “bandinha” na qual tocava saxofone. O professor Koliver em seu depoimento revelou:

[...] o Vertes era uma pessoa que se interessava por música, por artes plásticas, por filosofia, e isso são coisas que raríssimos contadores se interessam. Ele tinha um conhecimento muito grande em história e, então, muitas vezes, nas sextas feiras, a gente ficava lá em São Leopoldo, tomando umas cervejas e conversando (KOLIVER, 2006).

Quanto aos motivos que o levaram a optar pela área acadêmica, Vertes (1973) revela que a identificação com o ensino começou na sua infância.

Lembro-me como se fosse hoje: o filho de um sapateiro que estudava comigo e tinha dificuldades em algumas matérias, pediu-me para ajudá-lo, e eu, sem vacilar, fui dar algumas aulas em sua casa. Não posso explicar a sensação que senti na minha primeira experiência como professor. Só posso dizer que foi magnífico e, a partir daquele instante, ensinar passou a fazer parte da minha vida. Passei a dar aulas particulares normalmente e quando isto não acontecia, sentia-me um tanto chateado e deprimido.

Quando terminou os seus estudos, equivalentes ao ensino médio aqui no Brasil, já tinha clareza sobre a formação que desejava ter para poder realizar o sonho de tornar-se docente.

Com relação às características pessoais que consideravam mais marcantes no professor Vertes, os entrevistados assim se manifestaram: “O que mais me chamava a atenção nele era a humildade, porque todo grande homem, todo grande pesquisador, cientista, é simples, e o Alexandre era simples” (WOLFARTH, 2006).

Ele era uma pessoa fantástica! De um contato pessoal excelente! Muito educado, muito gentil, sempre estimulando as pessoas ao redor dele a crescerem, etc. Eu tenho lembranças dele como um *expert* em relações humanas, como uma das belas pessoas que conheci. Sempre respeitando muito os outros, as opiniões dos outros, sem deixar, evidentemente, de expressar as suas opiniões (BECKER, 2006).

Ele era uma pessoa muito alegre. Eu o achava uma pessoa divertida, de bem com a vida. Nunca vi o Vertes irritado, gritando com alguém. Ele era brincalhão. E, pessoalmente, eu aprendi muito com ele. Ele gostava de aconselhar a gente. Ele sempre dizia que a gente deveria saber dividir o tempo entre o trabalho e o lazer. Que a gente tinha que dividir as poupanças, nunca concentrar em uma coisa só. Ele dizia: - Olha, Rolando, você deve deixar uns 20% ou 30% em imóvel, que é a raiz, depois você deve deixar uns 20% ou 30% em aplicações mais líquidas, e uns 40% numa moeda internacional, caso tenhas que se deslocar para algum outro lugar (BEULKE, 2006).

Eu convivi com o Prof. Vertes durante longos anos, participei junto com ele de muitos Congressos, encontros de professores, e o que mais me chamava atenção nele, o que eu mais admirava era a sua simplicidade e retidão de caráter. Ele era muito respeitado por todos professores. Sempre havia uma reverência a ele, um carinho e respeito muito especial por ele, pela figura humana que era e pelo seu conhecimento. Em cada palavra que pronunciava havia sabedoria, não só em termos de conhecimentos relativos à área, mas também relativos à vida. Ele era uma pessoa muito otimista e espirituosa. Ele nunca estava cabisbaixo, cansado ou reclamando de alguma coisa. A gente chegava e perguntava como ele estava, e ele dizia: - “Tudo de mil maravilhas, em ritmo de samba”. Considero-me uma pessoa privilegiada por ter tido a oportunidade de conviver durante muitos anos e de privar da amizade e carinho do Vertes e da Susanne (OTT, 2005).

“O Vertes era uma pessoa extremamente simples. Muito desligado das vaidades. Ele era muito humano e, então, todo mundo gostava do “velho” Vertes” (RAMBO, 2006).

“Além do seu conhecimento, da sua forma de trabalhar, o professor Vertes marcou como pessoa. Ele tinha um lado humano invejável, e aprender com ele significava também aprender para a vida” (BASSO, 2006).

“Quando eu me acidentei, a única pessoa que esteve no pronto-socorro, no hospital, todos os dias, não um ou dois dias, mas todos os dias, foi o professor Vertes. Ele tinha uma capacidade de dar amizade fora do comum. Foi a pessoa mais importante que eu conheci” (WÜRCH, 2006).

“Eu tenho do Vertes a lembrança de uma pessoa extremamente doce, extremamente afetuosa, uma inteligência realmente privilegiada. Mas, muito mais do que tudo isso, acho que ele sabia fazer amigos e cultivar suas amizades” (JUNEMANN, 2006).

“Ele era um homem muito justo. Ele era muito paternal, muito respeitoso e ao mesmo tempo sempre empregava muito humor” (SCHNEIDER, 2006).

“O Alexandre era um sujeito bondoso, cordato e muito educado” (KOLIVER, 2006).

“Ele era uma pessoa diferenciada. Quem era seu amigo o foi por toda a vida. Isso demonstra o estado de grandeza dele como pessoa. É preciso ter equilíbrio para manter amigos” (MORSCHER, 2006).

Esses registros sintetizam a percepção que os entrevistados tinham do professor Vertes como pessoa. A humildade e o senso de humor são as características mais destacadas, além de um entusiasmo pela vida fora do comum. Estava sempre alegre e, mesmo que tivesse algum problema, tratava de deixar claro que logo tudo iria melhorar. A este respeito, Ott (2005) relata:

Uma vez cheguei na universidade e ele estava gripado, com quase 40 graus de febre. E aí ele disse: - Sabes, estou com um pouco de febre, mas já vou ficar melhor. Ele nunca se queixava. Jamais! Isso era proibido. Ele, ao natural, invertia as coisas. Ele era assim, muito otimista. Esse otimismo e essa alegria de viver eram contagiantes.

Ele sempre foi muito dedicado à família, aos amigos e ao trabalho docente. O professor Ott (2005) relata que tanto o professor Vertes quanto sua esposa Susanne eram pessoas muito agradáveis, muito cultas e de bem com a vida. “Era sempre muito gratificante poder conviver algumas horas com eles, na casa deles. Eram muito agradáveis, muito receptivos e de uma simplicidade admirável”.

Susanne (assim gostava de ser tratada) sempre acompanhava o professor Vertes nas viagens que fazia para ministrar aulas em cursos de Pós-Graduação e para participar de congressos. Inclusive, “eventualmente, quando o professor estava adoentado, a Susanne vinha com ele para a UNISINOS e o acompanhava na sala de aula, sentada na primeira fila, esperando ele terminar a aula” (OTT, 2005).

Beulke (2006) também faz referência a Susanne, recordando que, muitas vezes, aos domingos ia almoçar com eles num restaurante húngaro em São Sebastião do Caí.

A dona Susanne era muito mimada pelo professor Vertes. No restaurante, ela olhava o prato do Vertes e sempre o achava mais bonito que o dela. Ela dizia: “- Alexandre, vamos trocar de prato?” Ela acabava sempre comendo o que ele tinha pedido. E o Vertes, já prevendo isso, pedia sempre o que ele não queria comer e induzia ela a pedir o que ele queria. Então, como ela sempre pedia para trocar, ele acabava comendo o que realmente queria. Era um negócio sensacional (BEULKE, 2006).

O fato da Susanne e o professor Vertes terem sido um casal admirável foi evidenciado nos depoimentos das pessoas que conviviam com eles. Eram pessoas diferenciadas; possuíam uma percepção de mundo e força interior muito acentuada. A atitude da Susanne diante das adversidades ficou comprovada na ocasião em que o professor Vertes ficou realmente doente. Nesse período, ele, aos poucos foi perdendo a visão, e isso, para uma pessoa que era apaixonada pela leitura, possivelmente, tenha influenciado na progressão da doença (problemas cardíacos), relata Ott (2005), destacando que, infelizmente, ele veio a falecer no dia 1.º de dezembro de 1996.

Além da perda do marido, Susanne enfrentou, poucos anos depois, o falecimento de seu único filho Peter Vertes. Ott (2005) relata que “ela perdeu o que mais amava, o marido e o filho, em curto espaço de tempo. A forma como ela enfrentou essas perdas foi admirável”.

O filho do casal Vertes era graduado em engenharia eletrônica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); fez mestrado na Fundação Getulio Vargas e doutorado nos Estados Unidos, na área de finanças. Morava em São Paulo e destacou-se profissionalmente como executivo em instituições financeiras. Casou-se com a Sra. Maria Inês, porém não tiveram filhos. Ele faleceu em 11 de maio de 2002, vitimado por câncer.

Susanne Vertes ficou, aproximadamente, quatro meses doente e faleceu no dia 17 de dezembro de 2005. Ott (2005) relata que, nos últimos três anos de vida, Susanne também estava com problemas de visão e privar-se da leitura foi muito difícil para ela. Somente as pessoas que conviviam com ela mais proximamente é que sabiam por que ela também não era de se queixar. “Ela já não conseguia mais ler e brincava, dizendo: - Gastei quase vinte mil reais na cirurgia dos olhos para ficar analfabeta. Isso aos poucos a foi entristecendo porque era uma pessoa que lia muito”. Com o falecimento da Susanne, a família Vertes se extinguiu, no Brasil, pois, conforme já mencionado, eles tiveram um único filho que, por sua vez, não deixou descendentes.

3.2 Formação Profissional

Conforme elementos colhidos na Pasta Laboral do professor Vertes, existente na UNISINOS, ele fez curso de graduação em Ciências Econômicas na Universidade *Regiae Hungaricae Scientiarum Technicarum et Oeconomicarum – Palatinus Josephus* – em Budapeste, Hungria, concluído em 1937, obtendo o título de Economista Diplomado.

Defendeu sua Tese de Doutorado, em 1937, na instituição supra mencionada, intitulada “A evolução da indústria e do comércio de móveis na Hungria desde a importação até a exportação”, obtendo o título de *Oeconomiae Publicae Doctorem*. Em 1949, concluiu o curso de Perícia Contábil, obtendo o título de Contador Público. Na Hungria não existia, na época, curso de graduação específico em contabilidade.

No Brasil, a profissão de contador exige o bacharelado em Ciências Contábeis, motivo pelo qual o professor Vertes não conseguiu o registro profissional junto ao Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul.

Realizou viagens de estudos na América do Sul, intercâmbio com Escolas Superiores de Buenos Aires, Montevidéu e Assunção; e realizou viagens para Viena, Berlim, Dresden, Frankfurt, Almain, Munique, Hamburgo, Amsterdã, Rotterdã, Haia, Bruxellas, Antwerpen, Paris, Marselha e Zurich, todas cidades da Europa.

A formação do professor Vertes é o ponto de partida para o entendimento da sua diferenciada trajetória na área acadêmica. Conforme Cunha (2006), o ensino superior na Hungria foi estabelecido, originalmente, de acordo com o modelo da Universidade alemã de Humboldt, o qual relaciona o ensino à pesquisa, possuindo uma dimensão bastante ampla. Conforme relato de Koliver (2006), essas Universidades eram antiguíssimas e tinham uma tradição de universalidade. Dentro desse contexto de universo, diferentemente do que acontece aqui Brasil, a Universidade não serve simplesmente para a transmissão de conhecimento técnico; serve para dar às pessoas uma visão de mundo. Dessa forma, segundo Koliver (2006),

[...] o Vertes veio com uma cultura muito humanística, fora do comum para os padrões da época, aqui no Brasil. Deve-se levar em conta que ele foi uma pessoa que nasceu antes da Primeira Guerra Mundial. Certamente teve traços na sua formação do Império Austro-Húngaro, e mesmo depois de 1919, quando a Hungria tornou-se um país independente, separado da Áustria, ele viveu num meio ambiente onde a visão de mundo, cosmovisão, era muito mais genérica.

Koliver (2006) também salienta que, além da formação diferenciada, o professor Vertes viveu num período em que a Europa Oriental encontrava-se em fase de grandes avanços econômicos e tecnológicos. O desenvolvimento econômico demandava novas formas de controles, cálculos de custos e elaboração de orçamentos, resultando num acentuado avanço no campo contábil. A Alemanha teve um papel importante na história da contabilidade. Foi o primeiro país a tratar do resultado do exercício, através do livro Balanço Dinâmico de Schmalenbach, editado em 1917. E “o Vertes teve um contato direto com esse mundo, com esse universo. Nesse sentido, a influência dele foi extremamente positiva para as turmas em que ele lecionou”.

Para compreender o contexto do trabalho do professor Vertes, faz-se necessário também lançar um olhar para o desenvolvimento histórico da contabilidade no Brasil. Em 1937, o professor Vertes já era Doutor na área econômica, porém, no Brasil, existia somente o ensino comercial. Os cursos de graduação em contabilidade (bacharelado) só foram instituídos em 1945. Quando ele chegou ao Brasil, em 1951, as instituições brasileiras ainda não tinham tradição científica na área contábil. Koliver (2006) relata que, nessa época, as pesquisas na área contábil eram praticamente inexistentes.

Vertes, S. (2000) evidenciou que ele gostava muito de estudar e, na época, até mesmo na Hungria, era raro economistas fazerem doutorado. Infelizmente, não foi possível localizar a convalidação do seu título de doutor no Brasil. Como era muito dedicado ao ensino, procurou se aperfeiçoar como docente, fazendo cursos de especialização nessa área. Em 1966, fez curso de especialização em Aspectos Psicológicos do Magistério Superior, na UFGRS, em Porto Alegre e, em 1970, na mesma instituição, fez o curso de Didática do Ensino Superior: princípios didáticos.

Fez também curso de extensão universitária em 1973, na UNISINOS, sobre o tema de Integração dos valores Cristãos na vida do homem moderno e, pelo Conselho Regional de Técnicos de Administração - CRTA, em 1972, o curso de Técnicas de Administração, obtendo o registro de Técnico em Administração n.º 597-10.

3.3 Atuação na UNISINOS

O professor Vertes iniciou suas atividades como docente da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos (FEVARSINOS) em 1959. Rambo (2006) relata que, no ano de 1958,

estava sendo formado o corpo docente da FEVAR SINOS e, nessa ocasião, contratou o professor Vertes para atuar como docente na referida faculdade. O contato com Vertes ocorreu por indicação de um húngaro chamado Gabriel Keglevich, que tinha relações de amizade com alguns padres Jesuítas húngaros. Como os húngaros eram todos católicos, naturalmente, reuniam-se aos domingos para a missa húngara no Colégio Anchieta. O professor Rambo, na época, era amigo dos padres húngaros e, por intermédio dessa amizade, conheceu Gabriel Keglevich que, por sua vez, indicou o professor Vertes como sendo um grande economista e contabilista. Com base nessa indicação, o Professor Rambo (2006) foi ao escritório de uma rede de lojas de colchões chamada EPEDA, em Portos Alegre, na qual o professor Vertes trabalhava, e convidou-o para lecionar na FEVAR SINOS. Rambo (2006) relata que:

[...] então, o professor Alexandre, depois disso, foi aprovado e assumiu como docente. Ele tinha um currículo muito bom lá da Hungria. Era um dos poucos doutores da época, aliás, era uma exceção encontrar um doutor naquela época. E ele então assumiu a cátedra; naquela época se falava em cátedra, a cátedra de contabilidade.

Dessa forma, Vertes passou a fazer parte da primeira equipe de docentes da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos (FEVAR SINOS). Conforme relato de Rambo (2006), “[...] ele fazia parte do corpo docente fundador da Faculdade de Economia, responsável pela área contábil”.

Desde o início de suas atividades na FEVAR SINOS, Vertes demonstrou muita seriedade e competência. Juntamente com os demais integrantes do corpo docente, fez com que a FEVAR SINOS se tornasse referência em nível nacional. O nível dos egressos do curso de economia era a tal ponto reconhecido, que esses eram solicitados através de chamadas de jornais. Esse fato é evidenciado por Rambo (2006): “[...] não me lembro em que ano foi, mas deve ter sido em 1965 ou 1966, que apareceram anúncios na Folha de São Paulo oferecendo vagas para economistas em São Paulo, e de preferência oriundos da Faculdade de Ciências Econômicas do Vale do Rio dos Sinos”. A primeira turma que se formou em Ciências Econômicas era pequena, mas a maioria foi trabalhar em empresas multinacionais em São Paulo. Rambo (2006) considera que isso “[...] quase que, exclusivamente, foi devido ao professor Alexandre, que imprimiu logo de início uma grande seriedade, um grande nível e uma formação profissional muito boa para esses alunos”.

Em 1966, a FEVAR SINOS implantou o curso de Ciências Contábeis, e Rambo (2006) afirma que o professor Vertes “[...] automaticamente se tornou a figura central do curso de

Ciências Contábeis. Então, ele foi o dono dessa cátedra, com o grupo de contabilistas que ele formou, dentro do esquema da disciplina e da filosofia acadêmica dele”.

Conforme relatos de Beulke (2006) e Ott (2005), o professor Vertes foi o responsável por transformar economistas e administradores também em contadores, porque, quando ele montou a equipe de professores para o curso de Ciências Contábeis, a maioria deles eram formados em administração ou economia.

Para não enfrentar problemas com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e com o Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS), o professor Vertes conseguiu, com a Reitoria da já então UNISINOS, autorização para abrir uma turma especial no curso de Ciências Contábeis, formada exclusivamente por professores, para que estes obtivessem formação na área. “Eu fiz parte dessa turma”, relata Ott (2005).

Dessa forma, os professores que tinham outra formação que não a de contador, acabaram cursando Ciências Contábeis. Beulke (2006) afirma que “[...] todos nós acabamos nos tornando contadores, até mesmo sem perceber que o Vertes estava querendo salvar o curso. Com isso, acabou nos propiciando algo que nos trouxe enormes benefícios”, ou seja, Vertes vislumbrou possíveis ameaças ao curso de Ciências Contábeis e tomou as devidas providências para neutralizá-las.

Rambo (2006) revela também que o professor Vertes foi um dos idealizadores do projeto de criação da UNISINOS.

Ele participou ativamente na montagem da própria Universidade. Inclusive, a primeira reunião oficial que se fez para discutir e levar adiante o projeto da Universidade foi presidida por ele em Porto Alegre, no restaurante do João, atrás da Igreja São Geraldo. Esse João era um amigo que ele tinha. Mas foi ele que reuniu a equipe para a formulação da fundação da Universidade.

Segundo Rambo (2006), o professor Vertes sempre incentivou o desenvolvimento de projetos, mesmo daqueles em que ele diretamente não participava. Ele era um entusiasta do crescimento e desenvolvimento da universidade. Com relação à atuação do professor Vertes na UNISINOS, Beulke (2006) afirma:

O Vertes tem muito a ver com a história da UNISINOS. Ele, sem dúvida alguma, foi uma pessoa que muito contribuiu, na época, para a UNISINOS se enraizar. Ele contribuiu muito para a imagem da UNISINOS. Era um personagem interessante e merece que a sua história seja escrita.

O empenho e entusiasmo do professor Vertes pela criação da UNISINOS evidencia-se também no discurso de formatura da turma de Ciências Econômicas, em 1966, da qual foi paraninfo: “E a Ordem do Dia hoje é curta! Mas válida até o seu cumprimento! Só o seguinte: Realização da Universidade do Vale do Rio dos Sinos” (VERTES, 1966).

Em reconhecimento a sua notável contribuição à criação e desenvolvimento do Curso de Ciências Contábeis e da UNISINOS, recebeu diversas homenagens da referida instituição, dentre as quais, a de Professor Benemérito, em 31 de julho de 1984. Na placa de prata alusiva lê-se:

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, na data em que comemora 15 anos de sua criação pelo Decreto-Lei n.º 722, de 31 de julho de 1969, com aprovação unânime do Conselho Universitário, outorga, com profundo reconhecimento a ALEXANDRE VERTES o título de PROFESSOR BENEMÉRITO pelos relevantes serviços prestados ao desenvolvimento e ao progresso da UNISINOS (UNISINOS, 1984).

Em 1989 recebeu da UNISINOS o título de Professor Emérito e, em 1994, no 25º. Aniversário da UNISINOS, o Diploma de Honra ao Mérito.

Todos os louvores recebidos, materializados nos títulos, são o resultado de suas ações em prol do desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino e da pesquisa. Com seu espírito inovador e empreendedor, conseguiu mobilizar pessoas, formando uma equipe de docentes, cujo trabalho e competência promoveram a imagem da UNISINOS no cenário nacional.

3.3.1 Atividade Docente

O professor Vertes exerceu atividades docentes na UNISINOS pelo período de trinta anos. Pelos relatos das pessoas entrevistadas que, na maioria, foram seus alunos e depois se tornaram colegas de docência, percebe-se que ele era um professor muito dedicado; possuía, além dos conhecimentos técnicos, muita cultura e conhecimento de vida. Para o Padre Schneider (2006), ele “[...] era uma pessoa assim, que você dificilmente encontra num ambiente de professores. Ele não era só um profissional, ele tinha uma missão”.

Wolfarth (2006) relata que conheceu o professor Vertes quando era aluno do Curso de Ciências Contábeis, mas já conhecia os seus livros antes de se tornar aluno da UNISINOS. Quando fez o curso técnico em contabilidade, utilizava o livro **Dupla Contabilidade Geral**.

Na época em que iniciou o curso de Ciências Contábeis, no entanto, o professor Vertes não ministrava mais a disciplina de Contabilidade Geral.

[...] o professor Alexandre era uma referência. Na ocasião, era o único doutor na área econômica aqui da UNISINOS, aliás, um dos poucos doutores do Rio Grande do Sul. De vez em quando, eu ia até a sala em que o professor Vertes ministrava suas aulas, para fazer uma reverência a ele, pelo grande mestre, por sua sabedoria, porque a gente estudava no livro dele e sabia que ali estava o autor do livro (WOLFART, 2006).

Já próximo ao final do curso, Wolfart foi aluno do professor Vertes na disciplina de Auditoria. Revela que ele conduzia suas aulas sempre levando o aluno a estudar. Ele formulava questões ou, às vezes, pedia que os alunos, com base no conteúdo das aulas, formassem as questões, as quais eram discutidas em aula. Dessa forma, o aluno tinha que estudar o conteúdo antes de vir para as aulas, para então poder participar das discussões em sala.

Schneider (2006) relata que foi aluno do professor Vertes na disciplina de Contabilidade Geral, em 1963. A turma compreendia em torno de 75 alunos e, mesmo sendo uma turma grande, as aulas eram ministradas sem problemas, porque “[...] ele tinha carisma, autoridade e um conhecimento muito grande”. E, devido ao carinho e confiança que a turma tinha pelo professor Vertes, o convidaram para ser o Paraninfo da turma. Essa turma reúne-se até hoje duas vezes ao ano para um almoço de confraternização e para fazer uma viagem surpresa. Schneider (2006) relata que nas viagens da turma “[...] ele e a esposa eram sempre figuras obrigatórias”. A ligação do professor Vertes com os seus afiliados era tão forte que, mesmo depois do seu falecimento, a sua esposa continuou a participar dos encontros anuais da turma. Ott (2005) relata que, “depois que o Vertes faleceu, a Susanne continuou a ir aos almoços e encontros da turma, sempre ostentando com orgulho o bóton da UNISINOS na lapela”.

Em 31 de outubro de 1996, momentos antes de empreenderem uma viagem surpresa, os “afilhados” prestaram uma singela mas significativa homenagem ao seu “padrinho”, inaugurando uma placa no jardim próximo ao prédio da administração da Área de Ciências Econômicas da UNISINOS.

Em 1986, foi prestigiado pela turma de formandos em Ciências Contábeis, recebendo o convite para ser o paraninfo da turma. “Em reconhecimento a sua dedicação, capacidade e, sobretudo, pela sua amizade, compreensão e carinho para com todos” (FORMANDOS, 86/2).

Nos anos de 1988 e 1989, foi Professor Homenageado da turma de formandos em Ciências Contábeis. Em 1996, ele já não atuava mais como docente, mas, mesmo assim, foi

homenageado pelos formandos em Ciências Contábeis, como Patrono da Turma. Na ocasião, recebeu uma placa com a mensagem: “A ti, Mestre, que ensinaste a confiar e amar. Homenagem dos formandos do curso de Ciências Contábeis” (FORMANDOS, 96/1).

No dia 03 de abril de 1984, outra homenagem lhe foi prestada por seus colegas professores, ocasião em que foi inaugurada uma placa dando o nome de “Sala Alexandre Vertes” à sala onde funcionava o então Departamento de Contabilidade, atual Coordenação do Curso de Ciências Contábeis. A solenidade de inauguração da “Sala Alexandre Vertes” contou com a presença do Vice-Reitor Acadêmico da UNISINOS, Pe. Miron Alexius Stoffels, o qual lhe havia enviado também um ofício do qual extraiu-se o seguinte trecho:

É, para mim, sempre uma satisfação dirigir-me aos professores de nossa Universidade. Mas, hoje, sobe de ponto esta alegria, por endereçar-me a V.S.^a, na data em que cumpre trinta anos de dedicação, carinho e verdadeiro amor à UNISINOS. Todo esse tempo testemunha, junto com os inúmeros alunos que tiveram o privilégio de tê-lo como mestre e amigo e de usufruir sua sincera amizade, a plena identificação com a filosofia de educação de nossa Universidade e com os objetivos que ela se propõe colimar. A tal ponto é isto verdadeiro que a sua saudação – permita-me evocá-la – ao encontrar um conhecido ou amigo, já integrou o nome da instituição – “Saudações Unisínicas” (UNISINOS, Of. VRAC, n.º 057/04, 1984).

Ressalta-se, porém, que, em 1984, o professor Vertes estava completando 25 anos de trabalho na UNISINOS e não 30 anos, como faz referência o ofício. O Vice-Reitor evidencia também a importância do trabalho desenvolvido pelo professor Vertes na UNISINOS ao expressar “[...] o meu mais sincero e profundo reconhecimento por tudo quanto semeou entre seus discípulos, por tudo quanto fez de bem à Universidade, por tudo quanto ainda há de realizar entre nós” (UNISINOS, Of. VRAC, n.º 057/04, 1984).

Como docente, o professor Vertes era muito dedicado, objetivo e bastante respeitado por seus alunos. Conforme relato de Schneider (2006), ele conduzia suas aulas com muita clareza. Tinha um sotaque húngaro carregado, porém, isso não dificultava o entendimento dos alunos. Wolfarth (2006) assinala que,

[...] como era húngaro, ele trocava muitas vezes o gênero *o* por *a*, mas isso nós acolhíamos com muito carinho devido à admiração e respeito que tínhamos por ele. Eu nunca tive dificuldade em compreendê-lo, e a sala de aula era sempre um silêncio quando ele falava, porque a gente tinha ali uma fonte de sabedoria.

O professor Ott (2005) teve aula com o professor Vertes em 1964 e, nessa época, o sotaque dele era “bastante carregado”, mas segundo o seu relato, “[...] nunca cheguei a ter

dificuldades em entendê-lo, talvez pelo fato de eu ser de origem alemã, acostumado a ouvir uma língua igualmente pesada”.

Quando o professor Vertes começou a lecionar, havia poucos anos que ele tinha vindo da Hungria e apresentava sérias dificuldades de falar português. Rambo (2006) relata que “ele nunca aprendeu a falar português direito, mas isso ninguém levava em consideração, porque o resto compensava perfeitamente”, ou seja, o seu conhecimento, competência e dedicação no desempenho das suas funções de docente.

Como docente, ele estava sempre testando novas metodologias de ensino, visando melhorar o processo de aprendizagem dos alunos. Também incentivava os alunos a estudarem e a pesquisarem. Ott (2005) relata que, na época em que foi aluno do professor Vertes no curso de economia, não havia livro-texto da disciplina que ele ministrava. Tudo o que ele falava os alunos tinham que anotar e trazer na aula seguinte “datilografado”. Essa era uma maneira de fazer os alunos estudarem o que havia sido dado em aula e “ele dizia que no final do ano todos teríamos escrito nosso próprio livro”.

Referindo-se à sua dedicação à docência, Schneider (2006) relata que o professor Vertes “[...] tinha uma visão maior do que simplesmente fazer um trabalho. Ele nos ensinou isso também. Ele tinha essa disposição de ser professor não só na sala de aula. Ele trabalhava com satisfação e comprometimento; conseguiu realmente dar um significado ao seu trabalho”.

A preocupação com a aprendizagem dos seus alunos ficou explícita na forma como buscava entender esse processo, ao solicitar aos seus alunos, no final de cada semestre, a opinião deles sobre a disciplina e sugestões de como melhorar o seu aproveitamento. Foram encontrados, na sua residência, diversos comentários escritos por alunos, nos quais estes expressavam as suas opiniões e, em todas elas, observou-se que havia trechos sublinhados ou marcados, evidenciando que ele lia e avaliava todas as considerações recebidas.

Wolfarth (2006) menciona que teve a honra de ser aluno do professor Vertes nas disciplinas de Auditoria I e II. Revela que a sua postura como docente era impressionante. “Ele reprovava o aluno olhando nos seus olhos. Ele dizia: - Ainda não foi desta vez que passaste; quando aprenderes um pouco mais, vais passar. Tens que estudar um pouco mais e então vais passar”. E ninguém ousava questionar a avaliação dele porque, apesar de ser uma pessoa totalmente acessível, tinha uma autoridade muito grande. Nesse sentido, Würch (2006) relata que ele era muito firme em suas decisões, mas nunca por imposição.

Ele nunca era carrancudo, de chegar em aula ameaçador, mostrar que era bravo. Tanto é que ele sempre falava: “- Quem sabe podes fazer assim...” Ele tinha um jeito muito especial de convencer as pessoas a fazer exatamente o que ele queria sem, no entanto, ser arrogante e impositivo. E, quando ele falava “- Quem sabe” conseguia empenhar todos.

O professor Vertes ministrou aulas nos cursos de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis, conforme demonstrado no Quadro 3.

Ano	Disciplinas						
	Economia Política	Contabilidade Geral	Estrutura e Análise de Balanço	Contabilidade Geral I	Contabilidade Geral II	Auditoria I	Auditoria II
1959	X	X	X				
1960	X	X					
1961	X	X					
1962	X	X					
1963	X			X	X		
1964	X			X	X		
1965	X			X	X		
1966	X			X	X		
1967	X						
1968	X		X	X	X	X	
1969	X		X	X	X	X	
1970			X	X	X	X	
1971			X	X	X	X	
1972						X	X
1973						X	X
1974						X	X
1975						X	X
1976						X	X
1977						X	X
1978						X	X
1979						X	X
1980						X	X
1981						X	X
1982						X	X
1983						X	X
1984						X	X
1985						X	X
1986						X	X
1987						X	X
1988						X	X
1989						X	X

Quadro 3: Disciplinas ministradas pelo Professor Dr. Alexandre Vertes na UNISINOS

Durante o tempo em que atuou como docente, orientou também diversos trabalhos de conclusão de curso. As suas orientações foram nas áreas de auditoria e perícia, que estão demonstradas no Quadro 4.

Período	Aluno	Título do Trabalho
1983/2	1. Catarina Maria Steffen 2. Dirceu da Silva	1. Auditoria no Departamento de Recursos Humanos, Empresa G. A. Werlang & Cia. Ltda. 2. Auditoria nas Demonstrações Financeiras
1985/1	1. Antonio do Amaral Gurgel Neto 2. Nestor Pilz	1. Auditoria de Contas a Pagar 2. Auditoria de Valores a Receber dos Clientes da Empresa Máquinas Kehl S/A
1985/2	Enio Gehlen	Periciais Judiciais Contábeis
1986/1	1. Cláudio Krüger 2. Rogério Antonio Schwindt 3. Victor Jairo Michaelen	1. Auditoria de Valores a Receber dos Clientes da Empresa Hennemann S/A 2. Auditoria dos Estoques da Empresa Primavera S/A. 3. Auditoria das Contas Bancos e Instituições Financeiras da Cia. Estrela
1987/1	1. Célio Razia Del Paulo 2. José Paulo Zigmundo 3. Nelci Kaffer 4. Roberto Solar Ellwager	1. Auditoria de Disponibilidade: caixa e bancos da empresa TBSA 2. Auditoria de Disponibilidades e Contas a Receber 3. Auditoria de Câmbio em Bancos 4. Inventário Geral de Pessoas Jurídicas
1987/2	Nelci Salvador Lanzoni	Auditoria em Departamento Pessoal
1988/1	José Augusto Barreto	Auditoria Operacional em Duplicatas a Receber
1989/1	Leila Inez Ransolin	Auditoria Interna em Contas a Receber de Clientes: conceitos e aplicação prática

Quadro 4: Trabalhos de conclusão orientados pelo professor Dr. Alexandre Vertes na UNISINOS

O professor Vertes aposentou-se em 30 de junho de 1975, mas continuou suas atividades docentes até o ano de 1989, sempre com o mesmo entusiasmo e dedicação.

No período em que esteve na UNISINOS, além de participar da formação de economistas e contadores, foi responsável pela formação de docentes, os quais garantiram a continuidade de sua metodologia. Conforme evidenciado no Quadro 3, na medida em que esses professores foram sendo preparados para assumir as disciplinas, Vertes foi gradativamente diminuindo o seu trabalho de docente. Nos últimos anos, lecionava somente as disciplinas de Auditoria. Wolfarth (2006) relata:

Quando eu iniciei em 1989 como docente, já era o período em que o Dr. Alexandre estava gradativamente se afastando. Como todo grande mestre, tomou a iniciativa de se afastar gradualmente de suas funções de docente. Ele não tinha aulas todos os dias, mas ele vinha na universidade todos os dias. Permanecia algumas horas para receber as pessoas e conversar com os professores.

O afastamento da UNISINOS foi uma decisão do próprio professor Vertes. Wolfarth (2006) conta que em 1991, quando era Superintendente Administrativo, convidou o professor Vertes para uma conferência sobre contabilidade. Na ocasião, ele disse: “- Não, meu tempo já passou. Isso agora é para os jovens. Eu tenho agora que me dedicar a minha vida de aposentado, mas sempre posso dar palpites”.

Em correspondência dirigida ao Reitor da UNISINOS, datada de 25 de agosto de 1989, o professor Ott, Diretor do Centro de Ciências Econômicas na época, encaminhou a solicitação de desligamento do professor Vertes.

Colocamos o Prof. Dr. Alexandre Vertes à disposição da Reitoria para que seja providenciado o seu desligamento do quadro de docentes da Universidade. O Professor Dr. Alexandre Vertes completou, em março do corrente ano, 30 anos de trabalhos ininterruptos nesta Universidade, tendo durante todo este tempo se dedicado de forma exemplar ao ensino, dignificando o corpo docente do Centro de Ciências Econômicas.

A sua atuação como docente foi reconhecida também pelo Clube dos Bacharéis em Ciências Contábeis, pelo Instituto de Contadores e Auditores do Rio Grande do Sul e pela Associação Profissional dos Contadores de Porto Alegre que, em 1984, homenagearam-no com a distinção de “Professor Destaque”. A homenagem foi um reconhecimento aos relevantes serviços dedicados ao ensino da contabilidade. Nessa ocasião, recebeu um ofício da Reitoria da UNISINOS, na qual o Vice-Reitor Acadêmico cumprimentou-o pela homenagem recebida.

Sem lhe ferir a modéstia, digo que este galardão constitui uma pedra preciosa a mais engastada na coroa de láureas que lhe marcam a vida de Professor. E seus méritos são plagas, inovando e impulsionando o estudo da Contabilidade, a ponto de, com justiça, ser cognominado “Pai da Contabilidade no Rio Grande do Sul” (UNISINOS Of. n° 448/84).

No pronunciamento que fez no Clube dos Bacharéis em Ciências Contábeis, Vertes agradeceu a homenagem recebida e, num gesto de grandeza, estendeu a láurea a todos os professores e profissionais da contabilidade. Na ocasião, agradeceu também à UNISINOS, conforme segue:

Fiquei realmente comovido pela homenagem recebida neste Dia do Contador. O título de Professor Destaque de 1984 aceito em nome de todos os Professores e Profissionais da Contabilidade, como se fosse representante deles. Agradeço a minha universidade, a UNISINOS, que não só me aturou durante 25 anos como

também me concedeu a mais ampla liberdade de divulgação de teorias diferentes na área da Ciência da Contabilidade e, mais ainda, me concedeu o título de Professor Benemérito e denominou a sala do Departamento de Contabilidade de “Sala Professor Dr. Alexandre Vertes” (VERTES, 1984).

Como docente, Vertes contribuiu na difusão do conhecimento contábil, formando contadores, economistas e professores. Percebe-se que, por sua formação, adotou diretrizes educacionais voltadas a tornar o aluno sujeito ativo no processo de aprendizagem. Sua visão era de desenvolver profissionais capazes de buscar soluções por si mesmos.

Nesse sentido, defendia a adoção de uma nova postura do professor universitário em sala de aula. Acreditava que o ensino só tinha significado quando o aluno estava envolvido no processo de aprendizagem. Esse envolvimento era possível se fosse dada ao aluno a responsabilidade de estudar em casa. Certamente não era o caminho mais fácil para o aluno, tampouco para o professor, porém tinha convicção de que era o melhor. Dessa forma, a capacidade de iniciativa própria do aluno estaria sendo preservada, e a sala de aula, nesse processo, seria um lugar de diálogo, destinado a esclarecer as dúvidas e aprofundar conceitos. Segundo Vertes (1973),

tudo isso é muito relevante, pois estamos trabalhando com o material humano mais importante do país. Devemos ter a consciência de que, se um aluno sai de uma universidade sem o preparo suficiente para ser realmente um líder no campo em que vai atuar, teremos fracassado no nosso objetivo.

Além de possuir conhecimentos técnicos na sua área, ele possuía grande habilidade para envolver os seus alunos no processo de aprendizagem. E, mesmo diante das resistências dos alunos, tinha sempre argumentos e persistência para convencê-los. O grande desafio, de acordo com Vertes (1978, p. 21), é fazer o aluno entender que é preciso aprender a se virar sozinho, que eles precisam ter iniciativa, pois “[...] as empresas necessitam de líderes e não de contadores apenas, porque, se houver líderes, elas alcançarão maior desenvolvimento, e empresas desenvolvidas trarão progresso ao país”.

3.3.2 Metodologia de Ensino da Contabilidade

Em relação aos aspectos metodológicos utilizados para o ensino da contabilidade no Brasil, há a adoção da Escola Italiana de Contabilidade, em menor número, e com maior expressão, da Escola Norte-americana de Contabilidade, como salienta Marion (2000, p. 18), afirmando:

Observamos, praticamente, duas metodologias distintas, aplicadas atualmente. A primeira, que tem como base a Escola Contábil Italiana, reputamos totalmente inadequada e desmotivadora; ela predomina em algumas faculdades. A segunda, mais moderna, que tem como base a Escola Contábil Americana, é muito mais adequada e atraente que a primeira, mas, a nosso ver, necessita de alguns retoques fundamentais. Existem ainda **outras metodologias, menos expressivas** que as duas referidas, aplicadas em um número reduzido de faculdades, principalmente no Sul do país, e que não abordaremos por falta de detalhe (Grifo nosso)

A metodologia menos expressiva a que o autor faz referência talvez seja a metodologia implantada na UNISINOS pelo professor Vertes, desde de 1959, para o ensino da disciplina de contabilidade. As bases dessa metodologia são detalhadas a seguir.

3.3.2.1 Inventário Geral Patrimonial

O Inventário Geral Patrimonial representa a base da metodologia adotada pelo professor Vertes para o ensino da contabilidade. Como assinala Ott (2005): “o Prof. Vertes tinha a preocupação de assentar o estudo da contabilidade num elemento concreto, real, visando uma melhor assimilação por parte dos alunos. Esse elemento é o Inventário Geral do Patrimônio das entidades”. “Iniciar o aluno no estudo da contabilidade, por meio de um método de fácil assimilação – O Inventário – fornece sólida base para a compreensão dos elementos formadores do patrimônio administrado, que é o objeto da Ciência Contábil” (VERTES, 1977b, p.21).

No processo de ensino, é apresentado, primeiramente, um Inventário Geral Inicial da composição patrimonial de uma determinada entidade, onde são descritos todos os elementos constitutivos do patrimônio, tanto ativos como passivos, apurando-se o valor do capital próprio (patrimônio líquido) pela diferença entre a soma dos ativos e dos passivos. Um ano após, é elaborado um Inventário Geral Final, para que o aluno possa compreender as modificações ocorridas no patrimônio da entidade, especialmente no patrimônio líquido. A diferença apurada entre os valores do patrimônio líquido do primeiro em relação aos do segundo inventário indicam se a entidade teve lucro ou prejuízo no período.

A seguir apresenta-se, como exemplo, o Inventário Geral n.º 1 da empresa José da Silva, levantado no dia 10 de março do ano “A”.

Nº. de ordem	Descrição	Valores em \$		
		unitários	parciais	totais
	I. ATIVO			
1.	CAIXA			1.000,00
2.	Devedores			
	P. Afonso, dupl. n.º 23 vcto 30.03. ano A		1.500,00	
	A. Paz, dupl. n.º 31 vcto. 14.04 do ano A.....		500,00	2.000,00
3.	Mercadorias			
	300 m de tecido, marca Estrela.....	2	600,00	
	120 m de tecido, marca Neve.....	10	1.200,00	
	400 m de tecido, marca Ouro	8,00	3.200,00	5.000,00
4.	Móveis e Utensílios			
	1 prateleira, n.º 1, envidraçada.....		80,00	
	1 prateleira, n.º 2, aberta.....		40,00	
	1 cofre-forte, n.º 3, marca Berta.....		120,00	
	1 balcão 5 m x 1,10 m, marca Gerdau, n.º 4		50,00	
	2 escrivaninhas, n.º 5 e 6, Styl.....	30,00	60,00	
	1 máquina de escrever, n.º 7 Continental 09087.....		300,00	
	4 cadeiras estofadas n.º 8, 9, 10 e 11 .	10,00	40,00	690,00
	Ativo Total			8.690,00
	II PASSIVO			
1.	Credores			
	L. Ary, Porto Alegre.....		1.100,00	
	H. Santos, Canoas.....		1.500,00	2.600,00
2.	Notas Promissórias a Pagar			
	R. Preto, Porto Alegre Vcto. 01.12 ano A		800,00	
	T. Correia, Esteio vcto. 05.06 ano A		700,00	1.500,00
	Passivo Total			4.100,00
	III COMPARAÇÃO			
	Ativo Total			8.690,00
	Passivo Total			4.100,00
	Capital Próprio ou Ativo Líquido ou Patrimônio Líquido.....			4.590,00
	Porto Alegre, 10 de março do ano A. Ass: José da Silva			

Figura 1: Inventário Geral n.º 1

Fonte: Vertes (1967, p. 21)

O Inventário Geral Patrimonial apresenta a descrição dos itens patrimoniais e os respectivos valores. No final, apresenta-se o somatório do Ativo e do Passivo, e o Patrimônio Líquido é estabelecido pela diferença entre Ativo total e Passivo total.

Também se observa que o Inventário Geral Patrimonial é elaborado obedecendo a “ordem de liquidez”, ou seja, como primeiro elemento aparece o caixa que já é dinheiro e, em seguida, registram-se os itens que vão se transformar em dinheiro mais rapidamente e, por

último, estão os itens que não se destinam à venda (imobilizações). A classificação dos itens do passivo segue a ordem de exigibilidade, ou seja, de acordo com as datas de vencimento.

Destaca-se que, já em 1959, o professor Vertes ensinava a elaboração do Inventário Geral do Patrimônio e do Balanço Patrimonial obedecendo a “ordem de liquidez”, a qual foi consagrada somente em 1976, pela Lei 6.404 (Lei das Sociedades Anônimas). Antes da vigência da Lei 6.404, a estrutura do Balanço Patrimonial era regulamentada pelo Decreto-Lei n.º 2627, de 1940, conforme segue:

- a) O ativo será dividido em ativo imobilizado, estável ou fixo, ativo disponível, ativo realizável a curto prazo e a longo prazo, contas de resultado pendente, contas de compensação;
- b) O passivo será dividido em passivo exigível, a longo e a curto prazo, e passivo não exigível, neste compreendido o capital e reservas legais e estatutárias, e compreenderá também as contas de resultado pendentes e as contas de compensação (BRASIL, Decreto Lei 2627/40 artigo 129).

Pelo texto transcrito do Decreto-Lei n.º 2627/40 o Balanço Patrimonial apresentava a seguinte estrutura:

BALANÇO PATRIMONIAL	
ATIVO	PASSIVO
Imobilizado	Exigível a Longo Prazo
Realizável a Curto Prazo	Exigível a Curto Prazo
Realizável a Longo Prazo	Não Exigível
Resultado Pendente	
Contas de Compensação	

Figura 2: Estrutura do Balanço Patrimonial de acordo com o Decreto-Lei n.º 2627/40

A partir do Inventário Geral, é elaborado o Balanço Patrimonial, que nada mais é do que um Inventário sintético. O objetivo é “levar o aluno ao estudo de noções preliminares sobre uma das mais importantes peças contábeis: o Balanço Patrimonial e a sua constituição a partir do Inventário Geral” (VERTES, 1977b, p. 24).

O Balanço Patrimonial elaborado com base no Inventário Geral Patrimonial assim se apresenta:

BALANÇO PATRIMONIAL			
ATIVO		PASSIVO	
1. Caixa	1.000,00	1. Credores	2.600,00
2. Devedores	2.000,00	2. Notas Promissórias a Pagar	1.500,00
3. Mercadorias	5.000,00		
4. Móveis e Utensílios	690,00	Capital Próprio	4.590,00
	8.690,00		8.690,00

Figura 3: Balanço Patrimonial

Fonte: Adaptado de Vertes (1967, p. 130)

O balanço apresenta os grupos patrimoniais, sem o detalhamento dos itens, e obedece a mesma ordem de classificação do Inventário Geral Patrimonial.

3.3.2.2 Escrituração Contábil

Conhecida a estrutura do Balanço Patrimonial, este serve de base para iniciar o processo de escrituração contábil. Isso ocorre com o enunciado de operações permutativas e modificativas que alteram, respectivamente, o patrimônio de forma qualitativa e quantitativa. Cada nova operação dá lugar a um novo balanço, ou seja, a contabilidade (escrituração contábil) é uma seqüência de balanços. De acordo com Vertes (1977b, p.24), “constitui-se a Seqüência de Balanços no pano de fundo para a compreensão de processos tradicionais de escrituração [...]”. Demonstra que a escrituração é o registro dos fatos ocorridos entre o balanço inicial e o final.

Uma vez assimilado esse processo, são constituídas as contas (razão) com base no Balanço Patrimonial, permitindo ao aluno “[...] perceber que as contas são o próprio Balanço, mesmo quando funcionam separadas desse (Razão), mantendo assim a visão do todo na contabilidade”. Vertes (1967, p.147) menciona que a contabilidade é um circuito fechado, ao fazer o seguinte comentário:

Entretanto, devido à dissolução do Balanço em contas, nada mudou. O Balanço ganhou somente outra forma. Sendo as contas patrimoniais as partes dinâmicas do Balanço, em conjunto, representam o mesmo Balanço. Em virtude de cada variação permutativa (qualitativa) sempre atingir dois grupos de valores, isto é, duas contas, a igualdade forçada no Balanço é mantida. Assim é sempre possível transformar também as contas em balanço. Com essa finalidade, aproveitamos a Situação Final de cada conta e formamos o Balanço Final. Os saldos devedores das contas patrimoniais formam o Ativo, e os credores o Passivo.

Para explicar o estabelecimento das contas de resultados, ele segue o mesmo

raciocínio anterior. As variações modificativas são apresentadas ao aluno para permitir que o mesmo tenha uma visão completa de todo o processo. Os procedimentos metodológicos descritos por Vertes (1977b, p.28) são:

- 1º. Passo: o registro das variações modificativas, lançando-as diretamente na Conta Capital, como um recurso utilizado para fixar o aluno no que realmente representam essas variações: aumento ou diminuição do Patrimônio Líquido;
- 2º. Passo: a demonstração do desdobramento da conta Capital, que permite ao aluno ver nascer um dos instrumentos mais conhecidos na prática contábil: a conta Lucros e Perdas;
- 3º. Passo: o desdobramento da conta Lucros e Perdas (contas de receitas e de despesas) para o registro dos lançamentos das variações modificativas, separadamente.

Ao comentar esse processo de registros, Ott (2005) assim se manifesta:

[...] a idéia da conta de resultado é identificar qual o elemento que contribuiu para o aumento ou diminuição do patrimônio líquido. Então é criada, por exemplo, uma conta de alugueis, e o valor correspondente é lançado do mesmo lado que se lançaria num primeiro estágio na conta capital (próprio), e num segundo estágio em lucros e perdas, isto é, no lado esquerdo da referida conta. Com isso, o conceito fica preservado.

Pode-se perceber, com base no exposto, que o professor Vertes desenvolve a metodologia de ensino da contabilidade de tal forma que possibilita ao aluno o entendimento de todo o processo contábil, desde o Inventário Geral inicial, que dá o suporte para elaboração do Balanço Patrimonial (inicial), passando pelos registros contábeis das variações permutativas e modificativas nas contas do razão, as quais, no final do período, somadas aos saldos iniciais, compõem o Balanço Patrimonial final e a Demonstração de Resultados. Para o professor Vertes, no final do exercício, deve ser feito o Inventário Geral Patrimonial final. Estabelecendo-se a diferença entre o capital próprio do Inventário Geral inicial e o capital próprio do Inventário Geral Final, obtém-se o resultado do exercício. O resultado apurado com base nos dois inventários (inicial e final) deve ser confrontado com o resultado apurado com base na escrituração. O procedimento constitui-se na prova material de que a escrituração foi executada de forma adequada.

3.3.2.3 Tabela Leopoldense

A Tabela Leopoldense, assim denominada pelo professor Vertes por ter sido utilizada pela primeira vez no Brasil, na cidade de São Leopoldo, foi por este implementada na

FEVARSINOS em 1959, para auxiliar nos registros de encerramento do exercício.

Conforme relata Wolfarth (2006), a tabela permite a apresentação do Balanço e da Demonstração de Resultados sem o encerramento contábil. “Essa Tabela mostra a situação patrimonial da empresa e facilita a confecção dos relatórios, tanto é que uma empresa multinacional na qual eu trabalhava a adotava. Hoje, com a informática, isso não é mais necessário, mas a metodologia dentro dos sistemas contábeis baseia-se nisso”.

Vertes acreditava que, para a contabilidade ser um instrumento de informação adequado à tomada de decisão, deveria apresentar os relatórios (balanço e resultado do exercício) mensalmente. A Tabela Leopoldense atende esse objetivo perfeitamente.

Para maior compreensão acerca desse instrumento, apresenta-se um exemplo de Tabela Leopoldense elaborada em 30 de novembro do ano A.

EMPRESA ABC - São Leopoldo
Tabela Leopoldense
30 de novembro do ano A - Apuração do Resultado Mensal

Contas	Movimento		Saldo		Ajustamento		Saldo Ajustado		Balanço		Lucros e Perdas	
	D	C	D	C	D	C	D	C	+ A	- P	-P	+L
1.1 Caixa	560	160	400	-	-	-	400	-	400	-	-	-
2.2 Dupl. A Rec.	21.600	-	21.600	-	-	-	21.600	-	21.600	-	-	-
3.1 Móveis utens.	600	-	600	-	-	-	600	-	600	-	-	-
3.3 Veículos	1.200	-	1.200	-	-	-	1.200	-	1.200	-	-	-
16.1 Merc. Seguradas	14.200	-	14.200	-	-	-	14.200	-	14.200	-	-	-
Conta Balanço Inicial	32.560	32.560	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4.1 Fornecedores	1.400	12.000	-	10.600	-	-	-	10.600	-	10.600	-	-
2.3 Dupl. Negociadas	-	900	-	900	-	-	-	900	-	900	-	-
3.2 Reg. Móveis utens.	-	100	-	100	-	3) 5	-	105	-	105	-	-
3.4 Reg. Veículos	-	300	-	300	-	4) 20	-	320	-	320	-	-
17.1 Contr. Seguro	-	14.200	-	14.200	-	-	-	14.200	-	14.200	-	-
5.1 Capital Social	-	15.300	-	15.300	-	-	-	15.300	-	15.300	-	-
6. Reserva	-	200	-	200	-	-	-	200	-	200	-	-
2.4 Previsão dev. Duvidosos	-	60	-	60	5) 60	6) 650	-	650	-	650	-	-
8.2.1 Dev. Compras	-	1.400	-	1.400	1) 1.400	-	-	-	-	-	-	-
11.3 Premios de seguros	120	-	120	-	-	2) 110	10	-	-	-	10	-
11.2 Desp. Veículos	40	-	40	-	-	-	40	-	-	-	40	-
13.1 Comissões ativas	-	200	-	200	-	-	-	200	-	-	-	200
8.1 Estoques merc. *	14.200	-	14.200	-	-	-	14.200	-	-	-	14.200	-
8.2 Compras *	10.500	-	10.500	-	-	1) 1.400	9.100	-	-	-	9.100	-
12.1 Vendas *	-	19.600	-	19.600	-	-	-	19.600	-	-	-	19.600
	96.980	96.980	62.860	62.860								
2.1 Estoque final *	-	-	-	-	-	-	-	-	13.410	-	-	13.410
2.5.1 Seg. pagos antec.	-	-	-	-	2) 110	-	110	-	110	-	-	-
10.1 Deprec. Móv. Utens.	-	-	-	-	3) 5	-	5	-	-	-	5	-
10.2 Deprec. Veículos	-	-	-	-	4) 20	-	20	-	-	-	20	-
14.1 Rever.Dev. Duvidosos	-	-	-	-	-	5) 60	-	60	-	-	-	60
11.4 Cred. Cob.duvidosa	-	-	-	-	6) 650	-	650	-	-	-	650	-
11.1 Aluguéis passivos	-	-	-	-	7) 150	-	150	-	-	-	150	-
4.3.1 Aluguéis a pagar	-	-	-	-	-	7) 150	-	150	-	150	-	-
9.1 Ordenados passivos	-	-	-	-	8) 200	-	200	-	-	-	200	-
4.3.2 Ordenados a pagar	-	-	-	-	-	8) 200	-	200	-	200	-	-
					2.595	2.595	62.485	62.485	51.520	42.625	24.375	33.270
Lucro Líquido de 01.11.A a 30.11.A									51.520	8.895	8.895	33.270
									51.520	51.520	33.270	33.270

OBS.: * Os lançamentos de compras, vendas e estoques referem-se ao sistema de quatro contas, e o estoque final é apurado a partir das fichas de controle de estoque.

Figura 4: Tabela Leopoldense (com coluna de ajustamentos)

Fonte: Vertes (1967, p. 559)

A Figura 4 apresenta a Tabela Leopoldense com coluna de ajustamentos, e foi elaborada conforme segue:

a) Inicialmente, foi feita a transcrição dos lançamentos efetuados a débito e a crédito

de cada conta, incluindo os saldos iniciais, para as respectivas contas da tabela, na coluna “movimento”;

- b) Na coluna “saldo”, estão apresentados os valores resultantes das diferenças entre os débitos e os créditos;
- c) Os dados apresentados a partir da coluna saldo não são contabilizados, pois são utilizados para a apuração extra-contábil do resultado mensal;
- d) Os ajustes feitos na coluna “ajustamentos”, para efeitos de apuração do resultado e atendimento do Princípio de Competência, são:
 - 1) Transferência do saldo da conta devolução de compras para a conta de compras no valor de \$ 1.400,00;
 - 2) Retificação do valor do prêmio de seguro, cujo pagamento se refere ao período de um ano, no valor de \$110,00;
 - 3) Depreciação sobre móveis e utensílios de 1/12 do valor nominal do bem, considerando uma taxa anual de 10%, correspondente ao valor de \$ 5,00;
 - 4) Depreciação sobre veículos de 1/12 do valor nominal do bem, considerando uma taxa anual de 20%, correspondente ao valor de \$ 20,00;
 - 5) Reversão da provisão para devedores duvidosos no valor de \$ 60,00;
 - 6) Constituição de nova provisão para devedores com crédito de liquidação duvidosa no valor de \$ 650,00;
 - 7) Valor do aluguel correspondente a novembro, cujo pagamento será efetuado em dezembro, no valor de \$ 150,00;
 - 8) Valor de ordenados do mês de novembro, cujo pagamento será efetuado no mês de dezembro, no valor de \$ 200,00.
- e) Na seqüência, tem-se a coluna “saldo ajustado”. Os valores apurados nessa coluna são transferidos para as colunas “Balanço” e “Lucros e Perdas”, conforme se tratem de contas patrimoniais ou de resultados;
- f) Totalizando-se as somas das colunas de “Ativo” e “Passivo” e “Lucros”, e “Perdas” constata-se que, para seu fechamento, faz-se necessário adicionar um determinado valor. Esse valor corresponde ao lucro líquido e é apurado duplamente: com base nas contas patrimoniais e com base nas contas de resultado.

Dessa forma, é possível, de maneira simples, objetiva e rápida, a partir dos ajustes efetuados na Tabela Leopoldense, apurar, a qualquer momento, o resultado das operações da empresa. Já nessa época, apesar da contabilidade brasileira estar ainda muito vinculada aos aspectos legais e centrada na escrituração, o professor Vertes buscava formas de fornecer informações contábeis para fins gerenciais. Nesse sentido, Vertes (1967, p.514) assinala que

[...] a contabilidade não se constitui em simples meio de calcular impostos; o Balanço é um espelho da situação econômico-financeira da empresa, e o Balanço de Resultados reflete a gestão em forma de perdas e lucros, e o que é mais importante, que a escrituração serve para planejar o futuro.

A Tabela Leopoldense vem sendo utilizada na FEVARSINOS/UNISINOS desde 1959, como já foi referido, tanto na forma apresentada na Figura 3, como no modelo em percentagem e modelo completo.

A Tabela Leopoldense em percentagem possui seis divisões (12 colunas): movimento, saldo, balanço, balanço em percentagem, balanço de resultados e balanço de resultados em percentagem. Esse modelo permite a análise vertical do Balanço e do Resultado do Exercício. Ambos os modelos encontram-se como anexo do presente trabalho.

O modelo completo possui dez divisões (20 colunas): permite visualizar a origem, a formação e a variação dos valores compreendidos entre o Balanço Inicial e o Balanço Final, e a análise vertical do Balanço Patrimonial e da Demonstração de Resultados. Vertes (1967, p.567) justifica que é importante explicar a formação do Balanço Final, pois

[...] a contabilidade moderna não mais se contenta com os dados estáticos. Os dirigentes necessitam elementos dinâmicos, de movimento, de alterações, para que sejam capacitados a analisar as causas que levaram a empresa a uma determinada situação, e sentir a tendência e o rumo que a entidade pretende tomar.

Do ponto de vista didático, a Tabela Leopoldense possibilita ao aluno associar o processo de escrituração aos respectivos efeitos no patrimônio e apurar o resultado de duas formas: através das contas de resultado e através da diferença entre o capital próprio do balanço inicial e do final. Fornece também subsídios para o aluno efetuar os lançamentos de encerramento do exercício. Uma tabela semelhante à Tabela Leopoldense é apresentada no livro americano *Intermediate Accounting*. Consultou-se a nona edição, publicada em 1998, porém o livro já está na décima primeira edição, publicada em 2005. Os autores do livro são:

- Donald E. Kieso, Ph.D., CPA – bacharel pela Universidade *Aurora* e doutor em contabilidade pela Universidade de *Illinois*. Trabalhou como dirigente do Departamento de Contabilidade e recebeu da KPMG o título *Peat Marwick Emeritus Professor of Accountancy at Northern Illinois University*. É membro da *American Accounting Association*, do *American Institute of Certified Public Accountants* e da *Illinois CPA Society*;
- Jerry J. Weygandt, Ph. D., CPA – bacharel pela Universidade de Wisconsin – Madison e Ph.D. em contabilidade pela Universidade de *Illinois*, membro da *American Accounting Association*, do *American Institute of Certified Public Accountants* e da *Wisconsin Society of Certified Public Accountants*.

No livro *Intermediate Accounting*, os autores apresentam, na página 95, com a denominação de “Papel de Trabalho”, uma tabela semelhante à Tabela Leopoldense e com a mesma finalidade, ou seja, auxiliar no processo de encerramento do exercício e na elaboração das demonstrações contábeis. De acordo com Kieso e Weygandt (1998, p.93),

Para facilitar o encerramento do período financeiro contábil (mensal, trimestral ou anual) e relatar o processo, freqüentemente é utilizado o “Papel de Trabalho”. O “Papel de Trabalho” é uma folha de papel com colunas, usada para ajustar o balanço contábil e preparar as demonstrações financeiras. O uso do “Papel de Trabalho” ajuda o contador a preparar as demonstrações financeiras e fornece as bases adequadas para o processo. Dessa forma, não é necessário atrasar a preparação das demonstrações financeiras até os ajustes e os lançamentos de encerramento estarem registradas no diário (Tradução Livre).

Na Figura 5, apresentam-se os itens ajustados no “Papel de Trabalho”.

(a)		
Depreciation Expense—Furniture and Equipment	6,700	
Accumulated Depreciation—Furniture and Equipment		6,700
(b)		
Bad Debts Expense	1,000	
Allowance for Doubtful Accounts		1,000
(c)		
Insurance Expense	360	
Prepaid Insurance		360
(d)		
Interest Receivable	800	
Interest Revenue		800
(e)		
Prepaid Rent Expense	500	
Rent Expense		500
(f)		
Property Tax Expense	2,000	
Property Tax Payable		2,000

Figura 5: Ajustamentos efetuados no Papel de Trabalho

Fonte: Kieso e Weygandt (1998, p. 94)

Os itens de “a” a “f”, apresentados na Figura 5 são base para os ajustamentos apresentados na Figura 6. Os itens são:

- a) Depreciação de móveis e utensílios e equipamentos;
- b) Previsão para devedores com crédito de liquidação duvidosa;
- c) Transferência para despesa do valor de seguros antecipados;
- d) Receitas do exercício cujo recebimento se dará no exercício seguinte;
- e) Transferência para despesa do valor do aluguel pago antecipado;
- f) Imposto de propriedade do exercício cujo pagamento será efetuado no exercício seguinte.

Os ajustes supramencionados referem-se a 31 de dezembro de 1999 e foram transferidos para a coluna de ajustamentos do “Papel de Trabalho”. Na Figura 6, cada um dos itens ajustados é designado com a letra correspondente.

Uptown Cabinet Corp. TEN-COLUMN WORK SHEET For the Year Ended December 31, 1999										
Accounts	Trial Balance		Adjustments		Adjusted Trial Balance		Income Statement		Balance Sheet	
	Dr.	Cr.	Dr.	Cr.	Dr.	Cr.	Dr.	Cr.	Dr.	Cr.
Cash	1,200				1,200					1,200
Notes receivable	16,000				16,000					16,000
Accounts receivable	41,000				41,000					41,000
Allowance for doubtful accounts		2,000	(b)	1,000		3,000				3,000
Inventory, Jan. 1, 1999	36,000				36,000		36,000			
Prepaid insurance	900		(c)	360	540					540
Furniture and equipment	67,000				67,000					67,000
Accumulated depreciation—furniture and equipment		12,000	(a)	6,700		18,700				18,700
Notes payable		20,000				20,000				20,000
Accounts payable		13,500				13,500				13,500
Bonds payable		30,000				30,000				30,000
Common stock		50,000				50,000				50,000
Retained earnings, Jan. 1, 1999		14,200				14,200				14,200
Sales		400,000				400,000	400,000			
Purchases	320,000				320,000		320,000			
Sales salaries expense	20,000				20,000		20,000			
Advertising expense	2,200				2,200		2,200			
Traveling expense	8,000				8,000		8,000			
Salaries, office and general	19,000				19,000		19,000			
Telephone and telegraph expense	600				600		600			
Rent expense	4,800		(e)	500	4,300		4,300			
Property tax expense	3,300		(f)	2,000	5,300		5,300			
Interest expense	1,700				1,700		1,700			
Totals	<u>541,700</u>	<u>541,700</u>								
Depreciation expense—furniture and equipment			(a)	6,700	6,700		6,700			
Bad debts expense			(b)	1,000	1,000		1,000			
Insurance expense			(c)	360	360		360			
Interest receivable			(d)	800	800				800	
Interest revenue				(d)	800	800		800		
Prepaid rent expense			(e)	500	500				800	
Property tax payable				(f)	2,000	2,000				2,000
Totals			<u>11,360</u>	<u>11,360</u>	<u>552,200</u>	<u>552,200</u>				
Inventory, Dec. 31, 1999								40,000		40,000
Totals							425,160	440,800		
Income before income taxes							15,640			
Totals							440,800	440,800		
Income before income taxes								15,640		
Income tax expense			(g)	3,440			3,440			
Income tax payable				(g)	3,440					3,440
Net income							12,200			12,200
Totals							<u>15,640</u>	<u>15,640</u>	<u>167,040</u>	<u>167,040</u>

Figura 6: Papel de Trabalho
Fonte: Kieso e Weygandt (1998, p. 95)

Na primeira coluna, está transcrito o Balancete inicial; na segunda coluna estão os ajustes; e na terceira coluna é apresentado o balancete ajustado. O balancete ajustado, por sua vez, fornece informações para a preparação da demonstração de resultado e do balanço patrimonial.

Percebe-se que a única diferença do “Papel de Trabalho” para a Tabela Leopoldense

é a ordem das colunas da Demonstração de Resultado e do Balanço Patrimonial. A Tabela Leopoldense apresenta primeiro o Balanço e depois a Demonstração de Resultado; no “Papel de Trabalho”, a Demonstração de Resultado aparece primeiro, e depois o Balanço Patrimonial.

Em 1959, o professor Vertes já utilizava a Tabela Leopoldense no ensino da contabilidade como elemento de auxílio para o encerramento das contas, e esse mesmo instrumento também é utilizado no ensino da contabilidade nos Estados Unidos, atualmente. Esse fato demonstra a atualidade e importância desse instrumento, que é utilizado por autores conceituados do país e que conta com o maior prestígio na área contábil.

Além dos fins didáticos, a Tabela Leopoldense também foi adotada em empresas situadas na Região da Grande Porto Alegre, dentre as quais destacam-se o Montepio da Brigada Militar, Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN) e Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE). Porém é possível que a Tabela Leopoldense tenha sido adotada também em outros estados. Essa possibilidade pode ser considerada a partir de correspondência recebida pelo professor Vertes, na qual lhe eram solicitadas instruções para a implantação da Tabela Leopoldense em uma empresa. Um trecho da correspondência está reproduzido a seguir:

Estou cursando o 8º. Semestre de Ciências Contábeis, ou seja, o período de estágio, pela Universidade Estadual de Maringá. Seguindo as Instruções de meu orientador de estágio, professor Antonio Lucas Rausch, devo implantar na empresa em que trabalho, Revendedora autorizada Volkswagen, o Diário Americano e a Tabela Leopoldense, de seu excelente livro, Iniciação à Dupla Contabilidade Geral. Sabemos de antemão que o Diário Americano e a Tabela Leopoldense são muito utilizados, principalmente nas regiões sulinas, mais propriamente em Porto Alegre, eixo industrial onde o sistema foi bastante difundido (TEIXEIRA, 1979).

Na correspondência supra mencionada é solicitada também a indicação das empresas que utilizam o Diário Americano e a Tabela Leopoldense para um possível contato com elas, a fim de obter detalhes quanto à sua implantação e funcionamento.

3.3.2.4 Difusão da Metodologia

Na FEVARISINOS, o professor Vertes formou alunos que passaram a ser seus assistentes, seguidores dessa metodologia e, aos poucos, foram assumindo as disciplinas de

contabilidade. Rambo (2006, p. 2), em seu depoimento, evidencia que o professor Vertes:

[...] reunia eles na casa dele, lá em Ipanema, inclusive ele construiu lá uma sala de reuniões. Uma sala de reuniões específica, onde a turma se reunia regularmente para discutir a preparação das aulas, o currículo, as disciplinas, o cronograma de disciplinas e tudo mais. Um grupo de trabalho muito coeso e muito sério.

O professor Ott (2005) foi aluno do professor Vertes e, depois de formado, fez parte da equipe de docentes preparada por ele. Relata que,

o primeiro contato que tive com o professor Vertes foi em 1964, quando fui seu aluno na disciplina de Contabilidade Geral I, no curso de Ciências Econômicas, ainda na antiga sede da UNISINOS, que ficava no centro de São Leopoldo. Depois fui seu aluno na disciplina de análise de balanços, me formando em economia em 1967. No final de 1968, eu recebi um convite dele, junto com outros colegas, para lecionar. Na época, eu me interessei e acabamos vindo, vários colegas, fazer um curso preparatório com ele durante o mês de janeiro de 1969. Em fevereiro daquele ano, fui admitido como docente na Universidade.

Vertes procurou difundir a sua metodologia através da formação dos seus seguidores e de cursos direcionados para atualização de professores de contabilidade. Na Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos e na UNISINOS foram realizados diversos cursos de Atualização em Contabilidade Geral.

O primeiro Curso de Atualização em Contabilidade Geral foi realizado nos dias 15 a 17 de janeiro de 1973, e contou com a presença de nove professores de três estados brasileiros. O curso teve como objetivo apresentar a metodologia de ensino da contabilidade aplicada pelo professor Vertes na UNISINOS. Não foi possível localizar a relação dos participantes do curso supramencionado.

No ano seguinte, em 1974, foi realizado, nos dias 14 a 18 de janeiro, o II Curso de Atualização em Contabilidade Geral. Como no anterior, era destinado a professores de ensino superior de contabilidade, e o objetivo era também divulgar o método de ensino da contabilidade utilizado na UNISINOS. Nessa ocasião, foram distribuídos, para cada participante, um polígrafo para o acompanhamento das aulas, material didático e, no final do curso, o livro *Dupla Contabilidade Geral*, de autoria do professor Dr. Alexandre Vertes.

Os professores que ministraram o curso foram: Dr. Alexandre Vertes, Ernani Ott, Alberto Eduardo Henkel e Cursio José Juchem.

Os participantes do II Curso de Atualização em Contabilidade Geral estão relacionados no Quadro 5.

Local	Instituição de Ensino Superior	Participantes
São Luis – MA	Escola de Administração	Afonso Augusto Ribeiro da Costa Jandira de Jesus Barros João Carlos Campelo
Belo Horizonte - MG	Faculdade de Administração de Empresas da Universidade de Negócios de Administração	João Batista de Almeida
Uberlândia – MG	Faculdade de Ciências Econômicas	Ajair Forti
Recife – PE	Universidade Federal de Pernambuco	Ângelo Papaleo
Curitiba – PR	Faculdade de Administração e Economia da Universidade Católica do Paraná	Eunice de Salles Ávila
Niterói – RJ	Universidade Federal Fluminense	Sergio Gusmão da Silveira
Passo Fundo - RS	Universidade de Passo Fundo	Acioli Roesing
Santo Ângelo - RS	Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Santo Ângelo	José Antonio Bohnn Benaldo Liberali Ramiro Pedro Werlang
Santana do Livramento –RS	Faculdade de Ciências e Contabilidade de Livramento	João Batista Tavares
Blumenau –SC	Faculdade de Ciências Econômicas	Antonio Moacyr Pereira Diderot Carli
Florianópolis - SC	Universidade Federal de Santa Catarina	Gustavo Zimmer
Tubarão – SC	Faculdade de Ciências Econômicas	Alberto Gargnin Irineu Argemiro Brobdeck
Andradina – SP	Faculdade de Ciências Econômicas	José Antonio Mariani
Jundiaí – SP	Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas Padre Anchieta	Lourival Álvares Sanches
Lucélia – SP	Faculdade de Ciências Econômicas	Helio Bonilha Gonçalves
Maringá – SP	Faculdade de Ciências Econômicas de Maringá	Takahiro Nakatani
São José dos Campos- SP	Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Vale do Paraíba	Tertuliano Silva
Tupã – SP	Faculdade de Ciências Contábeis	Dorival Constante Silva Jurandir Alves de Oliveira Ivan Dutra

Quadro 5: Participantes do II Curso Superior de Atualização em Contabilidade Geral

O curso contou com a participação de vinte e seis professores da disciplina de Contabilidade Geral dos estados do Maranhão, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em 1975, realizou-se o III Curso Superior de Atualização em Contabilidade Geral, no qual participaram 27 professores pertencentes a Instituições de Ensino Superior dos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul, relacionados no Quadro 6.

Local	Instituição de Ensino Superior	Participantes
Bahia –BA	Faculdade de Ciências Contábeis da Fundação Visconde de Cairu	José Antonio Moreira Icó da Silva Sudário de Aguiar Cunha
Bahia –BA	Universidade Federal da Bahia	Gabriel Luiz Menezes Monteiro de Castro Otávio Vilas Boas Walter Silva Ribeiro
Vitória -ES	Universidade Federal do Espírito Santo	José Roberto Antonio
Ituiutaba – MG	Escola de Administração de Empresas de Ituiutaba	Rafael Eugenio de Azeredo Coutinho
Santa Rita do Sapucaí – MG	Escola de Administração de Empresas de Sta. Rita do Sapucaí	Francisco Ribeiro de Magalhães
Curitiba – PR	Universidade Federal do Paraná	Alfredo Arten Olimpio Lisboa Neto Erhard Ruprecht Daetzer Ary Pereira da Silva
Cachoeira do Sul - RS	Faculdade de Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Administração de Cachoeira do Sul	Erli Antão do Canto Calvett
Pelotas - RS	Universidade Católica de Pelotas	Edi da Silva Treptow
Porto Alegre- RS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Francisco Giseldo Tavares
Rio Grande -RS	Fundação Universidade de Rio Grande	Carlos Alberto Bragagnolo Leon Coutelle Filho
Santa Cruz do Sul - RS	Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas	Astor Ruben Bartz
Canoinhas- SC	Faculdade de Administração de Canoinhas	Moacir Motler Wilson Seleme
Florianópolis - SC	Universidade Federal de Santa Catarina	Luiz Eugenio Beirão Dauro Rodrigues Redaelli
Itapetininga - SP	Faculdade de Administração de Empresas – Fundação Karnig Bazarin	Manoel Vieira de Paula
Itapetininga - SP	Faculdade de Ciências Contábeis de Itapetininga	Raimundo Alves da Costa
Marília - SP	Faculdade de Ciências Administrativas e Contábeis de Lins	Jair de Castro
Sorocaba - SP	Faculdade de Administração e Ciências Contábeis de Sorocaba	Jovil Franco Benedito Santana Prestes

Quadro 6: Participantes do III Curso Superior de Atualização em Contabilidade Geral

O curso supramencionado ocorreu nos dias 13 a 17 de janeiro de 1975, das 14 às 17 horas, totalizando 40 horas-aula.

No término do curso, os participantes fizeram a avaliação do mesmo, apresentando críticas e sugestões. A seguir, transcrevem-se trechos dos documentos encontrados, nos quais os participantes expressaram suas opiniões e sugestões.

Este curso foi e será sempre válido porque serviu para começar a integrar o ensino de Contabilidade Geral, nas diversas regiões do país. E, também, para esclarecer dúvidas quanto aos procedimentos em outras instituições de ensino; e finalmente, pelo contato direto com os iniciadores de uma nova era no que diz respeito a metodologia de ensino em geral, como também, e mais particularmente, ao ensino da contabilidade. Quando nos defrontamos com um trabalho de responsabilidade e magnitude que se propõe o professor Alexandre Vertes e sua equipe, a sugestão é a

de que continuem a fazer o que até aqui já fizeram, pois assim estarão contribuindo com o progresso da Ciência Contábil, da Pedagogia e, em última escala, da Pátria (CUNHA, 1975).

Muito bem planejado e atendeu o objetivo proposto. A tese Dupla Contabilidade Geral é indiscutivelmente válida sob todos os aspectos, devendo ser louvada em face da nova abertura que apresenta para o ensino da disciplina, no nível superior. Todavia, o grande êxito do curso não reside tão somente no seu bom planejamento, nem na tese vitoriosa, mas em grande escala na segurança e brilhantismo da equipe de professores do Departamento de Contabilidade da UNISINOS, tão sabiamente liderada por este gigante de cultura, técnica e entusiasmo, que é o professor Alexandre Vertes (SILVA, 1975).

O curso foi desenvolvido de maneira brilhante, dando-nos uma idéia geral de como pode ser conduzida qualquer disciplina em nível superior. Deste modo, a equipe de Contabilidade Geral da UNISINOS, liderada pelo grande “timoneiro”, Dr. Alexandre Vertes, está de parabéns. A nova metodologia aplicada me parece ser muito boa, entretanto, nem todas as faculdades poderão introduzi-las, devido a problemas de toda sorte. Considerando-se que o curso é ministrado para professores de contabilidade, é desnecessário perder tanto tempo com preenchimentos das tabelas (ANTONIO, 1975).

“A UNISINOS conseguiu com êxito transmitir a metodologia novíssima do ensino da contabilidade. Vim para observar e levo para aplicar “*in totum*”” (MAGALHÃES, 1975).

Excelente ilustração e orientação eficiente para coordenar método que unifique a matéria que é por si, complexa e de aparência simples. A contabilidade vem sendo ministrada de maneira adversa e de tal forma desordenada, que alunos de diferentes faculdades conhecem-na de diferentes maneiras, quando a ciência é a mesma. Sugere-se que a UNISINOS continue ministrando tal curso visando expandir o seu método de ensino a nível nacional (LISBOA NETO, 1975).

Entendo ser excelente a metodologia adotada pela UNISINOS no ensino universitário, com a adoção de livros textos adequados. O livro adotado para a disciplina de Contabilidade Geral, do próprio professor Vertes, que à primeira vista pode ter parecido elementar, possui a vantagem de introduzir o aluno gradativamente no ensino e conhecimento da contabilidade, ao final do qual, terá uma visão completa dessa ciência e de sua aplicação (DAETZER, 1975).

Do ponto de vista didático, e bem como dos sistemas apontados no curso, foi grande o aproveitamento, quer para a aplicação na atividade profissional como na aplicação acadêmica. Irei reformular o programa do curso de Economia e Administração, adotando alguns itens que foram apresentados no Compêndio de “Dupla Contabilidade Geral” (ARTEN, 1975).

O curso foi muito bom e a forma como foi ministrado possibilitou grande aproveitamento. Dessa forma, não cabe aqui dizer outra coisa senão aplaudir tal iniciativa. Cabe também elogiar o Prof. Dr. Alexandre Vertes pela maneira como se dedica pelo desenvolvimento cada vez mais apurado da Dupla Contabilidade Geral (COUTELLE FILHO, 1975).

Foi uma honra e um privilégio a oportunidade de participar de um curso tão útil e tão bem organizado. Sugiro que seja dada continuidade ao trabalho de divulgação e aperfeiçoamento do método. Na parte técnica, talvez, principalmente no que tange à conta “mercadorias”, reestruturar o assunto, dando maior ênfase à parte teórica com vistas a preservar a imagem da Contabilidade como ciência (TAVARES, 1975).

O curso ao meu ver foi extremamente válido. Em primeiro lugar a satisfação de conhecer um método, para todos nós novo, e isso justifica o termo “atualização”. Em segundo a experiência dividida com outros que estão no mesmo ramo, com as mesmas dificuldades, etc. Sem dúvida alguma é um método, até de certa forma, revolucionário. Não somos pessimistas a ponto de pensar que o mesmo não poderá ter aplicação em nossa Universidade, mas sabemos que em muito depende do apoio que a instituição pode demonstrar (TREPTOW, 1975).

É a primeira vez que participo de um curso dessa natureza. Tenho apenas um ano e meio de atuação no magistério, mas mesmo assim já percebi que realmente as aulas dadas na forma tradicional causam choques entre os acadêmicos. Antes mesmo de participar desse curso eu já estava planejando, para o início do ano letivo, efetuar uma radical modificação na forma de conduzir a apresentação da matéria. Com os conhecimentos aqui adquiridos posso realmente concretizar as modificações e ter antecipadamente certeza de que é perfeitamente viável (BARTZ, 1975).

“Excelente trabalho. Espero que esta equipe continue em anos seguintes ministrando o mesmo curso” (SELEME, 1975).

“Muito bem apresentado, porém, penso que a Metodologia do Ensino da Contabilidade deveria ser tratada em primeiro lugar, e depois os outros temas” (BEIRÃO, 1975).

A forma de apresentação foi clara e alcançou plenamente os objetivos. Porém, penso que as reuniões deveriam ser feitas de manhã e de noite. Dessa forma os temas seriam apresentados pela manhã, dando possibilidade dos participantes fazerem uma leitura e resolver os problemas propostos na parte da tarde. E, então, de noite esses temas seriam discutidos (REDAELLI, 1975).

Recebi o curso como uma visão nova no aprendizado da Contabilidade; confesso que achei de uma aplicabilidade prática muito boa, com perspectiva de resultados extraordinários. No ponto de vista da heterogeneidade dos estudantes, o método é por demais válido já que mostra o problema de outra forma, satisfazendo aos que têm noções e aos que nada sabem. Quanto a sugestões, nada tenho para oferecer diante do que recebi, apenas desejo que os esforços continuem, embora já sejam bastante. Digo apenas, quando a idéia é nobre, nobre também são os resultados (COSTA, 1975).

O nível do curso é muito bom. Atendeu as expectativas e trouxe luz a muitos assuntos. A metodologia é excelente, achamos que vale a pena tentar sua implantação em todo o país. Sugiro que devam preservar essa metodologia, como contribuição ao ensino da contabilidade (PAULA, 1975).

Achei o curso muito bom no que diz respeito a metodologia de ensino aplicada. Entretanto, tenho ressalvas quanto a sua aplicabilidade, considerando-se que só é possível se contar com o apoio do Departamento de Contabilidade. Diante disso, sugiro que a UNISINOS promova um curso nestes termos, exclusivamente para Diretores de Ensino Superior (FRANCO, 1975).

Muito bom, objetivo bastante empolgante. Dessa forma a Contabilidade se transforma, isto, é passa a ser encarada da forma correta, como ciência verdadeira. O tratamento dado a esta ciência se mostra sério, eficiente e objetivo. Não gostei da forma como foi apresentado o curso. Considerarei-o cansativo devido as aulas expositivas e exercícios repetitivos. Gostei demais do grande filósofo e professor Dr. Alexandre Vertes. É bom ter gente assim do nosso lado” (CASTRO, 1975).

Quanto ao aspecto da forma de apresentação da matéria, fundamentado no importante princípio, da manutenção dos fatos reais, reputo do mais alto valor filosófico, visto que, deve ser ressaltada a participação da Contabilidade na economia nacional. Registre-se, nesta oportunidade, que se tais pretensões fossem amplamente divulgadas, teria o Brasil a oportunidade de ver seu patrimônio devidamente ajustado. Sem quaisquer restrições felicito o professor VERTES pelo calor com que se dedica a tão importante matéria no contexto nacional (PRESTES, 1975).

Percebe-se, que a metodologia de ensino da contabilidade apresentada pelo professor Vertes nos Cursos de Atualização em Contabilidade Geral teve boa aceitação entre os docentes participantes. As críticas referem-se à forma de apresentação do curso e não da metodologia do ensino da contabilidade. Igualmente, a leitura das opiniões dos participantes revela que esse tipo de curso não era muito comum, tendo em vista os comentários deles sobre a importância do contato com professores e metodologias adotadas em outras instituições.

Alguns questionaram a aplicabilidade do método, considerando que o processo de mudança implicaria em obter a concordância e apoio dos Departamentos de Contabilidade. Talvez esse tenha sido um dos motivos pelos quais essa metodologia não foi aplicada em muitas instituições. Mudar a metodologia de ensino, possivelmente, impacta na adesão de todos os docentes que ministram a disciplina de Contabilidade Geral, bem como na aprovação e apoio da coordenação do curso.

Em 16 de julho de 1976, foi realizado o Curso de Atualização em Contabilidade Geral, em Belém – Pará. Contou com a presença de 22 professores, que são: Antônio Fontes, Antonio Pereira, Araceli Matos, Célia Pereira, Deusdeth Vieira, Edwaldo Oliveira, Ivo Bastos, José Launery, Joaquim Santos, Luiz Correa, Maria de Fátima Bittencourt, Maria da Graça Sampaio, Maximiniano Loureiro, Nair Lobo, Pedro Mello, Pedro Mello filho, Raul Bastos, Rui Souza, Raimundo Gomes, Raymundo Santos, Vicente Jesus e Walter Neto. Os participantes relacionados prestaram uma homenagem ao professor Vertes, entregando-lhe, ao término do curso, uma placa de agradecimento.

Nos anos seguintes, foram realizadas novas edições desses cursos, porém não há documentação comprobatória, conforme destaca Ott (2005). Nessas condições, não é possível informar com precisão quantas edições teve o referido curso. O último documento encontrado sobre o assunto é de 1978, o qual informa que seria realizado nos dias 8 a 12 de janeiro de 1979 o IX Curso de Atualização em Contabilidade Geral.

Basso (2006) relata que, em 1980, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (INIJUÍ), realizou-se um Curso de Especialização em Contabilidade, coordenado pelo professor Vertes. O curso foi ministrado pelo professor Vertes e pela equipe de professores de Contabilidade da UNISINOS. Um dos destaques do curso foi a metodologia aplicada ao ensino da contabilidade. Além dos professores da UNIJUÍ, participaram do curso professores de outras instituições do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Desde então, essa metodologia passou a ser adotada na UNIJUÍ.

Basso (2006) é professor da UNIJUÍ e participou, em 1977, do Curso de Atualização em Contabilidade Geral, coordenado pelo professor Vertes na UNISINOS. Relata que

[...] a forma como pensar contabilidade, como ensinar contabilidade, isso tudo marcou e, certamente, isso está no dia-a-dia dos nossos professores. E aos professores que não tiveram a oportunidade de estudar com ele, nós fomos passando essas mensagens, essa forma de ver contabilidade. Todos eles possuem, uns mais, outros menos, a marca do professor Alexandre Vertes.

Para Basso (2006), a metodologia utilizada pelo professor Vertes era muito bem fundamentada e explicada através de conceitos teóricos: porque determinados procedimentos deveriam ser feitos dessa forma e não de outra. Considera que “[...] o professor Vertes tinha uma visão mais humanista e mais científica da contabilidade, e esse foi o grande mérito que ele teve no ensino da contabilidade”.

Essas iniciativas do professor Vertes tinham como objetivo principal a difusão da metodologia desenvolvida por ele, e constituíram-se nos primeiros cursos de extensão promovidos pela Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos. Beulke (2006) relata que “[...] ele começou a levar os primeiros cursos de extensão não só para alunos, mas, também, para participantes externos. Eu desconhecia outra instituição que fizesse isso”.

A metodologia de ensino defendida pelo professor Vertes não encontrou receptividade na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), conforme relato de Becker (2006). Não que existissem grandes diferenças, pois a contabilidade era exatamente a mesma. O que o

professor Vertes propunha era uma forma diferente de ensinar a contabilidade. Nesse sentido, Becker (2006) afirma que “o que ele apresentou realmente faz sentido”. Porém algumas instituições já tinham a sua cultura, a sua corrente teórica. Mas, mesmo assim, ela se disseminou para algumas instituições, através dos cursos realizados na UNISINOS e em outras instituições, como na UNIJUÍ.

Na Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), por exemplo, o professor Segismundo Flores, em correspondência enviada ao professor Alexandre Vertes, demonstra o seu entusiasmo com o método de ensino e o seu desejo de disseminar essa prática entre os demais docentes da referida instituição.

Quero informá-lo ainda de que estou tendo um nível de aproveitamento até agora não superado por qualquer outro método usado, o que para mim é uma grande vitória. Estou promovendo sua obra junto aos meus colegas, tanto os que comigo lecionam aqui na FURB, como aos meus colegas que lecionam em estabelecimentos de 2.º grau (FLORES, 1980).

Vertes sempre procurou difundir sua metodologia através dos seus livros, artigos, cursos e em trabalhos apresentados em congressos. Becker (2006) relata que ele tinha um carisma pessoal muito acentuado e

[...] o jeito que ele utilizava para transmitir a opinião dele era cativante. E qualquer outro que tivesse também uma teoria para eventualmente ser defendida sozinho, como ele começou, sem ter as condições pessoais que ele tinha, dificilmente teria tido os mesmos resultados.

Nesse sentido, na UNIJUÍ, considera-se importante a contribuição do professor Vertes ao ensino da contabilidade, tanto que tem se procurado preservar e disseminar a metodologia dele com muito empenho, conforme destacado por Basso (2006).

O professor Ott (2005) afirma que a forma de ensinar contabilidade foi o grande legado deixado pelo professor Vertes.

A grande contribuição dele e que é o referencial da UNISINOS é a metodologia adotada para o ensino da contabilidade. É uma metodologia diferente da tradicional. Ele sempre dizia que na verdade a contabilidade é igual em todos os países. Porém, a forma de ensinar ou de aprender a contabilidade é que pode ser diferente. Isso é o que realmente temos na UNISINOS e o que tem feito o curso de Ciências Contábeis aparecer entre os dez melhores cursos de contabilidade do país. E nós, como seus seguidores, estamos empenhados em manter, talvez não com o mesmo brilho, este diferencial (OTT, 2005).

As contribuições do professor Vertes ao ensino da contabilidade, em linhas gerais e, especificamente, em relação à metodologia de ensino, são explicitadas pelo Vice-Reitor Acadêmico da UNISINOS:

Impossível é, querido Prof. Vertes, rememorar os méritos e louros colhidos – não sem sacrifícios – ao longo destes trinta anos. Recordo, tão-somente, a sucessiva edição de livros sobre contabilidade, adotados em várias Universidades; lembro, também, a inovação na metodologia de ensino, implantada por V. S^a. no curso de Economia e que o tornou conhecido em todo o país (UNISINOS, Of. VRAC n.º 057/84).

A metodologia de ensino da contabilidade, implantada pelo professor Vertes desde 1959, tornou-se uma referência do curso de Ciências Contábeis da UNISINOS. Destaca-se também seu incansável trabalho na divulgação dessa metodologia junto a outras instituições.

3.3.3 Atividades Administrativas

A atuação do professor Vertes ficou marcada também por sua liderança, tendo em vista que ocupou diversos cargos administrativos na Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos (FEVARSINOS) e na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Na FEVARSINOS, foi Vice-Diretor da Faculdade de Economia por dois mandatos: o primeiro de 1962 a 1964, e o segundo de 1965 a 1967. Também foi escolhido, em 1962, o terceiro da lista tríplice para Diretor. Foi Presidente do Departamento de Contabilidade e Finanças de 1959 até 1971.

Participou de várias Comissões Especiais como, por exemplo, Comissão de Bolsa de Estudos, Comissão de Auditoria sobre prestação de contas do Centro Acadêmico, Comissão de Orçamento e Comissão para estudo do currículo do curso de Ciências Contábeis. Também foi membro do Conselho Técnico-Administrativo.

Na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Leopoldo, ocupou o cargo de Vice-Diretor de 1967 a 1970. Nessa faculdade, foi também membro do Conselho Departamental durante o período de 1967 a 1969, e membro do Conselho Técnico-Administrativo.

Em relação à atuação do professor Vertes na área administrativa da Universidade, Ott (2005) relata que ele exercia uma liderança natural. “Ele nunca foi uma pessoa capaz de

impor as coisas. Ele conseguia nos envolver em qualquer projeto que desejasse. Era uma coisa natural, porque ele passava as idéias com tanta convicção que nós as assumíamos normalmente”. Sempre foi uma pessoa muito acessível, independentemente do cargo que ocupava. Como Diretor do Centro de Contabilidade e Finanças, trabalhou sempre de portas abertas. Nesse sentido, Würch (2006) reforça que o professor Vertes esteve sempre muito envolvido com a Universidade, com os professores e com aperfeiçoamento do ensino.

Beulke (2006) afirma que ele foi um líder mesmo quando já não tinha mais cargo formal de chefia. “Ele era um líder, como se fosse chefe vitalício do Departamento de Contabilidade. Para nós, enquanto ele esteve lá, era o chefe”. O professor Rambo (2006) também revela que Vertes sempre foi muito competente na formação e condução da equipe de professores da área contábil.

3.3.4 Planisinos S/A

A Planisinos Projetos, Assessoria e Auditoria era uma empresa ligada, inicialmente, à FEVARISINOS e, posteriormente, à UNISINOS, constituída por iniciativa do professor Vertes, e foi registrada em 19 de julho de 1969, no Registro Civil de Pessoas Jurídicas de São Leopoldo. Por ocasião da constituição da UNISINOS, a Planisinos tornou-se Sociedade Anônima em Assembléia Geral realizada em 27 de novembro de 1970. O Estatuto Social foi registrado na Junta Comercial do Estado do Rio Grande do Sul sob número 274.602, em 30 de dezembro de 1970. O capital social era de Cr\$ 10.000,00 (Dez mil cruzeiros), divididos em 2.000 (duas mil) ações ordinárias no valor nominal de Cr\$ 5,00 (Cinco cruzeiros) cada uma, e o principal acionista era a UNISINOS. A sociedade tinha como objetivo social:

- a) A realização de pesquisas, estudos técnicos e projetos econômicos, financeiros, administrativos, educacionais e outros relacionados com o desenvolvimento local, regional e nacional;
- b) A elaboração, implantação e execução de estudos técnicos e de projetos econômicos, financeiros e administrativos, públicos e privados;
- c) A organização e implantação de sistemas contábeis, análises, perícias e auditoria contábil;

- d) A prestação de serviços de assessoria econômica, jurídica, administrativa, fiscal e contábil;
- e) Atividades editoriais.

Conforme o Relatório Anual de 1971 e 1972 da UNISINOS, foram executados pela Planisinos os seguintes trabalhos:

- a) Tombamento patrimonial na Prefeitura de Estância Velha;
- b) Organização do ativo fixo na empresa Alumínios Cruzeiro, de Novo Hamburgo;
- c) Organização do ativo fixo e estudo para implantação de sistema de custos na empresa Tecnoproduto Indústria e Comércio S/A;
- d) Tombamento patrimonial na Prefeitura Municipal de Campo Bom;
- e) Projeto de expansão na empresa Borbonite S/A, de São Leopoldo;
- f) Assessoria financeira na empresa CR Schneider S/A, de Novo Hamburgo;
- g) Implantação de sistema de custos em todas as agências do Banco do Estado do Rio Grande do Sul;
- h) Assessoria financeira na empresa Rönnau, Spohr e Cia. Ltda., de Igrejinha;
- i) Implantação de sistema de custos na empresa Rotermund S/A;
- j) Tombamento patrimonial na Prefeitura Municipal de Ivoti;
- k) Projeto de abertura de capital na empresa Rosan Indústria e Comércio de Carnes S/A, de Porto Alegre;
- l) Auditoria na empresa Metalúrgica Metz e Cia. Ltda., de Estância Velha.

A Planisinos S/A marcou sua presença também em eventos realizados na Região do Vale do Rio dos Sinos, visando difundir o nome da empresa e da UNISINOS no meio empresarial como, por exemplo, participação, nos dias 19 a 27 de junho de 1972, na Feira Nacional do Calçado (FENAC), em Novo Hamburgo.

O objetivo do professor Vertes, ao constituir a Planisinos, era de integrar a comunidade acadêmica (professores e alunos) com as entidades empresariais. Isso oportunizou estágios e empregos aos alunos nas empresas em que foram realizados trabalhos.

Conforme relata Beulke (2006), que atuou durante algum tempo na Planisinos, na época essa foi uma idéia inovadora. No Brasil, isso não era muito comum, mas, segundo ele,

na Europa as Universidades eram mais integradas ao ambiente em que estavam inseridas. E o Professor Vertes, talvez por ter uma formação europeia, concebia a universidade como um agente gerador de conhecimento e, como tal, não podia estar isolada da comunidade; por isso teve a iniciativa de integrar a universidade com o meio empresarial.

A idéia de integração era muito bem representada através do logotipo que o professor Vertes adotou para a Planisinos. Na época, o logotipo da UNISINOS era composto por dois sinos fechados e, para representar a Planisinos, ele adotou a figura de dois sinos abertos, simbolizando a integração com o meio empresarial. Conforme Beulke (2006), “a Planisinos era um braço da UNISINOS. Universidade estendida para a prestação de serviços de consultoria para a comunidade”.

A Planisinos, de acordo com Beulke (2006), acabou sendo desativada porque não houve muito apoio por parte da Universidade, talvez por seu objetivo lucrativo. Acrescenta: “[...] foi uma pena, pois acho que faltou mais cobertura da Universidade. A idéia era boa, e poderia ter evoluído mais, como hoje se vê essas incubadoras nas universidades”. De acordo com o depoimento de Rambo (2006), a Planisinos funcionou durante uns dois ou três anos, sendo extinta na primeira troca de Reitor da UNISINOS. Segundo ele, “aquele novo Reitor não tinha muita visão para essas coisas e matou a Planisinos”.

A Planisinos foi oficialmente desativada em 07 de julho de 1982, porém estava inativa desde 31 de dezembro de 1975. Além das razões apontadas por Rambo (2006) e Beulke (2006), houve razões de ordem legal. O Conselho Regional de Contabilidade não concedeu o registro à referida entidade por tratar-se de uma Sociedade Anônima, impossibilitando atividades nessa área. A intenção do professor Vertes era então transformá-la em uma Sociedade Civil para viabilizar o registro no CRC-RS. No entanto, isso não se concretizou, vindo, então, a ser definitivamente desativada.

A Planisinos era uma entidade semelhante ao que se conhece atualmente por Empresa Júnior, talvez não em termos jurídicos, mas sim com relação aos objetivos. Os objetivos da Empresa Júnior são centrados em aproximar a comunidade acadêmica do meio empresarial, oportunizar o aprendizado e prospectar mercado de trabalho para os alunos. Estes eram também os fins propostos pela Planisinos. De acordo com Lopes (2005), Empresa Júnior é uma instituição civil ligada às instituições de ensino. Surgiu na França em 1960 e foi trazida para o Brasil em 1988 pela Câmara do Comércio e Indústria Franco-Brasileira. Isso confirma o aspecto visionário do professor Vertes, muito bem colocado por Beulke (2006).

3.4 Atuação Extra-Institucional

Neste subtítulo estão descritas as atividades exercidas pelo professor Vertes fora do contexto da UNISINOS.

3.4.1 Associação de Professores do Ensino Superior de Contabilidade

A Associação de Professores do Ensino Superior de Contabilidade (APESC) foi criada em 1974. A criação da referida entidade foi proposta pelo professor Vertes durante a realização do segundo Curso Superior de Atualização em Contabilidade Geral e foi aceita por unanimidade. Na ocasião, Vertes foi designado para elaborar o estatuto da associação.

No dia 09 de novembro de 1974, às 14 horas, os professores de ensino superior da área contábil reuniram-se na sede do Clube dos Bacharéis em Ciências Contábeis, em Porto Alegre, para tratar da fundação da APESC. Nessa ocasião foi decidido, por unanimidade, que a presidência da referida associação deveria ser exercida pelo professor Vertes.

Na abertura da assembléia, Vertes, então na qualidade de Presidente da APESC, fez um retrospecto do desenvolvimento da contabilidade como ciência e evidenciou a importância e necessidade de aproximação dos professores do ensino superior de contabilidade. Atribuiu a estes a responsabilidade do estabelecimento de normas e diretrizes para a formação profissional e cultural do contador.

Quanto aos aspectos legais, essa entidade foi constituída sob a forma de Sociedade Civil sem fins lucrativos, a ser formada por um número ilimitado de sócios, desde que estes fossem professores de ensino superior de contabilidade.

A APESC tinha a finalidade de congregar os professores do ensino superior de contabilidade, promover pesquisas científicas, aperfeiçoar e difundir práticas adotadas e uniformizar nomenclaturas. Deveria servir também como órgão de consultas pertinentes a assuntos contábeis para os governos Federal, Estadual e Municipal. Objetivava também a organização de uma biblioteca especializada, visando colocar à disposição dos associados: periódicos e livros nacionais e internacionais na área contábil, além de promover intercâmbio cultural, científico e social. Becker (2006) menciona:

O professor Alexandre, rigorosamente, liderou a Associação de Professores do Ensino Superior de Contabilidade. Efetivamente, de minha parte ele recebeu imediatamente todo o apoio. Particpei de reuniões, etc. Mas, ele foi o líder, pelo menos se teve outro eu não sei. Para mim, ele foi quem liderou o movimento.

A organização e Administração da APESC eram constituídas por Órgãos Colegiados e Órgãos Diretivos. O primeiro era composto por Assembléia Geral, Conselho Curador e Conselho Consultivo, e o segundo apresentava a seguinte configuração: Presidente, Vice-Presidente, Coordenador de Estudos e Pesquisas, Coordenador de Ensino e Secretaria de Finanças.

O estatuto social foi registrado no Cartório de Registro Especial somente em 10 de setembro de 1976. No II Encontro da APESC, realizado em setembro de 1976, o professor Vertes comentou sobre o atraso no registro da referida entidade. “Apesar de alguns contratempos naturais de uma entidade que está no início de suas atividades, já estamos com o nosso registro efetuado no Cartório de Registro Especial. Assim sendo, nossa APESC existe de fato e de direito” (VERTES, 1976). Na ocasião, solicitou aos associados que divulgassem a entidade junto ao meio acadêmico, tanto para os docentes como para os discentes.

No II Encontro da APESC foi apresentado um Painel sobre o tema: “A formação do contador e o mercado de trabalho”, sendo discutidos assuntos pertinentes à formação universitária, educação contínua do contador, mercado de trabalho, remuneração, ética profissional e campos de especialização, com ênfase em auditoria independente.

O III Encontro da APESC foi realizado na cidade de Rio Grande, no dia 1.º de junho de 1980. Nessa ocasião, os associados da entidade entregaram ao professor Vertes uma placa como homenagem pela idealização e criação da mesma. Em relação aos demais encontros, não foi possível acesso aos documentos, impossibilitando maiores detalhes.

Posteriormente, a APESC mudou a sigla para APROFESC e também mudou a sede para a cidade de Vitória, no Espírito Santo. O último documento encontrado sobre a referida entidade é de 1989, no qual se informa que o IX encontro seria realizado no mês de julho de 1990, assinado pelo então Presidente, Sr. Acácio Lima.

A APROFESC foi desativada em 1993. A reativação da referida entidade foi debatida no IV Fórum Nacional de Professores de Contabilidade, realizado de 13 a 15 de setembro de 2003, em Gramado. “Uma resolução relevante tomada no IV Fórum diz respeito à reativação da Associação de Professores do Ensino Superior de Contabilidade (APROFESC), desde 1993 desativada” (CRCRS, 2003, p.6).

Destaca-se que a APROFESC foi a primeira entidade criada para congrega professores do ensino superior de contabilidade, evidenciando o empenho do professor Vertes em promover a união dos docentes em prol da melhoria do ensino da contabilidade. Nesse sentido, foi uma conquista significativa para o aprimoramento do ensino contábil brasileiro, merecendo ser reativada.

3.4.2 Outras Atividades

Sob esse subtítulo, são descritas as atividades desenvolvidas pelo professor Vertes no meio empresarial, entidades de classe, entidades governamentais e cursos ministrados em outras instituições.

Antes de trabalhar na UNISINOS, Vertes, em 1954, tinha uma loja de móveis em Porto Alegre, na Av. Cristóvão Colombo, 874, e uma filial em São Leopoldo. Era uma firma individual em nome da sua esposa, Susanne Vertes. Em fevereiro de 1955, abriu uma loja de móveis e utensílios domésticos na Av. Borges de Medeiros, em seu próprio nome. Em 1958, fechou a loja da Borges de Medeiros e alterou o ramo de negócio para venda de passagens, turismo e publicidade, adotando a denominação de “Agência Universal Brasileira”. Não foi possível encontrar documentos referentes ao encerramento das atividades dos empreendimentos supramencionados.

Além de tradutor juramentado do idioma húngaro e alemão, o professor Vertes atuou, na década e 1960 e início da de 1970, como Auditor da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), da Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN) e do Montepio da Brigada Militar (MBM), todas com sede em Porto Alegre. Os serviços de auditoria eram prestados pelo professor Vertes através da empresa de Auditoria Staff.

Implementou a Tabela Leopoldense nas empresas nas quais prestou serviços. Nesse sentido, encontrou-se nos documentos existentes na sua residência, a Tabela Leopoldense do Montepio da Brigada Militar, na qual apresenta-se o Balanço Dinâmico levantado em 31 de dezembro de 1968. O balanço compreende o período de 01-01-1968 a 31-12-1968 (Anexo A)

Participou da Comissão de Planejamento Industrial da Prefeitura de São Leopoldo em 1971 e da Comissão Julgadora do Concurso sobre Contabilidade promovido pelo Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, no mesmo ano.

Elaborou as questões referentes à Contabilidade e Análise de Balanços para o Concurso de Técnico em Desenvolvimento para o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), em 1969.

No ano de 1970, foi homenageado pela Prefeitura Municipal de São Leopoldo, que lhe concedeu o prêmio de destaque no setor de Economia.

Ministrou, em 1972, o curso sobre Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços, promovido pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul.

Em 1973, ministrou Curso de Auditoria Externa, patrocinado pelo Banco Central, Instituto de Auditores Independentes do Brasil e pelo Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais. Ainda, em 1973, ministrou curso sobre O Papel da Análise de Balanços na Decisão Administrativa, promovido pelo Diretório Acadêmico de Ciências Administrativas, Contábeis e Econômicas da UNIJUÍ.

Em 1978, ministrou as disciplinas de Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços Geral e de Resultados, e Auditoria II no curso de Pós-Graduação em Contabilidade, promovido pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE), atual UNIJUÍ. O jornal local publicou nota sobre o curso supramencionado, destacando a presença do professor Vertes: “[...] a disciplina de Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços, de acordo com a Lei 6.404, será ministrada pelo Prof. Dr. Alexandre Vertes, por sinal um dos grandes mestres no ramo Contábil” (DIÁRIO SERRANO, 1978, p. 8). No mesmo ano, ministrou também a disciplina de Contabilidade Superior no curso de Especialização em Contabilidade, na Fundação Universidade Estadual de Maringá, Paraná.

Ministrou, em 1984, na Universidade de Caxias do Sul, a disciplina de Contabilidade Decisória no curso de Especialização em Ciências Contábeis. No mesmo ano, ministrou disciplinas no curso de Especialização em Contabilidade e Finanças, promovido pelo Centro de Ensino Superior de Erechim. Em 16 de março do referido ano, o professor Vertes recebeu correspondência do Departamento de Economia e Administração, cumprimentando-o pelos excelentes trabalhos desenvolvidos pelos alunos do curso de Pós-graduação.

Em 1982, recebeu da Prefeitura Municipal de São Leopoldo o título de Cidadão Leopoldense. Essa homenagem representa o reconhecimento fora da academia do trabalho desenvolvido pelo professor Vertes. Em pronunciamento ao Clube dos Bacharéis em Ciências

Contábeis, em 1984, o professor Vertes refere-se à homenagem recebida em São Leopoldo: “À cidade de São Leopoldo a minha gratidão pela concessão do título honorífico de Cidadão Leopoldense, em dezembro de 1982, o qual me uniu ainda mais com a referida cidade”.

Seu trabalho também foi reconhecido pelas entidades de classe, materializado no Diploma do Mérito Contábil Maranhense que recebeu do Conselho Regional de Contabilidade do Maranhão (CRC-MA) em 19 de março de 1989.

Em 1990, o Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRC-RS) homenageou o professor Vertes, externando seu reconhecimento por sua notável contribuição em prol da cultura contábil gaúcha e brasileira.

Sempre foi muito prestigiado tanto pelos Conselhos Regionais de Contabilidade quanto pelo Conselho Federal de Contabilidade. Nesse sentido, destaca-se que, em 1982, o Conselho Federal de Contabilidade estava realizando estudos para o estabelecimento de Normas Técnicas de Contabilidade e solicitou a colaboração do professor Vertes.

[...] nesta oportunidade o estimado colega é um dos que poderá trazer sua parcela de colaboração, aceitando o encargo de desenvolver um dos temas propostos ou outro, que em seu entender deva ser acrescentado aos listados, de forma que, colocando-se, a nosso pedido, na posição de relator, nos encaminhe trabalho nesse sentido. Com isso, daremos um passo à frente ao muito que ainda temos a percorrer (CFC, Of. DV 038/82).

As sugestões apresentadas pelo professor Vertes para a elaboração das Normas supramencionadas referiam-se ao Inventário Geral Patrimonial, escrituração e controle dos livros Diário e Razão. As suas sugestões não foram aceitas, e os detalhes acerca das mesmas encontram-se no seu artigo intitulado **Vamos corrigir omissões seculares da nossa contabilidade**, evidenciado no tópico 3.5.2.

3.5 Produção Científica

Neste subtítulo, apresenta-se a produção científica do professor Vertes, compreendida pela produção e difusão de conhecimento em livros, artigos, pesquisas e trabalhos apresentados em congressos e conferências. Nesse sentido, descreve-se o conteúdo e os aspectos mais relevantes pertinentes aos assuntos propostos nas suas obras, identificando-se os temas recorrentes.

3.5.1 Livros

O professor Vertes publicou livros na área de contabilidade básica e em estrutura e análise de balanços. Nas suas obras, aborda a didática do ensino da contabilidade, visando tornar o aluno agente ativo no processo de aprendizagem, capacitando-o para as demandas do mercado, e apresenta a contabilidade no contexto da gestão empresarial e não como mera transcrição e leitura de fatos passados.

No Quadro 7, apresenta-se a relação dos livros publicados pelo professor Vertes, destacando-se o ano da primeira edição e a quantidade de edições de cada um.

Ano	Livro	Editora	Número de Edições
1966	Apontamentos sobre Iniciação à Dupla Contabilidade Geral	Ema	1
1967	Dupla Contabilidade Geral	Sulina	4
1968	Iniciação a Dupla Contabilidade Geral	Sulina	5
1970	Apontamentos sobre Iniciação a Dupla Contabilidade	Ema	1
1975	Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços	UNISINOS	7
1975	Dupla Contabilidade Geral: caderno de exercícios	Sulina	1
1977	Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços	Otomit	9
1977	Iniciação à Dupla Contabilidade Geral: livro do professor	Sulina	1
1981	Estrutura, Análise e Interpretação do Balanço de Resultados	UNISINOS	2
1983	Contabilidade Avançada	UNISINOS	2
1986	Contabilidade Avançada	Otomit	3
1987	Iniciação à Dupla Contabilidade Geral	Otomit	2
1987	Iniciação à Dupla Contabilidade Geral: livro do professor	Otomit	1
1987	Iniciação à Dupla Contabilidade Geral: livro de exercícios	Otomit	2
1990	Estrutura, Análise e Interpretação do Balanço de Resultados	Otomit	1

Quadro 7: Relação dos livros publicados pelo professor Dr. Alexandre Vertes

O livro **Dupla Contabilidade Geral**, publicado em 1967, é uma obra na qual constam assuntos que foram apresentados e aprovados como Teses no I Congresso Interamericano de Ensino Superior de Contabilidade, realizado no Rio de Janeiro em setembro de 1966. Assim, fazem parte da obra as Teses: A Dupla Contabilidade; O Inventário e a Didática da Contabilidade; a Tabela Leopoldense e os Lançamentos Automáticos de Fechamento de Todas as Contas Patrimoniais e as de Resultados.

Na introdução do livro, Vertes (1967, p. 10) evidencia a relevância do inventário geral.

Como ponto de partida para os estudos da contabilidade foi escolhido o inventário geral, que é a única base adequada e natural sobre a qual pode ser construído e compreendido todo o resto desta ciência. A conceituação, estruturação e a forma de apresentação deste inventário geral constituem uma novidade em nosso país. Adquiridos os conhecimentos necessários sobre o inventário, reconhece-se que a

formulação do Balanço Geral é uma das tarefas mais simples de se executar e compreender.

Em relação à denominação Dupla Contabilidade, Vertes (1967, p.9-10) justifica:

Encontram-se nesse trabalho os esclarecimentos essenciais que a Ciência Contábil oferece sobre o sistema por nós aplicado e praticado, que é a Dupla Contabilidade. A compreensão da diferença entre o método dos lançamentos dobrados e o Sistema da Dupla Contabilidade é fundamental para os estudantes. As características deste sistema são tão destacadas que nos levam, também, como nos diversos outros países, a adotar a denominação correta de Dupla Contabilidade Geral para esta disciplina, conhecida em nossa terra por Contabilidade Geral. O conceito de Dupla Contabilidade foi, até agora, desconhecido do ensino brasileiro de contabilidade.

A Tabela Leopoldense é, conforme Vertes (1967, p. 203), “[...] uma relação tabulada de componentes organizados”. A tabela orienta as operações feitas durante o exercício, possibilitando a apuração dos resultados mediante a comparação dos valores constantes no inventário contábil e os valores apurados mediante o levantamento do inventário geral. Também facilita a escrituração e possibilita um controle matemático desta, tem fins estatísticos e serve de base para análise do balanço patrimonial e de resultados.

O livro é dividido em duas partes. A primeira parte contém os capítulos: 1 - O inventário; 2 - Avaliações; 3- O Balanço; 4 - As contas mistas, O diário Americano e a Tabela Leopoldense; e 5 - Os lançamentos orgânicos de encerramento e os de abertura. A segunda parte é composta pelos capítulos: 1 - Capital próprio, Depreciação e Regularização; 2 - Escrituração de Mercadorias pelo sistema de duas contas, diário de uma coluna, subcontas e Tabela Leopoldense com valores relativos; 3 - Escrituração de Mercadorias pelo sistema de três contas, diário de duas colunas, regimes contábeis e Tabela Leopoldense com ajustamentos; e 4 - Escrituração de Mercadorias pelo sistema de quatro contas, diário caixa, resultado mensal, plano de contas e Tabela Leopoldense completa.

No primeiro capítulo, referente à primeira parte do livro, o autor explica o que é inventário, a importância do inventário e sua estrutura. Demonstra a apuração do resultado através da comparação entre o inventário inicial e final. Para Vertes (1967, p. 29), o inventário é “[...] a relação de todos os valores patrimoniais ativos e passivos, inventariados em um dado instante, em que os elementos estão determinados, descritos, classificados, mensurados e avaliados, com a finalidade de dar a conhecer a situação econômica e o Patrimônio Líquido da entidade”.

O inventário é a base sobre a qual está assentada toda a contabilidade, representando a realidade da empresa, e o balanço é apenas escritural, devendo, portanto, ser confrontado com o inventário. Vertes (1967, p. 29) considera que “sem inventário, não existe contabilidade; sem contabilidade, existe inventário”.

No segundo capítulo, o autor aborda o tema Avaliações, contemplando os métodos de avaliação dos estoques pelo critério de custo. Para Vertes (1967, p. 65), “avaliar um patrimônio em funcionamento não é outra coisa senão determinar os custos e os ingressos que se realizarão nos exercícios futuros, no que equivale a uma previsão”. Os métodos apresentados são: custo específico, custo mais recente, FIFO, LIFO, NIFO, HIFO, preço médio ponderado, preço médio ponderado variável e preço médio unitário das compras. Vertes (1967, p. 77) compara os métodos apresentados, fazendo as seguintes considerações:

- a) Quando o mesmo estoque se avalia para mais, o lucro bruto aumentará na mesma importância com que se aumentou o valor do estoque; e
 - b) Quando o mesmo estoque se avalia para menos, o lucro bruto diminuirá na mesma importância com que se diminuiu o estoque;
- Uma vez que os diversos métodos aplicados avaliam os estoques com valores diferenciados, conseqüentemente, também lucros brutos modificados, podemos considerar os custos apurados como custos aproximados.

O autor apresenta também os custos industriais, análise gerencial de custo, volume, lucro e capacidade produtiva. Explica a prática de *Dumping* Econômico e tipos especiais de avaliação.

O terceiro capítulo contém o Balanço Patrimonial, relatório a que o professor Vertes se refere como sendo um inventário sintético. A partir dele, apresenta as explicações referentes ao funcionamento das contas. Vertes (1967, p. 129) considera que

[...] a preparação do Balanço é o coroamento da obra do contabilista e sempre foi considerado como trabalho complicado e difícil. Entretanto, como veremos a seguir, fazer um Balanço é uma tarefa relativamente simples, desde que se tenha o Inventário pronto e bem elaborado. O Inventário é a base do Balanço, como os alicerces de um edifício, sobre o qual será construído tudo o mais.

O Balanço analítico é o próprio inventário, sendo que este último mostra a situação material da empresa, e o primeiro mostra a situação material e contabilística. A contabilidade, portanto, é o que acontece entre um inventário e outro, ou seja, é uma seqüência de balanços. E, para memorização dos acontecimentos e controles, faz-se necessária a escrituração através

das contas. Segundo Vertes (1967, p.147), “a conta é a parte viva e dinâmica do Balanço estático”.

No capítulo, Vertes (1967, p.159) apresenta também esclarecimentos referentes à Dupla Contabilidade.

A apuração do resultado do exercício em nosso sistema usual se desenvolve não com base na comparação direta de duas Situações Líquidas, mas mediante um outro processo, qual seja: a inserção de uma nova conta, denominada conta de Lucros e Perdas. Esse modo diferente de verificar o resultado do exercício, aplicando para a apuração do resultado a conta de Lucros e Perdas, pertence, enfim, à área da Dupla Contabilidade.

A Dupla Contabilidade consiste em destacar-se a conta Lucros e Perdas da conta Capital e das demais contas que representam a situação líquida. Esse procedimento cria um vácuo entre as contas patrimoniais ativas e passivas, pois as variações não são registradas diretamente nas contas patrimoniais. Ao sincronizar os lançamentos nas contas de resultado e patrimoniais, estamos, conforme Vertes (1967), utilizando na verdade dois sistemas, caracterizando, então, a Dupla Contabilidade. Para demonstrar esse processo, apresenta-se a Figura 7.

BALANÇO GERAL N.º 6b			
ATIVO		PASSIVO	
1. Caixa	1.212,00	1. Credores	1.720,00
2. Devedores	10.000,00	2. Notas Prom.a Pagar	12.750,00
3. Mercadorias	18.840,00	Capital	16.395,00
4. Móveis e Utensílios	1.163,00		
	31.215,00		30.865,00

Figura 7: Balanço Geral n.º 6b

Fonte: Vertes (1967, p. 161).

O Balanço Geral n.º 6b apresenta o ativo total no valor de \$ 31.215,00 e o passivo total mais o capital no valor de \$ 30.865,00. A diferença entre esses valores é de \$350,00. Essa diferença constitui-se no resultado líquido do período que, nesse caso, é um lucro porque o ativo apresenta valor maior. Nesse processo, o resultado foi estabelecido pelas contas patrimoniais que refletem as conseqüências das variações modificativas positivas e negativas. Porém, o resultado pode ser apurado também através das contas de resultado (conta de Lucros e Perdas), conforme demonstrado na Figura 8.

BALANÇO GERAL FINAL			
ATIVO		PASSIVO	
1. Caixa	1.212,00	1. Credores	1.720,00
2. Devedores	10.000,00	2. Notas Prom.a Pagar	12.750,00
3. Mercadorias	18.840,00	Capital	16.395,00
4. Móveis e Utensílios	1.163,00	Lucro	350,00
	31.215,00		31.215,00

Lucros e Perdas	
	80,00
	400,00
	20,00
	50,00
L.L	350,00
	450,00
	450,00

Figura 8: Balanço Geral Final

Fonte: Vertes (1967, p. 160).

A Figura 8 apresenta a apuração do resultado através do estabelecimento da conta Lucros e Perdas, que é uma subconta da conta capital. Dessa forma, o lucro apurado pela diferença das contas patrimoniais é igual ao lucro apurado através da conta Lucros e Perdas.

O quarto capítulo contém os lançamentos das operações com mercadorias através das contas mistas, procedimento no qual os lançamentos de compra e venda são efetuados em uma única conta. O autor evidencia os problemas decorrentes da utilização da conta mista de mercadorias, apresenta os lançamentos no Diário Americano e o funcionamento da Tabela Leopoldense nesse processo.

O Diário Americano inclui, num único livro, o Diário e o Razão, economizando trabalho de transcrição dos registros do livro Diário para as contas do livro Razão.

DIÁRIO AMERICANO REFERENTE AO MÊS DE DEZEMBRO DO ANO F.												
Dia	Histórico	Diário	Caixa		Mercad.		M. e U.		Cred.		Capital	
			D	C	D	C	D	C	D	C	D	C

Figura 9: Diário Americano

Fonte: Vertes (1967, p. 196).

O Diário Americano é preenchido da seguinte forma:

- 1) na primeira coluna, indica-se a data;
- 2) na segunda coluna, escreve-se de forma resumida a descrição do fato que está sendo registrado;
- 3) na terceira coluna registra-se o valor do lançamento, independentemente dos respectivos registros nas contas correspondentes;

- 4) as colunas das contas apresentam dois lados: um para o débito e outro para o crédito. Lança-se, na mesma linha, o débito em uma conta e o crédito correspondente em outra conta;
- 5) no final de cada mês, sublinha-se a coluna “Diário” e as colunas das contas, e efetua-se o somatório destas. A soma da coluna Diário deve ser igual à soma dos débitos de todas as contas e a soma dos créditos de todas as contas;
- 6) as colunas dia, histórico e diário formam o **Diário**, e todas as colunas referentes às contas formam o **Razão**.

Para Vertes (1967), o Diário Americano otimiza o processo de registro porque permite o lançamento simultâneo no Diário e no Razão. O número limitado de contas em cada página (de 16 a 18 contas) é apontado pelo autor como uma desvantagem do mesmo porque uma empresa de médio porte necessita em torno de 50 contas. Como solução, sugere utilizar duas contas em cada coluna de contas, conforme Figura 10.

Dia	Histórico	Diário	Caixa		Móveis e Utensílios	
			Mercadorias		Credores	
			D	C	D	C

Figura 10: Diário Americano Modificado

Fonte: Vertes (1967, p. 200).

No modelo apresentado na Figura 10, a coluna das contas apresenta duas linhas. As contas da primeira linha devem ser escritas em cor diferente das contas da segunda linha. Ao efetuar-se um registro em uma conta, este deverá ser feito na cor correspondente ao da conta. Por exemplo, um lançamento na conta mercadorias deve ser efetuado na cor vermelha e na conta caixa em preto.

Com relação à Tabela Leopoldense tratada no capítulo supramencionado, as explicações pertinentes ao seu funcionamento foram abordadas anteriormente, no item 3.3.3.

No quinto capítulo, o autor apresenta os lançamentos orgânicos de encerramento e os de abertura. De acordo com Vertes (1967, p. 213), “[...] no momento do encerramento da escrituração, as contas patrimoniais (ativas ou passivas) e também as que representam o capital próprio não se encerram organicamente na prática”. Sobre o assunto, Vertes (1967, p.

13) faz a seguinte crítica:

É notável que essa omissão de lançamentos no Diário ocorra somente com as contas citadas e não com as contas de resultados, cujos saldos são transcritos para a conta de Lucros e Perdas organicamente, isto é, através de lançamentos efetuados no Diário. Esta omissão é tanto mais condenável porque nas contas não podem ser feitas anotações que não provenham de transcrições de diários.

Para o autor, as contas patrimoniais, a cada final de exercício, deveriam ser encerradas efetuando-se lançamentos contra uma conta denominada Balanço Final e, no início do próximo exercício, as contas deveriam ser abertas mediante o lançamento contra a conta Balanço Inicial. Porém as empresas, na prática, não adotam o procedimento descrito, limitando-se, ao final do exercício, a transcrever apenas o balanço patrimonial e a demonstração de resultados no livro diário. No entanto, para Vertes (1967), esse procedimento não atende às exigências legais do Código Comercial Brasileiro, no qual consta que o Balanço deverá ser **lançado** no Diário. Nesse sentido, questiona o que o legislador quis realmente dizer ao determinar que o Balanço deve ser **lançado** no Diário. Para Vertes (1967, p. 213),

[...] observando isso sob o ponto de vista técnico, seria inadmissível a transcrição de qualquer peça contábil que não se encaixasse organicamente nos registros do Diário. Isso significa que a inscrição do Balanço Geral no Diário deve ser efetuada através de lançamentos regulares, isto é, organicamente, e por isso sujeita a controles e provas que as leis da Ciência Contábil oferecem. Aliás, em diversos países europeus também é obrigatório ter no Diário o Balanço Geral e a conta Lucros e Perdas. Não obstante, a transcrição das peças em pauta para o Diário somente tem validade se for feita com registros regulares, e não de outra maneira.

No final da primeira parte do livro, o autor apresenta uma sugestão de plano de ensino para a Dupla Contabilidade Geral, o qual contempla a utilização da primeira parte do livro num período de um semestre com quatro horas-aula semanais.

Na segunda parte do livro, o primeiro capítulo trata do capital próprio, compreendido pelo capital social, reservas, provisões, provisões e lucros retidos. Em relação às reservas, o autor as classifica de acordo com suas origens, base jurídica, exposição e segurança. As provisões, de acordo com Vertes (1967, p. 251), “[...] são reservas com destinação especial para cobertura dos riscos que provavelmente ocorrerão no ano seguinte”. Estas não devem ser confundidas com as provisões. Provisões, de acordo com Vertes (1967, p.263), “[...] são reservas especiais formadas normalmente de lucros líquidos não distribuídos”.

Para Vertes (1967), uma das previsões mais conhecidas e difundidas é a Previsão para Devedores com Crédito de Cobrança Duvidosa. Porém salienta que existe uma certa confusão em relação a Devedores Incobráveis e Devedores Duvidosos. Nesse sentido, Vertes esclarece:

A denominação de Devedores Incobráveis e Devedores Duvidosos que se usam na prática é incorreta, uma vez que as dívidas e não os devedores são incobráveis ou a cobrança de créditos e não os devedores são duvidosos. Os títulos corretos dessas contas são: Devedores com Créditos Incobráveis e Devedores com Créditos de Cobrança Duvidosa (VERTES, 1967, p.252).

Segundo o professor Vertes, talvez a denominação correta das contas não se difundiu, na prática, por ser muito extensa.

Ainda dentro do primeiro capítulo, são apresentados os métodos de amortização das depreciações, as vantagens e desvantagens de cada método e a contabilização da amortização das depreciações. Segundo Vertes (1967, p.312), a depreciação é

[...] um fenômeno físico que expressa a diminuição da capacidade produtiva, a perda do valor-útil dos bens imobilizados, independentemente do seu valor de troca, em termos monetários. A depreciação não se expressa em forma de moeda, razão pela qual não pode ser contabilizada (Princípio da Homogeneidade). A depreciação é um problema técnico. A amortização é a tradução da depreciação em termos monetários e tem aspecto econômico e financeiro.

A amortização é apresentada sob dois aspectos: econômico e financeiro. No aspecto econômico, a amortização da depreciação do imobilizado é recuperada pelo acréscimo no valor do bem produzido. Portanto, não é considerada uma perda e, sim, um aumento do valor do bem produzido. Sob a ótica financeira, o imobilizado é considerado um custo adiantado que se dissolve sucessivamente através das amortizações. A amortização, sob esse aspecto, é considerada uma perda.

Com relação à escrituração, o autor apresenta o método direto, sob o aspecto financeiro, no qual o valor da amortização é diminuído diretamente do valor do bem e, ao mesmo tempo, é considerada uma perda e diminui o resultado. No método indireto, o valor da amortização não é diminuído diretamente do valor do bem, sendo lançado em uma conta com características de conta passiva para contrabalançar o valor do bem. Essa conta, como não representa uma dívida, encontra-se no grupo não exigível, denominado capital próprio. Vertes (1967, p. 347) critica tal procedimento, assinalando: “[...] quanto mais se perde em amortização das depreciações, tanto maior será o Capital Próprio e tanto mais rica a empresa

ficará, o que é um absurdo!” Para o autor, na contabilização da amortização da depreciação, pelo método indireto, deve-se utilizar contas de regularização, apresentando-as no ativo como forma de subtração dos valores dos bens. Esse procedimento, aliás, foi consagrado na lei 6.404, de 15 de dezembro de 1976 (Lei das Sociedades Anônimas).

Considerando que cada amortização representa uma parcela do valor do bem, leva-se anos para recuperar o valor total do bem em função das vendas. Em vista do exposto, Vertes (1967, p.326) considera que, para se fazer uma boa administração é necessário, que:

- 1) Sejam formados **fundos** (disponíveis) no **ativo** com base nas amortizações recuperadas, visando à substituição da máquina, representada pelo seu custo original, e
- 2) Sejam formadas, do lucro líquido, provisões, cobertas com fundos (disponíveis) no ativo, para cobrir a diferença entre o seu valor de mercado na oportunidade da reposição efetiva e o seu valor de aquisição.

Os procedimentos descritos anteriormente estão contemplados no Decreto-Lei n.º 2.627, de 26 de setembro de 1940, no Capítulo XIII, Artigo 129, letra “a” do parágrafo único (primeira lei das sociedades anônimas), o qual determina a criação de um fundo para assegurar a substituição dos bens destinados à exploração do objeto social das empresas que se desgastam ou se depreciam com o uso ou pela ação do tempo. Vertes (1967, p. 335) considera que “[...] isto, para as Sociedades Anônimas, significa que é uma infração da Lei a inobservância da determinação de criarem fundos de amortização para assegurar aos bens destinados à exploração do objeto social e a substituição ou a conservação do valor”.

O capítulo dois trata da escrituração de mercadorias pelo sistema de duas contas, diário de uma coluna, subcontas e a Tabela Leopoldense com valores relativos. A escrituração de mercadorias pelo sistema de duas contas consiste na utilização das contas de compras e de vendas. A escrituração de mercadorias, conforme Vertes (1967, p. 374), “[...] deve ser executada de tal forma que ofereça aos administradores as mais detalhadas informações possíveis”. Para atender à demanda de informações, faz-se necessária a criação de subcontas das contas de compras e de vendas. Nas subcontas, registram-se os descontos concedidos e recebidos e as devoluções. Nesse sentido, Vertes (1967, p. 375) demonstra a sua preocupação com os aspectos gerenciais, pois,

[...] como todas as ciências, a ciência da contabilidade também evoluciona. Apareceu nos últimos anos a Contabilidade Gerencial. Não existe ainda uma definição exata sobre o que seja, mas sabemos que o seu objetivo é agrupar os

valores registrados pela contabilidade de tal forma que os dirigentes, usando-a, possam tomar decisões imediatas.

São apresentados os lançamentos referentes à compra e venda de mercadorias, apuração dos saldos, levantamento do inventário para a verificação da existência real do patrimônio, a Tabela Leopoldense em valores absolutos e em percentagem e a distribuição do resultado.

No capítulo três, o autor aborda a escrituração de mercadorias pelo sistema de três contas, diário de duas colunas, regimes contábeis e Tabela Leopoldense com ajustamentos. No sistema de três contas, são utilizadas as contas vendas, custo de vendas e compras. Esse sistema produz informações de vendas, custo e lucro bruto permitindo a comparação do lucro bruto em relação ao custo. No que se refere à elaboração e apresentação do resultado, Vertes (1967, p. 449) considera que

é notável que a estruturação do Balanço Patrimonial preocupe os tratadistas há dezenas de anos. Entretanto, a estruturação da conta Lucros e Perdas foi relegada a segundo plano, e somente nos últimos anos é que têm surgido trabalhos sobre estrutura e análise de conta de **Lucros e Perdas**.

Para o autor, os elementos que compõem a de contas de Lucros e Perdas devem ser estruturados de tal forma que possibilitem informações úteis aos gestores. A escrituração de mercadorias pelo sistema de três contas é mais rica em informações gerenciais, pois possibilita a análise dos custos e dos diversos tipos de lucros.

O capítulo quatro contempla a escrituração de mercadorias pelo sistema de quatro contas que, conforme Vertes (1967), caracteriza-se como um aperfeiçoamento do sistema de três contas. Nesse sistema, além das três contas mencionadas anteriormente, inclui-se a conta de Estoque de Mercadorias. Para Vertes (1967, p. 509), “a tendência da Contabilidade de oferecer informações sempre mais minuciosas vale-se do método de escrituração de mercadorias pelo sistema de quatro contas, aperfeiçoando-o para enriquecer o número de dados constantes na conta de Lucros e Perdas”.

No final do capítulo, é apresentada a Tabela Leopoldense Completa que, conforme Vertes (1967, p. 567), “[...] mostra a origem, a formação e a variação dos valores, desde o Balanço Inicial até o Balanço Final, e, desta forma, explica por que o Balanço Final se formou”. A tabela apresenta colunas com o Balanço Inicial, Movimento, Movimento mais o saldo inicial, saldo das contas movimentadas, ajustamentos, saldo ajustado, Balanço Final e

Lucros e Perdas.

No final da segunda parte do livro, o autor apresenta dois Planos de Ensino: o primeiro com duração de um semestre com 4 horas-aula semanais, contemplando a segunda parte do livro, para o Curso de Dupla Contabilidade Geral; e o segundo compreende todo o livro, com duração de um semestre, com 4 horas-aula semanais. Para a execução do segundo plano, o qual contempla todo o conteúdo do livro em um único semestre, Vertes (1967) recomenda:

- a) Sejam eliminadas as aulas expositivas;
- b) Aplicação de um livro texto;
- c) Designar uma certa carga de estudo para cada próxima aula, sem explicação prévia da matéria a ser estudada;
- d) Os pontos não compreendidos nesta parte do processo ensino-aprendizagem serão trazidos, por escrito, na folha de perguntas para serem explicados pelo professor;
- e) A folha de perguntas, preenchida pelo estudante na oportunidade em que surgem as dúvidas, é peça indispensável deste método;
- f) A aula seguinte inicia-se com o recolhimento da folha de perguntas e continua com os esclarecimentos e explicações pelo professor;
- g) As verificações são feitas em grupos de dois, antes da verificação individual.

O livro **Dupla Contabilidade Geral** possui algumas características peculiares, tais como a adoção do inventário geral, que é a base da metodologia implementada pelo professor Vertes na UNISINOS, a criação de fundo de amortização para substituição de bens do ativo permanente, a preocupação com o aspecto gerencial da contabilidade, e é didaticamente bem estruturado. Apresenta também no final de cada capítulo, exercícios a resolver, pois, conforme relata Ott (2005, p. 9), “[...] ter exercícios apoiando cada tema tratado era uma coisa fundamental do método dele [...]”. Todos os assuntos apresentados têm introdução, desenvolvimento e conclusão. O livro é considerado por Basso (2006), Wolfarth (2006), Ott (2005), Würch (2006) e Becker (2006) como a principal obra do professor Vertes.

Ott (2006) relata que ajudou o professor Vertes na elaboração do livro **Dupla Contabilidade Geral**. O professor Vertes desejava, há muito tempo, editar um livro didático de contabilidade para ser utilizado nas aulas de contabilidade, porém não dispunha de tempo para a realização de tal projeto. Naquela época, escrever um livro era um processo trabalhoso que demandava muito tempo e, então, o professor Ernani passou a ajudá-lo na preparação do seu primeiro livro didático de contabilidade. Nesse processo, trabalhavam em torno de duas horas por dia: o professor Vertes ditava o conteúdo, e o professor Ernani fazia as anotações. As anotações feitas eram, no dia seguinte, datilografadas pelo professor Ernani e revisadas em conjunto com o professor Vertes. Dessa forma, foi possível editar o livro de contabilidade.

Vertes (1967, p. 13) expressa sua gratidão pela ajuda recebida na elaboração do livro ao mencionar: “[...] nosso agradecimento ao professor Ernani Ott pela sua dedicada cooperação em favor deste livro”. O professor Ernani considera que a participação na elaboração do livro foi muito importante para a sua condição de docente, pois foi possível, com essa experiência, absorver muito conhecimento.

[...] ter visto como ele pensava, como ele agia, qual era a sua intenção, isso para mim foi muito importante, porque nas aulas, de alguma forma, eu sempre considerava isso, porque tinha vivido exatamente a experiência de saber o posicionamento de cada elemento no livro (OTT, 2005).

Para Wolfarth (2006), o livro **Dupla Contabilidade Geral** é a obra mais importante do professor Vertes porque é a base de toda a metodologia desenvolvida por ele. Acrescenta que foi a obra que mais o ajudou na vida profissional: “[...] essa é a obra que mais me marcou”. Relata que conheceu a referida obra no curso técnico, no Colégio São Luiz. O seu professor de contabilidade utilizava a metodologia do professor Vertes, pois havia sido seu aluno.

O que mais me impressionou foi a forma simples, direta de mostrar a contabilidade como ela é, ou seja, a contabilidade como um sistema. O professor Alexandre Vertes mostrou para nós todo o pensamento sistêmico da contabilidade, não apenas fazer o débito e o crédito. Isso é o grande legado que ele deixou, desde o curso técnico, e que fez com que eu me destacasse muito como profissional da contabilidade (WOLFARTH, 2006).

Basso (2006), também se refere ao livro **Dupla Contabilidade Geral** como a principal obra do professor Vertes, e afirma que a utiliza nas aulas que ministra na UNIJUÍ. A principal característica da obra, para Basso (2006), é a de apresentar a “[...] contabilidade mais acessível, uma contabilidade que pode ser entendida inclusive pelo usuário e não apenas por aquele que a pratica, que a domina”.

Koliver (2006), entende que a tese da dupla contabilidade que deu origem ao nome da principal obra elaborada pelo professor Vertes, era, na verdade, um erro de tradução da expressão em alemão *Doppelten Buchführung*. Considera que o sistema denominado pelo professor Vertes de dupla contabilidade é somente o sistema de registro por partidas dobradas.

O livro **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral** foi publicado em 1968, pela editora Sulina, contendo cinco capítulos, nos quais apresenta o inventário, a avaliação, o balanço, as contas mistas, o diário americano, a Tabela Leopoldense e os lançamentos orgânicos de

encerramento e os de abertura. O livro é basicamente a primeira parte do livro **Dupla Contabilidade Geral**.

Em 1977, foi publicada a terceira edição do livro **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral**. Trata-se de uma edição revisada e ampliada, dividida em sete partes organizadas em dezoito capítulos. Nessa edição, estão contidos os assuntos da primeira e da segunda parte do livro **Dupla Contabilidade Geral**, exceto a parte de avaliações que nessa obra foi suprimida. Vertes (1977a, p. 5) faz as seguintes considerações a respeito da obra:

O nosso livro texto Iniciação à Dupla Contabilidade Geral foi elaborado com base no livro Dupla Contabilidade Geral, utilizado na disciplina de Contabilidade Geral na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo – RS desde a sua fundação e em numerosas outras escolas do Brasil, no ensino de contabilidade geral.

Nessa edição, foi acrescentada uma parte referente a trabalhos finais da escrituração, englobando todos os procedimentos para o encerramento do exercício. Observa-se, também, que os exercícios apresentados ao final de cada tema, no livro **Dupla Contabilidade Geral**, eram compostos, exclusivamente por problemas, e nesta obra foram incluídos questionários e casos para discussão.

Juntamente com a terceira edição do livro **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral**, foi publicado pela Editora Sulina o Manual do Professor. O livro contém: o programa a ser desenvolvido em um ano letivo, uma sugestão de distribuição de conteúdos e a apresentação de planos de aula. Os planos de aula contemplam: os objetivos a serem alcançados pelos alunos, o número de horas-aula necessários para cada subunidade, a distribuição dos conteúdos das aulas e sugestões de procedimentos de ensino. O manual do professor foi elaborado pelo professor Carlos Silva Candotti, da UNISINOS, e pela professora Elsa Maria Tarragô Candotti, da Escola Técnica de Comércio Protásio Alves.

O livro **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral** e o Manual do Professor foram publicados também pela editora Otomit, juntamente com o livro de exercícios, em 1987. Nessa edição, foram feitas atualizações, porém os temas e a estrutura são praticamente os mesmos da edição anterior. A única diferença significativa é o capítulo dezoito, que apresenta as demonstrações financeiras de acordo com a lei n.º 6.404/76. O livro de exercícios, publicado pela editora Otomit, contém formulários para a resolução de exercícios, descritos a seguir, na obra intitulada **Dupla Contabilidade Geral: Caderno de Exercícios**.

A obra **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral** foi reeditada em 1978, juntamente com o Livro do Professor e o Livro de Exercícios. O lançamento das obras mencionadas foi realizado no Sindicato dos Contabilistas. Na oportunidade, uma nota publicada no Jornal do Comércio referia-se à atuação do professor Vertes: “[...] seus trabalhos são o resultado dos conhecimentos trazidos da Europa (onde também lecionava) e dos que obteve aqui no Brasil” (JORNAL DO COMÉRCIO, 10-03-1978).

Em 1970, o professor Vertes publicou o livro **Apontamentos sobre a Iniciação à Dupla Contabilidade Geral**, o qual, juntamente com o livro **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral**, apresentavam, na época, o conteúdo da disciplina de Contabilidade dos cursos de Ciências Contábeis e Ciências Econômicas da UNISINOS.

O livro **Apontamentos sobre a Iniciação à Dupla Contabilidade Geral** contém a escrituração de mercadorias pelo sistema de uma só conta, sistema de duas contas e sistema de três contas, diário americano, diário de uma só coluna e diário de duas colunas e, no final de cada capítulo, exercícios. De acordo com Vertes (1970a, p. 2), “os meios que a ciência contábil oferece à escrituração, para a execução de tarefas, dependem da natureza, da grandeza, da categoria da entidade, da região onde esta se encontra, da tecnologia empregada pela empresa etc”. Ao apresentar diversas formas de escriturar as operações com mercadorias, o autor oferece a possibilidade, conforme a necessidade dos usuários, de optar pelo sistema mais adequado.

Em 1975, o professor Vertes publicou o livro **Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços**. Conforme Vertes (1975a, p.7), “este livro sobre Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços é fruto de dezenas de anos de ensino, de prática profissional e de pesquisa, e tem a pretensão de acrescentar **algo mais** a essa espetacular matéria de conhecimento humano que é a Ciência de Contabilidade”.

O primeiro capítulo contém as noções fundamentais sobre o balanço geral. A abordagem do balanço inicia-se com considerações referentes ao Inventário Geral, que, para Vertes (1975a, p.19), é a base do balanço:

Fazer o balanço geral não é outra coisa senão colocar os valores dos diferentes grupos do ativo do inventário em contraposição aos valores dos diferentes grupos do passivo do inventário e balanceá-los com a diferença dos valores de grupos ativos e passivos, sob denominação de capital próprio (capital social, reservas, provisões, provisões e lucros suspensos), para equilibrar os dois lados.

Apresenta a estrutura gráfica do inventário e as partes que compõem o mesmo, bem como os procedimentos para a elaboração do balanço. Vertes (1975a) afirma que o balanço é uma igualdade forçada, pois o capital próprio é o elemento que força a igualdade entre os dois lados do balanço. No final do primeiro capítulo, Vertes (1975a, p.27) faz considerações referentes à análise de balanços, ressaltando a importância de efetuar comparações entre exercícios.

Um único balanço representa apenas um corte do patrimônio num momento dado. Ele nos fornece uma espécie de fotografia no momento exato em que é realizado. O balanço isolado apresenta uma situação estática, imutável, como se os valores patrimoniais estivessem parados. A dificuldade de análise provém do fato de que não se sabe de onde vêm os números que constam no balanço e, também, não se sabe aonde vão.

O segundo capítulo trata da análise comparativa dos balanços em valores absolutos. Segundo Vertes (1975a, p.13),

as comparações dos balanços de anos sucessivos podem ser consideradas como fotografias extraídas em seqüência, como um filme. Esse filme poderia mostrar o andamento dos negócios e facilitaria fazer uma previsão mais ou menos prudente para o futuro. Realmente, o que mais interessa ao analista é justamente conhecer o futuro.

Na seqüência do capítulo, o autor apresenta as estruturas de balanços gerais, reestruturação para fins de análise financeira (liquidez), ativo e passivo corrente. Vertes (1975a) faz também comentários sobre a influência da época do levantamento do inventário e do respectivo balanço na análise, pois, se a empresa faz o levantamento do balanço logo após o período de suas melhores vendas e antes das compras de reposição, encontra-se em um período de boa situação financeira. No final do capítulo, apresenta uma tabela para análise comparativa de balanços.

O terceiro capítulo contém o balanço patrimonial com valores atualizados, iniciando com uma introdução sobre os efeitos da perda do valor de compra da moeda e os respectivos efeitos nas demonstrações contábeis. Na seqüência do capítulo, é apresentado o reajustamento das demonstrações contábeis cujo objetivo é estabelecer um nivelamento nos balanços analisados. Vertes (1975a, p. 64) afirma que,

na realidade, este nivelamento é bastante delicado e pouco perfeito. Todavia, comparando três balanços nivelados um com o outro, os resultados da comparação serão muito mais confiáveis. A maior dificuldade consiste no fato de que as diversas partes do balanço patrimonial devem ser reajustadas e atualizadas em forma diferente.

Para explicar o procedimento de nivelamento, o autor apresenta a atualização dos itens monetários e não monetários, constantes do balanço, passo a passo.

O quarto capítulo refere-se ao Balanço de Fundos que, conforme Vertes (1975a, p.87), “[...] é conhecido também pelo nome de balanço de fontes de fundos e de aplicação de fundos”. No capítulo, o autor esclarece o que são fontes e o que são aplicações; apresenta dois métodos para a elaboração do balanço de fundos: o método Europeu e o método Americano.

No quinto capítulo, o autor apresenta a análise comparativa dos balanços em valores relativos. Conforme Vertes (1975a, p.132), “[...] todos os Balanços em Percentagem são comparáveis”. Isto significa, entre outras, a possibilidade de comparar o balanço de diversas empresas, mantendo a proporção e as características dos balanços originais de valores absolutos. São apresentados o método de elaboração, interpretação e análise comparativa do balanço em percentagem, e o balanço de fundos em percentagem. Para Vertes (1975a, p.153), o balanço em percentagem será, no futuro, muito utilizado, pois, “em muitos países o balanço em percentagem já se estendeu de tal maneira que o seu uso, dentro de um prazo razoavelmente curto, parece, será prática absolutamente geral”.

O capítulo supramencionado contém também a análise comparativa dos balanços em números índices, no qual se faz a relação, em diversos exercícios, dos grupos entre si e, conforme Vertes (1975a, p. 153), “[...] são aproveitados principalmente para expressar numericamente as diferenças ocorridas no tempo e no espaço”.

No sexto capítulo Vertes (1975a, p. 182), aborda a análise dos balanços por coeficientes.

A análise dos balanços por coeficientes difere do método típico comparativo, porque consta das relações constituídas entre diversos grupos de valores. Todavia, a análise por coeficientes não escapa de comparações, mas agora entre os próprios coeficientes. A análise por coeficientes permite também a análise de um único balanço, porém com suas devidas limitações.

Nesse capítulo, o autor apresenta as explicações do que são coeficientes, como calculá-los e as limitações deles em análise financeira. Vertes (1975a, p. 189) alerta que é necessário conhecer o significado dos coeficientes e considerar sempre as suas limitações, pois “nunca esqueçamos que não são os próprios coeficientes de *per si* que devem ser julgados. Os coeficientes somente são sintomas, e atrás deles existem as pessoas que são os gerentes e os administradores cuja gestão se acha expressa pelos coeficientes”.

O sétimo capítulo contém o trinômio de liquidez. Conforme Vertes (1975a), para avaliar a capacidade financeira de uma empresa, um único indicador não é suficiente. O trinômio de liquidez apresentado é composto por: capital de trabalho, coeficiente de liquidez e coeficiente de liquidez seca. Na seqüência, Vertes (1975a, p. 212) explica os cálculos dos mesmos e seus significados, justificando a importância destes.

Muitos empresários quando ficam sabendo, seja através dos bancos ou de seus credores, que a sua situação de liquidez não os satisfaz plenamente, pretendem mudar a política da empresa. Entretanto, muitas vezes os gerentes não sabem quais são as transações que devem ser executadas para melhorar um ou outro coeficiente e quais as influências que a melhoria de um coeficiente poderia ocasionar sobre os demais.

Visando esclarecer a questão acima, o autor apresenta um estudo do efeito das variações ocorridas em consequência das transações comerciais da empresa. Para avaliar a qualidade dos coeficientes, apresenta também coeficientes padrões (típicos) calculados com base nas médias aritmética simples, aritmética ponderada, moda, mediana, geométrica e harmônica de cada coeficiente. Conforme Vertes (1975a, p. 243), “é costume calcular-se o valor típico com base nas primeiras quatro médias apresentadas, ou seja, média aritmética simples, média aritmética ponderada, moda e mediana”.

No oitavo capítulo, o autor apresenta a margem de garantia para liquidação das obrigações, na qual utiliza o quadrinômio de dívidas. O quadrinômio de dívidas é composto pelo coeficiente de dívidas totais, coeficiente de dívidas correntes, coeficiente das dívidas de longo prazo em relação ao capital de trabalho e o coeficiente de segurança máxima. O capítulo contém, além dos cálculos dos coeficientes e suas interpretações, a relação das transações que melhoram ou pioram a margem de garantia da entidade.

O nono capítulo contém o grau da imobilização, que é determinado através do coeficiente de imobilizações, e o cálculo dos valores típicos do grau de imobilizações e suas interpretações.

O décimo capítulo é dedicado à análise do ativo corrente, o qual envolve o exame das disponibilidades e estoques. Os estoques são analisados, quanto à qualidade, pelo coeficiente de rotação dos estoques e, quanto à quantidade, pelo coeficiente da quantidade dos estoques. O autor apresenta também os cálculos dos valores típicos do binômio de estoques.

O décimo primeiro capítulo trata do *overtrading*, o qual está relacionado com a falta de capacidade de sustentar determinado volume de negócios. Conforme Vertes (1975a, p.

339), “isto significa procurar negociar além da sua capacidade financeira, ou manter o mesmo volume de negócios com capitais reduzidos”. Os principais pontos abordados no capítulo são: as causas do *overtrading*, os sintomas do *overtrading*, conseqüências do *overtrading* e o cálculo dos valores típicos sobre o coeficiente de *overtrading*.

O décimo segundo capítulo contém a análise dos valores a receber através da verificação das duplicatas a receber, uma por uma, e pelo cálculo do prazo médio de cobrança. São apresentados também os cálculos dos valores típicos do prazo médio de cobrança.

No décimo terceiro capítulo, o autor apresenta a estrutura e análise das contas do balanço de resultados. Vertes (1975a, p.363) considera que [...] é notável que existam tantos estudos referentes à estruturação do Balanço Geral, e tão pouco em relação a estruturação do Balanço de Resultados”. Contempla também os grupos básicos do balanço de resultados e as informações gerenciais originadas por este.

O décimo quarto capítulo trata dos coeficientes de lucro. O autor relaciona os diversos tipos de lucros com as vendas e o lucro líquido com as diversas grandezas de capitais.

No décimo quinto capítulo, o autor apresenta a padronização do balanço patrimonial e da demonstração de resultados instituída pelo Banco Central do Brasil para as Sociedades Anônimas de capital aberto, através da circular n.º 179, de 11 de maio de 1972. O capítulo contém desde as normas de escrituração até a classificação gráfica do balanço e da demonstração de resultados.

No décimo sexto capítulo, o autor faz algumas considerações referentes à análise de balanços e evidencia os coeficientes mais utilizados. Em relação à análise, Vertes (1975a, p. 423) considera que “[...] não existe uma única resposta satisfatória no julgamento das empresas com referência ao risco que os credores assumem”. Na seqüência, apresenta a elaboração de um trabalho prático classificando as empresas por números índices. No final do capítulo, Vertes (1975a, p.431) reforça que “[...] o que está em julgamento não são os números absolutos ou relativos, mas as pessoas que estão atrás destes números: os gerentes, os diretores, os administradores”.

No capítulo final, décimo sétimo, são apresentados problemas para serem resolvidos, elaborados pelos professores Urbano Kniest, Domingos Zambrano, Jolecy S. Bernardes, Ernani Ott e Adolpho Walter Würch.

A partir da segunda edição do livro, publicado pela editora da UNISINOS, e da primeira edição pela editora Otomit, consta como co-autor o professor Adolpho Walter Würch.

A sétima edição do referido livro, publicada em 1983, foi atualizada e apresenta algumas diferenças em relação às edições anteriores, como, por exemplo, os exercícios são apresentados no final de cada capítulo, e o balanço patrimonial, com valores atualizados, que nas edições anteriores é apresentado no terceiro capítulo, passa para o décimo sétimo capítulo. O segundo capítulo refere-se ao balanço patrimonial, conforme lei 6.404/76, a qual prevê que este deve ser baseado na escrituração mercantil. Porém, para Vertes e Würch (1983, p. 32), o balanço patrimonial deve basear-se no inventário geral, pois “a exigência de que o Balanço Patrimonial seja baseado unicamente e exclusivamente na escrituração mercantil da companhia é insuficiente e incompleta [...] resulta num Balanço Escritural e não num Balanço Patrimonial real”.

No capítulo supramencionado, os autores abordam as demonstrações financeiras, exercício social, escrituração da empresa, balanço patrimonial e grupos de contas, e a formação dos grupos de contas no balanço patrimonial, substituindo o décimo quinto capítulo das edições anteriores.

O livro **Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços** é apontado por Basso (2006) como sendo também uma importante obra do professor Vertes. Essa obra, juntamente com a **Dupla Contabilidade Geral**, são utilizadas por ele na UNIJUÍ. “Esses são, para mim, os dois principais livros; utilizo-os nas minhas aulas, tanto na aula de contabilidade geral quanto na disciplina de análise de balanço”.

O Professor Corrar (2006), da USP, relata que, em 1977, foi convidado para lecionar a disciplina de Análise de Balanços na Fundação Armando Alvarez Penteadó (FAAP). Na ocasião, não encontrou livro nacional adequado para utilizar como texto de sua disciplina, até que um outro colega professor lhe indicou a obra do professor Vertes. O livro era **Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços**, e o Professor Corrar achou-o adequado e ideal para indicar aos seus alunos. Na ocasião, entrou em contato com a UNISINOS, onde descobriu o número do telefone do professor Vertes. Relata:

Conversei com o professor Vertes que se mostrou bastante contente pelo fato de tê-lo procurado e elogiado seu trabalho. Disse a ele que pretendia adotar a sua obra. Eu tinha duas turmas de aproximadamente cinquenta alunos; então solicitei a remessa de cem livros. O professor Vertes me enviou por avião; eu paguei por reembolso

postal. Junto com esse material ele me enviou também um livro denominado **Dupla Contabilidade Geral**. Foi uma escolha muito feliz (CORRAR, 2006).

O livro **Estrutura, Análise e Interpretação de balanços**, segundo o Professor Corrar (2006), não trata só dos índices tradicionalmente usados, mas cria novos índices. Mostra através de comparação de índices a análise setorial e é didaticamente muito bem estruturado. A escolha do livro foi muito proveitosa, pois “[...] aprendi muito com o trabalho do professor Vertes e os alunos também”.

O Professor Adolpho Walter Würch, que foi co-autor do livro de **Estrutura, Análise e Interpretação de balanços**, relata que, quando iniciou o mestrado de contábeis na UNISINOS, “[...] os professores da USP que vieram aqui ministrar disciplinas no mestrado, quando estudaram, os livros que liam eram os do professor Vertes, principalmente o de análise, porque ele foi pioneiro nessa matéria (WÜRCH, 2006)”.

Em 1975 também foi publicada pela editora Sulina a obra **Dupla Contabilidade Geral: Caderno de Exercícios**, contendo os seguintes formulários para a resolução dos exercícios propostos no livro texto:

- 40 páginas do Inventário Geral, mod. 1;
- 40 páginas do Balanço Geral, mod. 2;
- 16 páginas do Diário Americano ,mod. 3;
- 16 páginas da Tabela Leopoldense simples, mod. 4;
- 32 páginas do Diário (uma coluna), mod. 5;
- 32 páginas do Razão, mod. 6;
- 16 páginas do Razão, mod. 7;
- 32 páginas do Balancete de Verificação, mod. 8;
- 20 páginas da Tabela Leopoldense (com coluna em %), mod. 9;
- 40 páginas do Diário (duas colunas), mod. 10;
- 32 páginas da Tabela Leopoldense (com coluna de ajustamento), mod.11;
- 40 páginas do Diário-Caixa, mod.12;
- 36 páginas da Tabela Leopoldense (dinâmica), mod.13;

- 16 páginas de Fichas de Controle de Estoque, mod. 14.

O livro de exercícios foi impresso porque, na época, alguns desses formulários, como, por exemplo, a Tabela Leopoldense, não se encontravam disponíveis em livrarias. O livro tinha quantidades suficientes de formulários para a execução dos exercícios propostos pelo livro-texto e para as verificações e exames.

Em 1981, o professor Vertes e o professor Ott publicaram o livro **Resultado do Exercício: estrutura, análise e interpretação**. Esse livro é composto de seis capítulos dedicados à análise da demonstração do resultado do exercício. Em relação ao tema da obra, Vertes e Ott (1981, p. 4) afirmam que

[...] a análise econômica das empresas, pela sua extraordinária importância, merece ser uma disciplina autônoma, independente, e não somente parte complementar da disciplina de análise e interpretação de balanços. Na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, em São Leopoldo –RS, a disciplina de Estrutura, Análise e Interpretação do Resultado do Exercício é ministrada há vários anos como disciplina independente.

O primeiro capítulo inicia com esclarecimentos dos autores pertinentes à análise financeira e análise econômica e, em seguida, apresentam a origem, formação e objetivo da conta lucros e perdas. A apuração do resultado é apresentada de duas formas: através do levantamento de dois inventários, na qual apura-se o resultado real e, através da escrituração, na qual obtém-se o resultado escritural. O capítulo contém também a apuração do lucro bruto pelo método Neto, no qual a conta de Lucros e Perdas inicia com a apresentação do lucro bruto (conforme DL 2627/40) e, pelo método Bruto, que consiste na apresentação das vendas e do custo das mercadorias vendidas na conta de lucros e perdas.

No segundo capítulo, os autores apresentam a estrutura do balanço de resultados, a origem da conta lucros e perdas, os grupos básicos de receitas e custos, o balanço de resultados por diversos tipos de lucros e despesas. Contém também um modelo para apresentação do balanço de resultados.

O terceiro capítulo contempla a elaboração do balanço patrimonial de acordo com a Lei 6.404/76. Está incluso, no capítulo, o exercício social e a escrituração da empresa, classificação das contas dos grupos de ativo, passivo e patrimônio líquido.

O quarto capítulo contém a elaboração das demais demonstrações financeiras, conforme a Lei 6.404/76, que são: demonstração de resultado do exercício, demonstração dos

lucros ou prejuízos acumulados, demonstração das mutações do patrimônio líquido e demonstração das origens e aplicações de recursos.

O quinto capítulo contempla os procedimentos para análise comparativa das demonstrações de resultado do exercício em valores absolutos, em valores atualizados, em valores relativos e em números índices.

No sexto capítulo, os autores abordam a análise da empresa sob a ótica da produtividade e rentabilidade. São apresentados os cálculos dos coeficientes e os respectivos significados dos mesmos. No final deste, inserem uma demonstração prática, na qual são calculados todos os coeficientes de lucro de uma empresa para um período de três anos.

O livro, como os demais já descritos, apresenta em cada tema introdução, desenvolvimento e conclusão. E sempre são propostos exercícios no final de cada tema apresentado.

A segunda edição do livro **Estrutura, Análise e Interpretação do Balanço de Resultados** foi publicada em 1984. Nessa ocasião, a obra foi revisada e ampliada, na qual os autores acrescentaram mais um capítulo, contendo os coeficientes estáticos e dinâmicos.

Em 1990, o livro **Estrutura, Análise e Interpretação do Balanço de Resultados** foi publicado pela editora Otomit, porém essa edição não apresenta nenhuma modificação significativa no conteúdo do livro.

A disciplina de análise do balanço de resultados foi criada no curso de ciências contábeis, num desmembramento da disciplina de análise de balanços. Por tratar-se de uma disciplina nova, não existia material didático específico para a mesma. No primeiro semestre em que a disciplina foi implementada na UNISINOS, foi ministrada pelo professor Vertes, com base nos seus conhecimentos. Nesse período, o professor Ernani acompanhou todas as aulas, registrando tudo o que o professor Vertes falava da matéria e os exercícios que ele desenvolvia. Assim, o livro **Estrutura, Análise e Interpretação do Balanço de Resultados** foi elaborado a partir dessas anotações. Conforme Ott (2005), “presenciei todas as aulas e registrei tudo o que ele falava porque, na época, não tinha nenhum material, não tinha livro. E ele ministrava a aula a partir do seu conhecimento”.

O livro **Contabilidade Avançada** teve duas edições pela UNISINOS e três edições pela editora Otomit. Na primeira edição da obra, não consta a data de publicação e é só de autoria do professor Vertes. Em 1983, foi publicada a segunda edição do referido livro contando com a co-autoria de Luiz E. Krause e Aromildo S. da Cunha. A obra está baseada no

livro **Dupla Contabilidade Geral**, porém, além dos assuntos tratados na referida obra, os autores apresentam a contabilização das depreciações em função do DL n.º. 1598/76 e a contabilização da correção monetária.

Os livros escritos pelo professor Vertes, conforme ficou evidenciado no decorrer desse capítulo, eram obras didáticas voltadas para o ensino da contabilidade geral e análise de balanços. Porém cabe ressaltar que os livros de contabilidade geral não estão limitados aos processos operacionais da contabilidade. São estruturados de tal forma que apresentam a contabilidade como algo muito mais amplo, como um sistema de informação gerencial. As obras demonstram nitidamente a sua preocupação com o aspecto informacional da contabilidade e, por conseqüência, à utilização desta na gestão das empresas. Conforme depoimento de Koliver (2006), para entender a produção científica do professor Vertes, é preciso considerar a formação que ele teve na Europa, que era muito mais evoluída em termos de cultura, educação e economia. Por isso, ele possuía uma visão de mundo muito mais ampla, ele acreditava “[...] na necessidade da visão dedutiva nas coisas, do geral para o particular, para que se consiga inserir o particular dentro do mundo geral”.

Conforme depoimento de Beulke (2006), o professor Vertes incentivava também os demais professores a escreverem. Esse é o motivo pelo qual ele escreveu e reeditou diversas de suas obras com outros professores.

Então eu achava isso super legal. Ele nunca escrevia mais de um livro com a mesma pessoa, e nunca escreveu. Escreveu um livro com uma pessoa, de acordo com a matéria de cada um. Então, isso eu achei inovador. Eu desconhecia outros que o fizessem, incentivar os professores a escrever (BEULKE, 2006).

Para verificar a abrangência das obras do professor Vertes, efetuou-se uma consulta em todas as Instituições de Ensino Superior (IES) credenciadas pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) que possuem endereço eletrônico cadastrado junto a este órgão. Foram consultados 2.362 *sites* de IES, no entanto, a maioria delas não possui consulta ao acervo bibliográfico *on-line*. O resultado da consulta ao acervo bibliográfico das IES encontra-se no Quadro 8.

Unidade da Federação	Quantidade de IES Credenciadas -MEC	Quantidade de IES Consultadas	IES que possuem obras do Prof. Vertes	
			No.	%
Bahia	121	16	03	18,75
Ceará	54	05	01	20,00
Distrito Federal	81	24	03	12,50
Espírito Santo	109	17	02	11,76
Goiás	73	11	01	9,09
Mato Grosso	56	08	03	37,50
Mato Grosso do Sul	44	14	04	28,57
Minas Gerais	333	86	13	15,12
Pará	29	08	02	25,00
Paraíba	33	06	01	16,67
Paraná	188	49	13	26,53
Pernambuco	85	11	02	18,18
Rio de Janeiro	137	26	05	19,23
Rio Grande do Norte	21	07	04	57,14
Rio Grande do Sul	103	57	39	68,42
Rondônia	27	01	01	100,00
Santa Catarina	107	44	15	34,09
São Paulo	566	184	35	19,02
Tocantins	31	02	02	100,00

Quadro 8: Instituições de Ensino Superior que possuem obras do professor Vertes

Os livros elaborados pelo professor Vertes fazem parte do acervo bibliográfico de 149 Instituições de Ensino Superior, distribuídas em 19 Estados. Os 7 Estados restantes nos quais não foi possível localizar as obras do professor Vertes, são descritos a seguir:

- Acre – possui 9 IES, e nenhuma delas possui acesso *on-line* à biblioteca;
- Alagoas – possui 27 IES, e nenhuma delas possui acesso *on-line* à biblioteca;
- Amazonas – possui 20 IES, mas somente 2 tem acesso *on-line* à biblioteca;
- Amapá – possui 13 IES, e 4 das quais com acesso *on-line* à biblioteca;
- Maranhão – possui 25 IES, e 4 das quais com acesso *on-line* à biblioteca;
- Piauí – possui 33 IES, nenhuma delas com acesso *on-line* à biblioteca;
- Roraima – possui 13 IES, mas somente 2 tem acesso *on-line* à biblioteca;
- Sergipe – possui 14 IES, mas somente 3 delas possuem no *site* consulta *on-line* de obras.

Considerando o número de edições de suas obras e a distribuição destas nas Unidades da Federação, pode-se considerar que tiveram uma boa aceitação e difusão, apesar de terem sido publicadas por editoras locais e de pouca abrangência em nível nacional. Também se

percebe que o principal objetivo do professor Vertes era produzir livros para a utilização dos alunos da UNISINOS. A divulgação dessas obras, na época, não foi priorizada.

Em relação à quantidade de obras que o professor Vertes produziu, deve ser considerado que, nas décadas de 1960 e 1970, a publicação de um livro era muito mais complexa do que nos dias atuais. Isso fica evidenciado nos comentários do professor Ott (2005) sobre a confecção dos livros. Nessa época, ainda não existiam os computadores, e os livros eram datilografados. Isso implicava em um processo demorado e cansativo, principalmente na correção de erros.

3.5.2 Artigos

O professor Vertes foi também autor de diversos artigos publicados, principalmente, nas revistas da UNISINOS (Vale do Rio dos Sinos e Perspectiva Econômica) e na revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRC-RS). Em relação aos seus artigos, Koliver (2006) comenta que “[...] o Vertes era capaz de escrever coisas de muita profundidade na revista”. Recorda que na época em que foram escritos os seus artigos, algo em torno de trinta anos atrás, a publicação de artigos era muito limitada, pois não havia mestrados nessa área, de onde provém atualmente grande número de artigos.

Com base na pesquisa documental levada à efeito, apresenta-se, a seguir, a relação dos artigos publicados pelo professor Vertes e as respectivas revistas em que os mesmos foram divulgados.

Ano	Nome do Artigo	Publicação
1966	Dupla Contabilidade ou Partidas Dobradas	Revista Vale do Rio dos Sinos
1970	Quanto mais a empresa perde, mais rica se torna	Revista Vale do Rio dos Sinos
1974	O Princípio de Duplicidade como Princípio de Contabilidade Geralmente Aceito e a Dupla Contabilidade	Revista Perspectiva Econômica
1974	O Contabilista no Contexto Econômico-Financeiro Nacional: resultado da pesquisa sobre o novo método didático	Revista Brasileira de Contabilidade
1975	Todos somos Infratores, inclusive o Fisco	Revista Perspectiva Econômica Revista Brasileira de Contabilidade
1977	A Contabilidade e o Meio Ambiente	Revista Perspectiva Econômica
1983	Falta uma das Pernas em nossa Contabilidade	Revista Perspectiva Econômica Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS) Revista Brasileira de Contabilidade

Continua...

...Continuação

Ano	Nome do Artigo	Publicação
1983	O Inventário Geral Patrimonial	Revista Perspectiva Econômica Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS) Revista Brasileira de Contabilidade
1983	Pesquisa sobre mudanças de hábitos de estudo no ensino superior: testes contínuos e programa-aula	Revista Perspectiva Econômica Revista Perspectiva (URI)
1984	A influência do Inventário Geral Patrimonial sobre o ensino da contabilidade	Revista Perspectiva Econômica
1984	Vamos corrigir omissões seculares da nossa contabilidade	Revista Perspectiva Econômica Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS)
1985	A influência do Inventário Geral Patrimonial sobre o ensino da contabilidade	Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS)
1985	A influência do Inventário Geral Patrimonial sobre a auditoria	Revista Perspectiva Econômica
1986	Inventário e Balanço: reflexões sobre o artigo do Prof. José Olavo Nascimento	Revista Perspectiva Econômica
1986	O mistério do Débito e do Crédito da Contabilidade	Revista Perspectiva Econômica
1987	A influência do Inventário Geral Patrimonial sobre a auditoria	Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS)
1987	A Influência do Inventário Geral Patrimonial sobre o Ensino da Contabilidade	Revista Paulista de Contabilidade
1988	O mistério do Débito e do Crédito da Contabilidade	Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS)

Quadro 9: Relação dos artigos publicados pelo Professor Dr. Alexandre Vertes

No artigo **Dupla Contabilidade ou Partidas Dobradas**, Vertes (1966, p. 29), explica o que é dupla contabilidade e diferencia-a do método das partidas dobradas.

O curioso é que as nações que aplicam o designativo de Dupla Contabilidade expressam com isto justamente as Partidas Dobradas, praticando inconscientemente a Dupla Contabilidade; os que empregam Partidas Dobradas igualmente não percebem que o sistema por elas adotados é o da Dupla Contabilidade.

O sistema de Dupla Contabilidade se dá quando o resultado é apurado mediante a instalação da conta de lucros e perdas. Ao destacar a conta lucros e perdas das contas patrimoniais, que representam a situação líquida da empresa, cria-se um vácuo na área compreendida entre as contas patrimoniais, evidenciando a utilização de um sistema denominado de Dupla Contabilidade.

O artigo **Quanto mais a empresa perde, mais rica se torna**, publicado em 1970, refere-se à análise do Decreto-Lei n.º 2.627, artigo 129, letra “a” do parágrafo único, que determina a criação de fundo de amortização para assegurar a substituição dos bens do imobilizado. Porém as empresas brasileiras, além de não atenderem ao disposto na referida

lei, acabam criando um fundo no passivo. Nesse sentido, o autor faz uma crítica em relação à contabilização da amortização da depreciação pelo método indireto, o qual cria uma conta passiva, denominada de fundo de amortização. Conforme Vertes (1970b, p. 114), “Em lugar de criar um verdadeiro fundo no ativo, na prática generalizada se forma um **fundo fantasma** no passivo. Mais ainda: este **fundo fantasma** figura no passivo no grupo de capital próprio, aumentando-o portanto!”. Conclui que “[...] quanto mais se perde em amortização das depreciações tanto maior será o capital próprio e tanto mais rica a empresa ficará, o que é um absurdo!” Nesse aspecto, o autor demonstra sua preocupação com a função informacional do balanço patrimonial, tendo em vista os efeitos ocasionados pelos procedimentos supramencionados.

O artigo **O Princípio de Duplicidade como Princípio de Contabilidade Geralmente Aceito e a Dupla Contabilidade**, publicado em 1974, reporta-se, novamente, ao sistema da Dupla Contabilidade. Conforme Vertes (1974, p. 37), “a nossa contabilidade se constitui de duas contabilidades de método simples, ligadas através de partidas dobradas, formando um único sistema sincronizado e harmonioso, que, através do Princípio de Duplicidade, nos conduz à Dupla contabilidade”. Nesse artigo, o autor também evidencia a importância de dividir a conta lucros e perdas em subcontas, visando fornecer informações mais detalhadas da formação e constituição dos resultados.

O artigo **Todos somos Infratores, inclusive o Fisco**, foi publicado na Revista Perspectiva Econômica e, em 1976, na Revista Brasileira de Contabilidade. Nesse artigo, Vertes reforça a sua preocupação em relação ao aspecto informacional da contabilidade. É uma crítica à não-observância, por parte das empresas, ao que dispõe o Decreto-Lei n.º 2.627, de 26 de setembro de 1940, sobre o fundo de amortização, cujo objetivo é garantir a substituição dos bens destinados à exploração do objeto social das empresas. Vertes (1975c, p. 3) argumenta que “é verdade que a lei não diz textualmente que estes fundos de amortização devem ser formados no ativo, mas isto se subentende, uma vez que os fundos não se formam de valores negativos, razão pela qual não existem fundos no passivo. Esse fato é reconhecido internacionalmente”. Nesse sentido, alerta que as autoridades não estão controlando e fiscalizando tal fato, sendo, portanto, coniventes com a infração da referida lei praticada pelas empresas.

No artigo **A Contabilidade e o Meio Ambiente**, publicado em 1977, o autor faz algumas reflexões sobre a contabilidade e a apresenta segundo a sua função e sua natureza. Conforme Vertes (1977d, p. 23),

contabilidade é uma língua! É usada para dar informações financeiras e outras às pessoas, organizações e governos. Uma vez definidos em larga escala em termos de funções em que serve na sociedade, podemos olhar a sua natureza. Enquanto a contabilidade é muita coisa para muita gente, sua natureza é essencialmente tríplice: uma disciplina intelectual, uma profissão e uma força social.

Analisa também o contexto no qual a contabilidade está inserida, através da influência recíproca desta com o meio ambiente. No ambiente humano e social, decisões devem ser constantemente tomadas, e para reduzir as incertezas das decisões, são necessárias informações. Para Vertes (1977d, p. 25), “esta é a situação quando a contabilidade e outras disciplinas informativas completam o quadro. Isso resulta do fato de que essas disciplinas influenciam o meio ambiente e, concomitantemente, são influenciadas pelo meio ambiente”. O sistema social se organiza por certos direitos, dentre os quais o direito da propriedade, sendo este de grande influência para a contabilidade. Conforme Vertes (1977d, p. 27), “a contabilidade presta muita atenção para as coisas às quais a sociedade dá valor, essencialmente valor de troca”.

O sistema empresarial também exerce influência sobre a contabilidade, pois demanda informações e controles, moldando e influenciando a contabilidade para o atendimento dessas necessidades. O sistema tributário, conforme Vertes (1977d, p. 27), “[...] influi decisivamente na contabilidade. Até que os impostos são exigidos e apreciados em forma de dinheiro, um sistema contábil de informações será a base essencial de um procedimento perfeito”. O sistema regulatório influencia os procedimentos contábeis, estabelecendo normas para entidades privadas e públicas. O sistema educacional, de acordo com Vertes (1977d, p. 28), “[...] têm a responsabilidade de aperfeiçoar a matéria do ensino e exercem atividades de pesquisa acrescentando, com isto, a matéria já então conhecida”. O sistema legal exerce influência sobre a contabilidade, pois a maioria dos contratos possui cláusulas que envolvem a contabilidade, por exemplo, compras vendas obrigações, etc. Porém o autor evidencia que a influência da contabilidade sobre o meio ambiente é discreta, somente é notada quando a mesma funciona mal ou não funciona. Isso ocorre quando a contabilidade deixa de evidenciar determinados fatos, e essas omissões causam prejuízos a terceiros. Vertes (1977d, p. 29) cita o exemplo dos gastos com poluição:

Conseqüentemente, argumentos para a inclusão dos custos de poluição entre outros itens da contabilidade de custos, não foi muito popular e os sistemas contábeis, geralmente, não incluíram. Hoje, existe prova que isto ocasionou má aplicação de recursos econômicos, uma vez que o preço de muitos produtos químicos e papel, por exemplo, foram muito baixos em relação a seus custos econômicos, *Full Economic*

Costs. Isto significa que, no cálculo dos seus custos, os custos do AR PURO e da ÁGUA PURA foram excluídos. Isto produziu uma relativa supervantagem para os produtores destes produtos e um FUNESTO EFEITO MEIO AMBIENTAL surgiu como subproduto.

Em 1983, foi publicado o artigo **Falta uma das Pernas em nossa Contabilidade**. O artigo trata do inventário geral patrimonial, no qual Vertes (1983a, p. 4) reafirma: “ Sem o Inventário Geral Patrimonial, não existe contabilidade, sem a contabilidade existe o inventário”. O autor apresenta um estudo realizado no curso de especialização em contabilidade da UNISINOS, no qual foi constatado que o inventário geral é obrigatório nos dezesseis países examinados. No Brasil, porém, o mesmo não é obrigatório e, portanto, a contabilidade aqui praticada é escritural. Para Vertes (1983a, p. 6), “isso significa que à nossa contabilidade falta uma das pernas!”

A utilização do Inventário Geral Patrimonial foi sempre defendida pelo professor Vertes em, praticamente, todas as obras. Essa sua convicção fica bastante explícita no referido artigo. Vertes (1983a, p.3) assinala:

Quando no dia primeiro de março de 1959 ministrei a primeira aula na recém-fundada Faculdade de Ciências Econômicas de São Leopoldo, hoje Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, na disciplina de Contabilidade Geral, a matéria estudada se referia ao Inventário Geral Patrimonial. Eu me lembro ainda que antes de terminar a nossa primeira aula eu disse aos meus discípulos: é verdade que até agora a nossa legislação não conhece o Inventário Geral Patrimonial, entretanto, eu garanto a vocês que – dependendo da nossa evolução - dentro de [...] dez ou vinte anos a elaboração do Inventário Geral Patrimonial será obrigatório para todas as empresas brasileiras. Hoje, já se passaram mais que 24 anos desde a data da minha **garantia**, mas o Inventário Geral Patrimonial obrigatório ainda não foi oficialmente **descoberto** no Brasil.

Pelo fato de que o adiamento da implementação obrigatória deste inventário não é mais aconselhável, resolvemos iniciar, com a colaboração indispensável de todos os interessados, inclusive o fisco, uma cruzada a favor da implantação obrigatória do Inventário Geral Patrimonial no Brasil. As nossas armas são os argumentos, e o nosso escudo é a verdade!

O autor destaca, ainda, que o balanço patrimonial com base somente na escrituração mercantil não reflete a realidade; é somente caligrafia sobre o papel. Esse artigo foi publicado também no mesmo ano, na revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRC-RS) e na Revista Brasileira de Contabilidade.

Ainda, em 1983, Vertes publicou o artigo intitulado **O Inventário Geral Patrimonial** na revista *Perspectiva Econômica*, na revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRC-RS) e na Revista Brasileira de Contabilidade. Nesse artigo, o autor volta

a evidenciar a importância, a finalidade do inventário e a apuração do resultado por meio deste. Ele argumenta que a utilização do inventário é útil para empresários, autoridades fiscais, auditores e ao ensino da contabilidade. Aos primeiros, possibilita constatar a efetiva existência do seu patrimônio; ao fisco, representa um instrumento de fiscalização; aos auditores, a segurança ao apresentarem o parecer referente à escrita, baseado em algo concreto e real; e ao ensino de contabilidade, base sólida para aprendizagem da contabilidade. Porém, apesar de todas as vantagens que a utilização do inventário pode propiciar, no Brasil, de acordo com o autor, esse instrumento não recebe a atenção que merece. De acordo com Vertes (1983c, p.17),

até a própria palavra Inventário está deturpada perante a opinião pública, confundida e ligada com herança, falecimento, morte. Será que por isso o empresário pendura ao fim do ano na sua porta fechada um cartaz com os dizeres de: “FECHADO PARA BALANÇO”, temendo que o público, caso fosse colocado: “FECHADO PARA INVENTÁRIO”, pensasse que a firma está falida???

O Prof. Vertes publicou, em 1983, na Revista da UNISINOS e na Revista da Universidade Regional Integrada (URI), o artigo **Pesquisa sobre mudanças de hábitos de estudo no ensino superior: testes contínuos e programa-aula**. Refere-se a uma pesquisa realizada na UNISINOS na disciplina de Auditoria, em uma turma composta por cinquenta e quatro alunos. O objetivo da pesquisa foi promover o estudo contínuo do conteúdo por parte dos alunos e não somente o estudo para fins específicos de avaliação. No tópico 3.5.3, são apresentados detalhes dessa pesquisa.

O artigo **A influência do Inventário Geral Patrimonial sobre o ensino da contabilidade** foi publicado em 1984, na Revista Perspectiva Econômica; em 1985, na Revista do CRC-RS; e em 1987, na Revista Paulista de Contabilidade. Nesse artigo, Vertes (1984a, p. 5) apresenta e defende a metodologia utilizada por ele, na qual o inventário é a base para o ensino da contabilidade, pois “o estudante entende e compreende, com muito mais facilidade, o que é realidade patrimonial através do inventário geral patrimonial do que através de artifícios que a ciência contábil oferece”. Para o autor, através do inventário geral, é possível demonstrar ao estudante que a vida das empresas é contínua, e é artificialmente dividida em exercícios. Para compensar os efeitos negativos dessa divisão, utiliza-se o regime de competência. A estrutura do inventário oferece condições para o entendimento de que o patrimônio líquido não é passivo e possibilita a apuração do resultado. Vertes (1984a, p. 10), evidencia também a importância da escrituração ao afirmar:

É verdade que dois inventários permitem apurar o resultado obtido entre duas datas do levantamento, permitindo também conhecer as modificações globais do patrimônio, assim como as alterações de cada grupo de valores; entretanto, não explicam como nem por que foram produzidas as variações, nem memorizam as ocorrências percorridas no passado! Daí provém a importância da escrituração!

Em 1984, foi publicado na Revista *Perspectiva Econômica* e na Revista do CRC-RS o artigo **Vamos corrigir omissões seculares da nossa contabilidade**, no qual o professor Vertes evidencia os procedimentos contábeis que sugeriu para inclusão nas Normas Brasileiras de Contabilidade (NBC). Vertes (1984b) recomendou que os conteúdos do diário e do razão deveriam ser exatamente iguais; o diário deveria ser somado de forma contínua, ou seja, desde o primeiro registro até o último, e o Balanço Patrimonial deveria ser registrado no diário organicamente. Também sugeriu a adoção do Inventário Geral Patrimonial nas empresas. Porém nenhuma das sugestões foi aceita, conforme Vertes (1984b, p. 8) evidencia nas conclusões do artigo.

Nenhuma das proposições supramencionadas foi considerada tão importante para que fosse incluída entre as Normas Brasileiras de Contabilidade, assim a NBC silenciou-se também sobre a existência do Inventário Geral Patrimonial, como se isso nem existisse – apesar de ser o único instrumento da contabilidade que expressa a realidade patrimonial!

O artigo **A influência do Inventário Geral Patrimonial sobre a auditoria** foi publicado em 1985, na Revista *Perspectiva Econômica* e, em 1987, na Revista do CRC-RS. Apresenta o inventário como um instrumento capaz de diminuir o risco do auditor na formulação do parecer sobre a contabilidade das empresas auditadas. Sendo o inventário geral a prova real do patrimônio das entidades, o auditor pode confrontar esse instrumento com o balanço escritural, verificando a fidedignidade e confiabilidade da escrituração. Conforme Vertes (1985a, p. 7), “o resultado apurado através de dois inventários constitui o mais importante controle da escrituração”. O autor relata também que, com base em pesquisas realizadas na UNISINOS, foi apresentado em 1984 um projeto de lei ao Congresso Nacional, por intermédio do deputado Federal Siegfried Heuser, o qual trata da instituição obrigatória do Inventário Geral Patrimonial para empresas brasileiras. O referido projeto contou com o apoio do Conselho Federal de Contabilidade, explicitado na correspondência CFC 1109/84, dirigida ao deputado Federal Siegfried Heuser, cujos detalhes encontram-se evidenciados no item 3.5.3.

O artigo publicado em 1986, **Inventário e Balanço: reflexões sobre o artigo do professor José Olavo Nascimento**, é um contraponto a um artigo deste autor, no qual o

mesmo afirma que o inventário não apresenta a situação líquida da empresa, sendo esta a distinção entre o balanço e o inventário. Para Vertes (1986a), o inventário contém a relação dos ativos, passivos e a situação líquida, e embasa a sua afirmativa citando os autores: Martin Lautenschlager, da Alemanha; Kros, Walter, Fraz e Orac, da Áustria; Francisco Chovis, da Argentina; Goxens, da Espanha; Ernesto Molina, da Guatemala; Niven e Ohman, do Uruguai; Redondo, da Venezuela; e Cibilis da Rocha Viana e Francisco D’Auria, do Brasil. O prof. José Olavo do Nascimento afirma também ser erro de perspectiva a crença de que a mera comparação entre dois inventários resolva praticamente tudo. Vertes (1986a, p. 18) responde a afirmativa de Nascimento evidenciando que, “todavia, nesse resolve praticamente tudo deve estar incluído que o inventário geral é o único instrumento da contabilidade que representa a realidade, e sem ele a contabilidade se tornaria uma caligrafia sobre papel”.

O artigo intitulado **O mistério do Débito e do Crédito da Contabilidade** foi publicado em 1986, na Revista Perspectiva Econômica e, em 1988, na Revista do CRC-RS. No artigo, Vertes explica o funcionamento das contas. Utiliza a estrutura do balanço patrimonial para justificar o registro da situação inicial e os acréscimos nas contas de ativo no lado esquerdo das contas, e o registro do saldo inicial e acréscimos das contas de passivo e patrimônio líquido no lado direito das contas, ou seja, o débito é simplesmente o lado esquerdo de uma conta, e o crédito é o lado direito de uma conta.

Como se percebe, os temas abordados nos artigos escritos pelo professor Vertes são recorrentes, ou seja, expressam a convicção das suas idéias, as quais, através dos meios pertinentes, se empenhou em divulgar e defender. Nesse sentido, os temas referentes ao inventário geral patrimonial, à dupla contabilidade e ao ensino da contabilidade foram, sistematicamente, desenvolvidos dentro de uma mesma lógica e bem fundamentados teoricamente. Muitos destes artigos foram originados e embasados por pesquisas, evidenciadas e comentadas no item 3.5.3 a seguir.

3.5.3 Pesquisas

A UNISINOS, nas últimas duas décadas, tornou-se uma referência no desenvolvimento regional, apoiando projetos comunitários, produzindo conhecimento e compartilhando-o com a comunidade. O papel desempenhado pela UNISINOS junto à comunidade é evidenciado pelo Sr. Jairo Jorge, Ministro de Estado da Educação Interino, em entrevista concedida à TV UNISINOS, em 02 de janeiro de 2006, por ocasião da posse do

novo reitor: “A UNISINOS é pioneira e inovadora. Tomou frente no processo que o Ministério propôs para as instituições de ensino superior do Brasil. A comunidade só tem a ganhar com os projetos de pesquisa e extensão que a universidade desenvolve. É excelência e orgulho para os gaúchos”.

Mesmo antes que a UNISINOS fosse efetivamente constituída, na década de 1960, na então Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos (FEVARSINOS), o professor Vertes já vislumbrava as instituições de ensino como agentes ativos no desenvolvimento regional. Nessa época, direcionava suas pesquisas visando integrar a Faculdade com a comunidade e, referindo-se às suas pesquisas, Vertes (1977c, p. 9) afirma:

Merece destaque o estudo e pesquisa feita pelos acadêmicos, referente à constatação dos VALORES TÍPICOS de cada coeficiente significativo, ano por ano, ramo por ramo, para indicar, como uma bússola, o caminho a seguir pelas empresas e ao mesmo tempo ser informante indispensável para o Governo na escolha da sua política financeira junto às empresa.

Os valores típicos, aos quais o professor Vertes se refere, não são os valores ideais, excelentes ou desejados de cada setor, mas representam as médias de desempenho setoriais em determinado período. Conhecendo os coeficientes setoriais, as empresas podem visualizar sua situação dentro do setor a que pertencem, definir as políticas e ações de melhorias. Para o governo, o conhecimento dos coeficientes setoriais é importante para a adoção de políticas de desenvolvimento.

As pesquisas lideradas pelo professor Vertes junto às empresas estão identificadas no Quadro 10.

Ano	Pesquisa	Participantes
1964	Situação financeira das empresas Renner S/A, Wallig S/A e Teleunião S/A	Alunos da graduação
1965	Análise financeira e os valores típicos dos coeficientes das empresas metalúrgicas do Vale do Rio dos Sinos	Alunos da graduação
1966	Análise financeira e os valores típicos dos coeficientes das empresas calçadistas de Novo Hamburgo	60 alunos da graduação no período de um ano letivo
1967	Análise financeira e os valores típicos dos coeficientes das empresas gráficas de Porto Alegre	28 alunos da graduação
1968	Análise financeira e dos valores típicos dos coeficientes das empresas de curtume do Vale do Rio dos Sinos	48 alunos da graduação

Quadro 10: Projetos de análise financeira liderados pelo professor Dr. Alexandre Vertes

Nas pesquisas envolvendo análise financeira e econômica, os acadêmicos da disciplina de Análise de Balanços coletavam as demonstrações contábeis de empresas do mesmo ramo

de atividade e, com base nesses dados, calculavam os coeficientes financeiros e econômicos, estabelecendo diversas médias desses coeficientes (média aritmética simples, média aritmética ponderada, moda e mediana) e, com base nessas médias, determinavam uma média aritmética simples que consistia no denominado valor típico (padrão).

No trabalho pioneiro realizado em 1964, o professor Vertes contactou as empresas A. J. Renner S/A, Metalúrgica Wallig S/A e Teleunião S/A, a fim de que as mesmas fornecessem suas Demonstrações Contábeis dos últimos três anos para serem analisadas por seus alunos da disciplina de Análise de Balanços do 2.º ano do curso de Ciências Econômicas. Conforme consta no Relatório Anual de 1965, da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos, as empresas mencionadas não só forneceram suas demonstrações para fins de análise como também ofereceram premiações equivalentes a Cr\$ 1.000.000,00 (Hum milhão de cruzeiros) aos melhores trabalhos.

O referido projeto foi executado sob a supervisão e coordenação do professor Vertes, que dividiu a turma de alunos em equipes de trabalho, possibilitando a conclusão dos trabalhos em quatro meses. O projeto resultou em trabalhos de ótima qualidade, os quais constituíam-se de aproximadamente cem páginas datilografadas, contemplando uma análise completa sobre as situações econômicas, administrativas e financeiras das empresas analisadas, a tal ponto que seus gestores ficaram surpreendidos com a capacidade dos alunos e com a formação promovida pela Faculdade de Economia.

Tendo em vista a qualidade dos trabalhos apresentados, as empresas promoveram um jantar, convidando várias autoridades, dentre as quais o Padre João Batista Sehnen, S.J., Diretor da Sociedade Literária Padre Antônio Vieira (Mantenedora da Faculdade), o Pe. Dr. Marcus Bach, S.J., Diretor da Faculdade, P. Dr. Leopoldo Adami, S. J., Reitor das Pontifícias Faculdades de Filosofia e Teologia Cristo Rei, o Pe. Alcides Mario Giehl, S.J., Coordenador da Faculdade, o Sr. Dr. Hermann Munz, Cônsul Geral da Alemanha, o Eng. Arnaldo da Costa Prieto, Secretário do Trabalho e Habitação, o Sr. Clodomiro Martins, Prefeito de São Leopoldo, o Pe. Theobaldo Frantz, S.J., Coordenador dos Estudos Superiores da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus, o Prof. Dr. Alexandre Vertes, vários professores da Faculdade, os trinta e quatro alunos e representantes da Imprensa. Na ocasião, as empresas foram representadas pelos seus diretores nas pessoas dos senhores Luiz Carlos Wellausen, João Podolano e Álvaro Kessler, da empresa A. J. Renner; os Srs. Ernesto Luderitz e Mário Schmaedeck, da Metalúrgica Wallig S/A; os Srs. Dr. Ferruccio M. Vio, Bruno Linck e Herbert Geneher, da empresa Teleunião S/A, os quais fizeram a entrega dos prêmios.

O Sr. Dr. Ferruccio M. Vio louvou a iniciativa do professor Vertes e a excelência dos trabalhos, concedendo o prêmio de Cr\$ 100.000,00 (Cem Mil cruzeiros) ao aluno João Carlos Sperb, que apresentou o melhor trabalho do grupo de alunos que analisou os balanços da empresa Teleunião S/A.

O Sr. Luiz Carlos Wellausen fez a entrega do prêmio de Cr\$ 100.000,00 (Cem Mil Cruzeiros) ao aluno Homero Luiz Matins Koch, por ter apresentado o melhor trabalho do grupo de alunos que analisou os balanços da empresa A. J. Renner S/A.

A Metalúrgica Wallig S/A, representada pelo Sr. Ernesto Luderitz, em virtude do desempenho dos alunos na análise dos balanços da referida empresa, concedeu dois prêmios. O primeiro prêmio foi uma viagem de ida e volta ao Rio de Janeiro, com sete dias de estada, concedido ao aluno Elmar Julinho Einsfeldt. O segundo prêmio foi uma viagem de ida e volta a São Paulo, sem estada, concedido ao aluno Benedito Damas de Almeida.

Em 1965, com a finalidade de estabelecer os valores típicos e os indicadores econômicos e financeiros das empresas que compunham o setor metalúrgico do Vale do Rio dos Sinos, o professor Vertes solicitou, através do sindicato de classe do referido segmento, as demonstrações contábeis referentes aos anos de 1962, 1963 e 1964. Das 61 empresas que faziam parte do referido setor, 36 atenderam à solicitação e enviaram suas demonstrações para análise.

A execução do trabalho foi realizada por alunos da segunda série do curso de Ciências Econômicas, orientados pelo professor Vertes. Para viabilizar a execução do trabalho, foi definido entre os alunos um coordenador geral, dois supervisores e seis chefes de grupo, e foi utilizado como critério para a definição destes o grau de aproveitamento em aula. Com essa distribuição, foi montada uma estrutura hierárquica na qual os supervisores reportavam-se ao coordenador, que tinha a função de coordenar e distribuir os trabalhos, e os chefes estavam, subordinados aos supervisores. Primeiramente, os balanços originais foram reestruturados dentro de um único padrão. Os balanços reestruturados foram agrupados, ano a ano, sob a denominação de **Balanco conjunto de ramo metalúrgico**. Uma vez organizados os balanços conjuntos de cada ano, efetuou-se a análise financeira e econômica, calculando-se os diversos coeficientes típicos do ramo metalúrgico da região e, ao final, realizou-se a comparação da situação financeira das 36 empresas, estabelecendo-se a classificação das mesmas.

No ano de 1966, o professor Vertes liderou o projeto de análise financeira e dos valores típicos dos coeficientes das empresas de calçados de Novo Hamburgo. O projeto foi

executado por alunos da segunda série do curso de Ciências Econômicas e contou com o apoio do Sindicato das Indústrias de Calçados de Novo Hamburgo. Foram analisados os balanços referentes aos três últimos anos de 66 empresas. As empresas, para efeito de análise, foram classificadas em três categorias, de acordo com o tipo de calçado fabricado. Para facilitar a execução do trabalho, foram criadas, entre os alunos, comissões para examinar e corrigir os trabalhos. Dessa forma, de acordo com as aptidões dos alunos, estabeleceu-se comissão técnica de orientação, comissão de cálculos matemáticos, comissão de redação, comissão de relações públicas, etc. Os procedimentos de análise seguiram os mesmos descritos na pesquisa anterior. De acordo com o relatório anual de 1966 da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos, entre as conclusões, estabeleceu-se a classificação das empresas apresentando, em escala, a situação de cada uma.

O projeto de análise do setor calçadista foi bastante valorizado pelo setor, considerando-se a difusão dada pela imprensa local. O Jornal NH de Novo Hamburgo publicou um artigo em 12-08- 1966, à página 3, sob o título: **Sua empresa está sendo bem administrada?** O artigo refere-se ao projeto como “trabalho inédito e de alto significado que a Faculdade de Economia, pioneiramente, realiza em nossa cidade”. Também evidenciava a importância das análises realizadas na solução dos problemas das empresas do ramo, conforme segue:

Estão as nossas empresas de calçados bem administradas economicamente e financeiramente? Onde estão os erros? Quais os índices que estão abaixo ou acima da média normal? Mantêm as empresas talvez estoques mais altos que deveriam? Está havendo um giro exagerado de capital? A empresa está financiando ou se financiando mais ou menos do que deveria?

Todas essas perguntas e mais outras que, até agora, permaneceram, muitas vezes, sem respostas para aqueles que administram e que precisam ser orientados, poderão ser claramente respondidas pelas conclusões do estudo que a Faculdade de Economia está realizando.

Ao realizar esses projetos, Vertes tinha como objetivos: a qualificação dos alunos ao aproximá-los da realidade empresarial, oferecer aos segmentos empresariais da região uma indicação da situação econômica e financeira em que se encontravam e aproximar a faculdade das empresas. Esses objetivos foram percebidos pela comunidade empresarial, expressos no jornal referido anteriormente.

A iniciativa do professor de Estrutura e Análise de Balanços é um esforço da direção da faculdade no sentido de aproximar o binômio Escola-empresa no Vale do Rio dos

Sinos e dar aos alunos uma oportunidade prática de entrar em contato com o complexo industrial de uma das regiões progressistas do Brasil, onde, em futuro bem próximo, exercerão as suas atividades como economistas (NH, 1966, p. 3).

O jornal Folha da Tarde, em 15-08-1966, em artigo publicado na página 26, também evidenciou os trabalhos coordenados pelo professor Vertes, nos quais, sistematicamente, foram analisados os diversos segmentos econômicos da região do Vale do Rio dos Sinos, dando ênfase especialmente ao significado desses trabalhos para as empresas da referida região.

Nos Estados Unidos, são feitas publicações periódicas em que se fornecem os índices-base para que as indústrias tenham oportunidade de traçar rumos dos seus negócios. Com os Balanços e demais dados que os alunos da faculdade terão em mãos, eles poderão oferecer aos industriais do ramo calçadista índices diretivos para verificação de sua situação financeira, índices esses relacionados ao trinômio de liquidez.

O artigo destaca também a pesquisa realizada no ano anterior, na qual analisou-se o setor metalúrgico e o pioneirismo da iniciativa promovida pela Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos, sob a orientação do professor Vertes.

O jornal Correio do Povo publicou nota referente ao assunto supramencionado em 16-08-1966, página 19, evidenciando a relevância da pesquisa desenvolvida e reconhecendo os méritos do professor Vertes pela iniciativa.

Sob a orientação do prof. Dr. Alexandre Vertes, os alunos do 2º. ano da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos elaboraram um trabalho de grande significado para a indústria calçadista do Vale do Rio dos Sinos. Trata-se de um trabalho pioneiro já que no Brasil não existem padrões em que as indústrias calçadistas possam orientar-se.

Também sob a orientação do professor Vertes, em 1967, foram realizados a análise financeira e econômica e o cálculo dos valores típicos dos coeficientes das empresas gráficas de Porto Alegre. O trabalho envolveu a análise dos balanços referentes aos três últimos anos de 28 empresas, tendo participado da execução do mesmo 28 alunos. Os procedimentos foram os mesmos descritos nos trabalhos anteriores.

Em 1968, ainda na área de análise econômica e financeira, o professor Vertes coordenou o trabalho de análise financeira e dos valores típicos dos coeficientes dos curtumes da região do Vale do Rio dos Sinos. Nesse trabalho, foram analisados os balanços referentes

aos três últimos anos de 52 empresas da região, e o trabalho desenvolveu-se da mesma forma que os trabalhos anteriormente descritos.

As pesquisas lideradas pelo professor Vertes em análise financeira e econômica, além de permitirem aos acadêmicos a aplicação dos conhecimentos adquiridos na academia, visavam levar esse conhecimento à comunidade. Com a realização sistemática desses trabalhos, tinha a pretensão de analisar os ramos mais significativos da economia da região. De acordo com Vertes (1977c, p. 9), “o grande objetivo destas pesquisas é conhecer melhor as nossas empresas para poder ajudá-las ainda mais”.

Ao analisar as pesquisas desenvolvidas pelo professor Vertes, pode-se perceber a sua preocupação com a integração das instituições de ensino com o meio empresarial. Nesse contexto, a visão que ele tinha da universidade era bem mais ampla, ou seja, para ele as instituições de ensino superior não eram só um ambiente onde as pessoas iam estudar, mas um lugar onde o conhecimento era gerado. Suas iniciativas possibilitaram, através de alunos e professores, integrar a Faculdade de Ciências Econômicas do Vale do Rio dos Sinos com o meio ambiente. Também se faz necessário ressaltar que as suas pesquisas estavam voltadas para os aspectos de gestão empresarial e para a qualidade das informações contábeis. Conforme Koliver (2006), o professor Vertes “[...] estava totalmente voltado para o conhecimento do porquê das coisas dentro de uma entidade econômica e como dava para melhorá-las”, evidenciando que, nessa época, o Brasil estava ainda voltado para os formalismos jurídicos na escrituração contábil.

O professor Vertes também se dedicou à pesquisas na área do ensino universitário, visando ao desenvolvimento de novas didáticas de ensino da contabilidade. Ele acreditava que a didática do ensino superior deveria motivar e dar condições ao aluno para ser, nesse processo, sujeito ativo, ou seja, dar oportunidade ao aluno de buscar o conhecimento por si mesmo. Para Vertes (1973, p.14), “[...] o estudante, como a própria palavra indica, tem que estudar. Não existe no mundo nenhum método que possa dispensar o estudante do estudo”.

As pesquisas (experiências) lideradas pelo professor Vertes em relação ao ensino da contabilidade podem ser visualizadas no Quadro 11.

Ano	Pesquisa	Participantes
1969/1970	Aplicação de novo método didático no ensino superior da disciplina de contabilidade	Professores do departamento de contabilidade
1971/1973	Pesquisa contínua sobre novos métodos de ensino superior de contabilidade	Professores do departamento de contabilidade
1973	Complementação do novo método didático no ensino superior: rodízio de professores	Professores do departamento de contabilidade
1983	Pesquisa sobre mudança de hábitos de ensino superior: testes contínuos e programa/aula	Professores do departamento de contabilidade

Quadro 11: Pesquisas na área do ensino de contabilidade

Conforme o Relatório Anual da Faculdade do Rio dos Sinos de 1969, inicialmente, no segundo semestre do referido ano, foi constituída uma turma especial da disciplina de Contabilidade I, denominada de **Turma Piloto**. Na formação dessa turma, visando facilitar a compreensão da bibliografia prevista, deu-se preferência aos alunos que possuíam domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira. Outro fator considerado foi o tempo disponível para dedicação ao estudo. O objetivo principal dessa experiência era, dentro das características próprias do ensino superior, aumentar o índice de aproveitamento individual na assimilação do conhecimento. A execução desse projeto ficou a cargo dos professores da disciplina, sob a coordenação do professor Vertes.

Conforme relato de Ott (2005), a experiência com a **Turma Piloto** consistia em não apresentar o conteúdo da disciplina de forma expositiva, que, na época, era a metodologia amplamente utilizada. No primeiro dia de aula, o professor explicava o processo que seria utilizado na condução das aulas, o qual consistia na adoção de um livro texto, sendo que o aluno deveria estudar os pontos previamente definidos pelo professor, resolver os exercícios propostos e anotar as dúvidas referentes ao conteúdo estudado. Na aula seguinte, o professor recolhia os exercícios resolvidos e as folhas contendo as dúvidas. A aula era, então, desenvolvida com base nas dúvidas dos alunos. Conforme Vertes (1973, p. 25), “isto significa que o professor não irá dizer o que quer, mas irá responder aquilo que o aluno pergunta. Isto se traduz em maior responsabilidade na preparação das aulas por parte do professor”. Vertes defendia a idéia de que o aluno, ao ler um determinado capítulo e tentar resolver os exercícios propostos, teria nesse processo o entendimento de, aproximadamente, 80% do conteúdo. Então, dessa forma, o professor não deveria desperdiçar tempo ensinando aquilo que o aluno já tinha aprendido e, sim, concentrar os seus esforços para que o aluno compreendesse os 20% que, efetivamente, não tinha entendido. Dessa forma, estaria também sendo preservada a dignidade intelectual do aluno.

Essa pesquisa foi denominada de **Novo Método Didático no Ensino Superior da Disciplina de Contabilidade**. Foi publicada na revista *Perspectiva Econômica* e apresentada no IX Congresso Brasileiro de Contabilidade. Conforme Würch (1970), “as bases do método foram desenvolvidas pelo professor Vertes, cuja extensa vivência do problema de magistério e de autoria de obras didáticas na matéria tornaram possível esta experiência”. Os resultados indicam que a Turma Piloto apresentou índice menor de desistência e obteve um índice maior de aprovação em relação às demais turmas. O autor citado evidencia que o conteúdo da disciplina, na referida turma, foi assimilado de forma quase que equivalente às demais, porém em menor tempo, e isso possibilitou a realização de um programa de pesquisa em aula. Essa experiência foi sistematicamente realizada nos anos de 1969 a 1973. Esse método teve repercussão fora da UNISINOS, sendo alvo de uma extensa reportagem (uma página e meia) no jornal *Zero Hora*, sob o título **Método revolucionário de ensino: o aluno já entra em aula sabendo. O professor resolve as dúvidas com diálogo**. A reportagem evidencia os detalhes dessa experiência e apresenta uma entrevista com o professor Vertes.

O método é inédito no Brasil, embora já esteja sendo adotado em alguns países da Europa. O professor Alexandre Vertes parte do princípio de que o aluno deve estudar sozinho, para entrar em aula pronto para um debate com o professor. Para ele, dar tudo “mastigado” para os jovens é como um alimento “goela abaixo”, é tirar deles a própria capacidade de iniciativa (ZH, n.º 2958, 1973, p. 18).

Ainda, em 1969, de acordo com o Relatório Anual da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos, o professor Vertes teve a iniciativa de criar um “regime de tempo integral” para quatro alunos do 9.º e do 10.º semestres do curso de Ciências Econômicas, o qual foi aprovado pelo Conselho Departamental da instituição, conforme Ata 27, de 02-02-1969. Sob a orientação do professor Vertes, os alunos, pela manhã, desenvolviam pesquisas bibliográficas e estudos. À tarde, participavam de cursos na própria faculdade e em Porto Alegre, e, eventualmente, realizavam estágios em estabelecimentos de nível estadual e nacional. Nos finais de semana, os alunos faziam relatórios referentes aos seus estudos e estágios. Dois desses alunos estagiaram durante um mês no Ministério do Planejamento, no Rio de Janeiro. Os quatro alunos também trabalharam, durante dois meses, na análise de vários projetos econômicos para o Banco Regional de Desenvolvimento Econômico (BRDE).

Os alunos que estudaram em regime de tempo integral foram: Alfredo Timen, Antonio Nery Martins, Delmar Morschel e Ivo José Passini. Para participar do “regime integral”, uma das exigências era de que esses alunos soubessem pelos menos um idioma estrangeiro.

Morschel (2006), que foi um dos alunos que participou desse projeto, relata que,

[...] para a época, isso foi muito adiantado e complicado porque estávamos muito voltados para as tarefas do dia-a-dia. E só o Alfredo não trabalhava o dia todo. Então, isso foi uma ruptura de comportamento, pois nós todos deixamos de ganhar dinheiro para estudar. E isso era muito complicado.

Convencer pessoas que trabalhavam a abrir mão de seus salários para se dedicarem, pelo período de um ano, somente aos estudos, certamente não deve ter sido muito fácil, numa época em que os próprios professores não se dedicavam, exclusivamente, ao ensino. Morschel (2006) conta que esse período, com dinheiro escasso, não foi nada fácil. Eles almoçavam na rodoviária de São Leopoldo e comiam o “prato feito” que era mais barato. O professor Vertes via as dificuldades que passavam e os incentivava, dizendo: “- Isso que vocês estão passando é uma fase. Vocês estão fazendo um investimento”.

A jornada diária era longa, chegavam na faculdade às 7h 30min e saíam no final das aulas, às 23 horas. Tinham que cumprir, diariamente, uma carga de leitura bastante elevada. O professor Vertes selecionava capítulos de livros e, no final da tarde, ia à biblioteca, que era o local onde os alunos desenvolviam as atividades de leitura e fazia perguntas sobre os assuntos lidos. Se eventualmente algum deles não tivesse lido, conforme relata Morschel (2006), “[...] dava os aconselhamentos devidos de forma que a gente ficava sem compostura porque ele era muito educado”.

Os temas selecionados pelo professor Vertes versavam sobre assuntos diversos, desde economia até cultura geral, e incluíam leituras em outro idioma. Na época, também tiveram oportunidade de aprender leitura dinâmica. De acordo com Morschel (2006), “[...] foi nos oportunizado também aprender leitura dinâmica que, na época, era uma coisa inovadora”.

Em relação aos benefícios que essa experiência proporcionou, Morschel (2006) relata:

O professor Vertes foi uma pessoa que conseguiu dar-nos uma contribuição significativa. Naturalmente, não foi igual para todos. Alguns tinham projetos específicos e voltaram para aquilo que eles tinham planejado ou voltaram para a antiga atividade no trabalho. Eu tinha tido uma experiência profissional em escritório de contabilidade e que pouco se podia aplicar de macro-economia, economia, estatística e contabilidade, do jeito que ele via a contabilidade. E nós tivemos por parte dele essa oportunidade de ampliar nossos horizontes, de ir para o mercado e foi isso que me fez crescer profissionalmente. Em vez de voltar para a mesma empresa eu comecei a trabalhar em consultoria. E isso foi em função do que pude aprender de forma complementar nesse ano. Foi muito importante. O Neri há pouco tempo foi Vice-Reitor da FEEVALE; é claro que deve ter feito pós-graduação. Mas, com certeza essa bagagem vem muito da contribuição do

Alexandre. O Alfredo voltou para a área de contabilidade, que era o que ele queria fazer. Começou a fazer contabilidade e depois gerenciou empresas em Rolante. E o Passini voltou para a empresa em que trabalhava e foi gerente por um bom tempo. Todos nós fomos bem sucedidos profissionalmente e, com certeza, isso se deve, em parte, pela contribuição do Alexandre.

Além de ser uma experiência inovadora para a época, o professor Vertes oportunizou aos alunos do Regime de Tempo Integral ampliar a visão de mundo, ao inserir nas leituras temas econômicos e culturais. Também é admirável a sua dedicação de diariamente selecionar os temas e acompanhar o desempenho dos alunos. É possível que essa iniciativa não tenha continuado porque, na época, os demais professores não tinham essa mesma visão do ensino universitário nem dedicação exclusiva ao trabalho docente.

O professor Vertes realizou também uma pesquisa sobre o efeito, para os alunos, do rodízio de professores nas salas de aulas. Essa experiência está documentada na sua Pasta Laboral, na UNISINOS, porém não consta a data da realização da mesma. Tendo em vista que no referido documento a experiência é designada como complementação do novo método de ensino, desenvolvido de 1969 a 1973, deduz-se que a mesma foi realizada em 1973.

Conforme relato de Ott (2005), a pesquisa sobre rodízio de professores foi possível porque, na época, a UNISINOS tinha em torno de dez turmas de Contabilidade I e um grupo grande e muito coeso de professores. Essa experiência consistiu em eliminar o professor da turma, ou seja, o professor ministrava a primeira aula para a sua turma e, na semana seguinte, um outro professor ministrava a aula para a referida turma e, assim, sucessivamente. O procedimento era executado de tal forma que, nas quinze semanas de aula, o professor da turma ministrava a primeira e a oitava aula, e as demais eram ministradas por outros professores.

O objetivo do revezamento de professores foi provar que o aluno deveria aprender para si e não para o professor. Segundo Ott (2005, p.8), “[...] independente do professor, o aluno deveria conseguir, assim, ultrapassar os desafios da disciplina e não ficar dependendo do professor”. Conforme Vertes (1973), o revezamento de professores motivaria o aluno, pois estes estariam, nesse sistema, participando de conferências e não de aulas propriamente ditas, e para os professores isso implicaria numa preparação maior para as aulas. Os resultados não revelaram grandes diferenças na aprendizagem dos alunos; o comportamento e desempenho desses alunos foram praticamente os mesmos dos semestres anteriores, nas quais não havia sido implantado o rodízio de professores.

Em 1983, o professor Vertes realizou uma experiência com as turmas de auditorias, visando mudar os hábitos de estudo dos alunos. Conforme Vertes (1983f, p. 35), “os estudantes do ensino superior e, especialmente, os de turmas noturnas estudam quase que exclusivamente para oportunidades de verificação, o que normalmente sucede em cada 7 ou 8 semanas”. Considerava que, se o aluno estudasse apenas alguns dias por semestre, isso era suficiente para ser aprovado, mas não era suficiente para a assimilação do conhecimento. Ressaltava que (1983f, p. 35), “[...] esse tipo de estudo é indesejável, mas, lamentavelmente, está enraizado no meio estudantil universitário”.

A proposta do professor Vertes na experiência supra mencionada foi a de conduzir o aluno a estudar, sistematicamente, a cada aula. O método consistia em eliminar as duas verificações e o exame final, substituindo-os por testes. Os testes eram aplicados, regulamente, em todas as aulas. O conteúdo de cada aula era resumido em, no máximo, dez pontos, os quais o aluno deveria estudar em casa. Na aula seguinte, o professor aplicava um teste com duração máxima de 20 minutos sobre um dos pontos estudados. Conseqüentemente, os alunos estudavam durante todo o semestre e não somente nos dias que antecediam os exames.

Conforme Vertes (1983f, p. 38), esse processo “[...] significava uma aprendizagem constante e uma assimilação mais profunda da disciplina”. Os resultados revelaram que as faltas dos alunos que antes eram de 10 à 12%, baixaram para 6,19%; as médias que oscilavam entre 4,5 a 6 passaram para 6,6; e o número de aprovados cresceu de 27 para 50 alunos.

Outra característica do professor Vertes, observada através das pesquisas que coordenava, era a sua preocupação com os aspectos didáticos do ensino da contabilidade e, nesse sentido, estava sempre testando novas didáticas de ensino. As experiências realizadas por ele na área do ensino da contabilidade visavam buscar soluções para o ensino-aprendizagem, focando os aspectos referentes ao estudante universitário, o professor universitário e o ensino superior da contabilidade.

Para Vertes (1973, p.14), “a universidade, por sua vez, tem como escopo principal a formação de líderes”. Para formar líderes, os professores deveriam proporcionar aos alunos a oportunidade de estudar e encontrar a solução de problemas por si sós, preparando-os para a atuação no mundo real. A proposta do professor Vertes era preparar as pessoas para buscar, por si mesmas, soluções para os desafios e demandas que, certamente, encontrariam no exercício profissional. Mencionava que, “se for verdadeiro que uma nação é forte quando as famílias o são, tanto mais é verdade que a economia de uma nação é forte e desenvolvida quando as empresas, células econômicas, também são fortes e se desenvolvem” (VERTES,

1973, p.13). Sob essa ótica, ele considerava as instituições de ensino superior responsáveis pela formação de profissionais capazes de levar as entidades econômicas ao desenvolvimento.

Em 1982, de acordo com Vertes (1984b), foi desenvolvido, sob a sua orientação, um projeto de pesquisa num curso de especialização em nível de Pós-Graduação em Contabilidade, na disciplina de Pesquisa Comparativa de Contabilidade em Nível Internacional. O objetivo da pesquisa era verificar a obrigatoriedade de elaboração do Inventário Geral Patrimonial em outros países. Para a realização da pesquisa, foram solicitados para as embaixadas de diversos países livros básicos de contabilidade.

Os livros analisados e os respectivos países que os enviaram foram:

- a) Áustria, página 14 do livro dos doutores: Walter Platzer e Franz Wolfgang Kros, denominado *Buehhaltungs – und Bilanzierungs – Handbuch*, 6.^a Edição, editora ORAC, Wien;
- b) Bélgica, obra de A. Duval denominada *Comptabilité Belge – 3 travaux d’inventaire – Aide mémoire et thèmes progressifs*, editora LICET, Paris;
- c) Checoslováquia, obra do Dr. Ing Jan Kadlec e Kamil Bolze, denominada *Účetnictví II, pro střední ekonomické školy obor všeobecná ekonomie*, editora STATNI Pedagogické Nakladatelství, Praha;
- d) Espanha, obra de Ricardo Pique Batte denominada *Como se lee y examina un balance*, editora Bosh, Barcelona;
- e) França, livro de Pierre Lassègue, denominado *Gestion de l’entreprise et comptabilité*, 4.^a Edição, editora Précis DALLOZ, Paris;
- f) Guatemala, a obra de J. Ernesto R. Molina M, denominada *Prontuário de Contabilidad General*, 15.^a Edição, editora Guatemala C.A, Guatemala;
- g) Hungria, obra de Novák, Szarka e Szegőné, denominada *Könyvviteli Alapismeretek*, 2.^a Edição, editora Tankönyvkiadó, Budapeste;
- h) Itália, obra de Giorgio Fossate, denominada de *Contabilità Generale*, 3.^a Edição, editora Buffetti, Roma;
- i) México, obra de Elias Lara Flores, denominada *Primer Curso de Contabilidad*, editora Trillas, México;
- j) Paraguai, o mesmo livro utilizado pelo México;

- k) Portugal, obra de Rogério Fernandes Ferreira, denominada *Balanços*, editora Ática, Lisboa;
- l) Suécia, obra do The American Institute of Certified Public Accountants Committee on International Relations, livro denominado *Professional Accountings in 25 Countries*;
- m) Uruguai, livro da Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração, denominado *Contabilidad General*, editora da Universidad de la República;
- n) Venezuela, obra de A. Redondo, denominada *Curso Práctico de Contabilidad General*, 6.^a Edição, Editora Centro Contábil Venezolano, Caracas;
- o) Alemanha, obra de Julius Chenaux Repond, denominada *Einführung in Doppelte Buchführung und Bilanzaufmachung*, 2.^a Edição, editora Verlagsbuchhaltung, Stuttgart;
- p) Argentina, livro de Alberto Arévalo denominado de *Contabilidad General*, 5.^a Edição, Editora Seleccion Contable, Buenos Aires.

Foi constatado que, em todos os 16 países, o Inventário Geral Patrimonial era ensinado e obrigatório.

O professor Vertes sempre defendeu a obrigatoriedade, no Brasil, do Inventário Geral Patrimonial. Para ele, o inventário é a base da contabilidade e o ponto fundamental da sua metodologia de ensino da contabilidade. Essa teoria foi defendida em todos os seus livros e em vários artigos. Conforme depoimento de Ott (2005),

ele, em vida, lutou muito para que este documento alcançasse nas empresas uma posição que, de fato, no restante do mundo já ostenta. Ele nunca se conformou que o inventário no Brasil fosse considerado só uma parte do patrimônio, só o inventário de mercadorias, de produtos, matéria-prima [...]

O empenho do professor Vertes para que no Brasil também se adotasse o Inventário Geral Patrimonial como instrumento obrigatório resultou, com base na pesquisa desenvolvida na UNISINOS, em um Projeto de Lei. O referido projeto foi encaminhado, pela primeira vez, à Câmara dos Deputados, através do Deputado Siegfried Heuser, em 1984, sob número 3377, no qual consta como justificativa o seguinte:

Há vários anos, o Doutor Alexandre Vertes, Professor de Contabilidade Superior, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, RS, defende a instituição obrigatória, para todas as empresas, do Inventário Geral Patrimonial, analisando e sustentando com a verificação física os componentes patrimoniais. Essa sua tese encontra-se renovada em sua obra “Iniciação à Dupla Contabilidade Geral”, editora Sulina, Porto Alegre, março 1983.

De acordo com as convicções do professor Vertes, o inventário geral não deveria substituir a contabilidade e, sim, ser um instrumento de comprovação real da escrituração. Nesse sentido, é evidenciado no texto do Projeto de Lei n.º 3377/84:

Isso não significa que o inventário geral do patrimônio possa substituir a escrituração contábil, eis que esta tem por fim memorizar e acompanhar todos os fenômenos da gestão e não apenas indicar a composição patrimonial em determinado instante, nem só apurar o lucro ou prejuízo do exercício.

Em 30 de maio de 1984, o professor Vertes recebeu correspondência do professor Ernest Muhr, da Fundação Getúlio Vargas. Na correspondência, o professor Muhr solicitava esclarecimentos sobre o Inventário Geral Patrimonial e a indicação dos 16 países em que este instrumento era obrigatório. O professor Vertes, em 21 de junho de 1984, atendeu à solicitação do professor Muhr, informando os 16 países pesquisados e enviou também cópia dos livros pesquisados e cópia de dois artigos seus. Conforme Vertes (1984, p. 1),

Para poder entrosar-se ao espírito que nos levou ao mencionado projeto de lei 3377/84, anexo dois artigos: “Falta uma das pernas da nossa contabilidade” e “O Inventário Geral Patrimonial”, publicados em diversos veículos de comunicação, com o intuito de convencer os interessados da imperativa necessidade de colocar o nosso estudo de contabilidade na realidade inventarial.

O Conselho Federal de Contabilidade (CFC), em 9 de julho de 1984, através do seu presidente, Contador João Verner Juenemann, expressou apoio ao projeto de lei n.º 3377/84, em correspondência enviada ao Deputado Siegfried Heuser. Na ocasião, enviou também correspondências ao Presidente da Câmara dos Deputados e aos líderes dos partidos na Câmara, comunicando a decisão de apoio ao referido projeto, conforme CFC. 393/84(1984, p. 1).

O Projeto de Lei n.º 3377, de 1984, do Sr. SIEGFRIED HEUSER, que dispõe sobre o Inventário Geral do Patrimônio das Empresas foi acolhido pelo E. Plenário deste Conselho Federal como de interesse do exercício profissional contábil, em reunião de 29.06.1984, razão pela qual merece prosperar para atingir a sua finalidade.

O Vice-Reitor Acadêmico da UNISINOS, em ofício de 11 de julho de 1984, dirigido ao professor Vertes, elogiou a iniciativa do Projeto de Lei n.º 3377.

A iniciativa de V. Sa., além de demonstrar seu labor incansável, revela a preocupação de colocar o Brasil entre os países que já adotaram o proposto por V. Sa. Se, acima de tudo, este trabalho dignifica a quem o engendrou, não menos honra a nossa Universidade que se ufana de ter, em seu corpo docente, Professor tão ilustrado e tão dedicado (UNISINOS, Of. VRAC. n.º 349/84, 1984).

Em 28 de setembro de 1984, o professor Ernani Ott, que, na época, era Diretor do Centro de Ciências Econômicas, enviou correspondências aos deputados Flavio Marcilio, Nelson Machezan, Freitas Nobre, Brandão Monteiro, Siegfried Heuser, Celso Peçanha e Airton Sores, solicitando o apoio destes ao projeto de lei 3377/84. Conforme Ott (1984, p.1),

nosso ilustre professor Dr. Alexandre Vertes defende há 25 anos a instituição desse demonstrativo em nosso país, e no momento em que é transformado em Projeto de Lei, permitimo-nos solicitar o apoio de V. Ex.^a, na qualidade de líder do seu partido, afim de que tal proposição venha a ser aprovada.

No dia 7 de novembro de 1984, a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, em reunião plenária, “[...] opinou unanimemente pela constitucionalidade, juridicidade, técnica legislativa e, no mérito, pela aprovação do Projeto de Lei n.º 3377/84, nos termos do parecer do relator.”

Conforme relatório da Comissão de Economia, Indústria e Comércio, de 1986, em 28 de novembro de 1984, o professor Ernest Muhr enviou correspondência dirigida ao Presidente da referida Comissão, opinando que deveriam ser incluídos métodos alternativos para o levantamento inventarial. O argumento utilizado pelo professor Muhr é de que o levantamento patrimonial traria um custo pesado para as empresas, porém não apresentou nenhuma emenda ao projeto. A Federação do Comércio do Estado de São Paulo, em ofício de 25 de outubro de 1984, manifestou-se contra o referido projeto, argumentando que a obrigatoriedade do Inventário Geral acarretaria em mais ônus às empresas e não traria benefícios ao fisco. A Federação do Estado de Minas Gerais também se manifestou contra a proposta, em ofício de 28 de janeiro de 1985, alegando que a medida implicaria em um custo a mais para o meio empresarial e, se a Comissão de Valores Mobiliários entendesse que o procedimento fosse necessário para as sociedades anônimas de capital aberto, poderia, através de ato administrativo, adotá-lo para estas.

O relator da Comissão de Economia, Indústria e Comércio, Deputado Celso Sabóia, apesar da posição firmada pelas entidades empresarias, no Relatório do Projeto de Lei n.º 3377 (1986, p. 5), afirma que:

Incontroverso se afigura, todavia, que o balanço contábil precisa conformar-se com a situação física da existência dos bens, créditos e dívidas que compõem o patrimônio administrado. A veracidade do balanço patrimonial exige que a escrituração contábil seja corrigida para a realidade.

Mas, mesmo entendendo e explicitando a importância do Inventário Geral Patrimonial, acabou atendendo em parte os interesses das Federações do Comércio do Estado de São Paulo e Minas Gerais, propondo que a obrigatoriedade do inventário geral deveria restringir-se às empresas que desejassem usufruir incentivos fiscais ou reduções de impostos.

No dia 03 de dezembro de 1986, a Comissão de Economia, Indústria e Comércio votou pela rejeição do Projeto de Lei n.º 3377/84, alegando que, no momento, não seria viável a adoção dos mecanismos propostos pelo referido projeto.

Embora louváveis os propósitos do autor, especialmente no que concerne aos mecanismos de controle, objetivando eliminar fraudes contábeis nas empresas, quer nos parecer inoportuna sua implantação, porquanto irá representar significativo aumento da despesa, onerando os custos das empresas, no momento de profunda e delicada transição econômica por que passa o País.

Dessa forma, o Projeto de Lei n.º 3377/84 foi rejeitado com o voto contra do Deputado Oswaldo Lima Filho e do Deputado Celso Sabóia.

O Projeto de Lei que dispõe sobre o Inventário Geral Patrimonial foi novamente apresentado em 07 de maio de 1991, pelo Deputado Victor Faccioni. O Deputado, nessa mesma data, enviou correspondência ao professor Vertes informando-o do encaminhamento do projeto, e agradecendo a sugestão e colaboração do mesmo.

Em 25 de novembro de 1992, o Deputado Victor Faccioni informou ao professor Vertes que o Projeto de Lei n.º 92/91, que dispõe sobre o Inventário Geral, havia sido aprovado por unanimidade pela Comissão de Economia, Indústria e Comércio e que o mesmo seguiria para Comissão de Finanças e Tributação.

Com satisfação, informo ao prezado amigo, que na data de hoje, a Comissão de Economia, Indústria e Comércio da Câmara dos Deputados, aprovou, por

unanimidade, o Projeto de Lei n.º 92/91, de minha autoria, que o amigo sugeriu e que **dispõe sobre o inventário geral do patrimônio das empresas**.

O projeto foi muito elogiado nas duas vezes que tramitou pelas diversas comissões, mas acabou sendo rejeitado com base em argumentos das entidades empresariais. Considerando que a referida demonstração visa dar mais segurança e transparência à contabilidade das empresas, é possível que o referido projeto atualmente tivesse uma melhor acolhida por parte das entidades empresariais. Ott (2005) assinala que “[...] esta talvez seja uma dívida que nós temos que cumprir ainda com o nosso professor, que é retomar a proposta de exigência da elaboração do Inventário Geral Patrimonial pelas empresas”.

Todas essas experiências apresentadas demonstram o perfil empreendedor do professor Vertes e a sua dedicação incondicional à sua condição de professor e pesquisador. Foi ousado em propor mudanças significativas na forma de ministrar aulas, enfrentou resistências às mudanças propostas, mas a sua persistência foi coroada com os bons resultados obtidos.

3.5.4 Participações em Congressos, Conferências e outros Eventos

Os congressos, conferências e encontros de profissionais da área contábil são iniciativas importantes para a difusão do conhecimento científico. No Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, a velocidade da transmissão de conhecimento e idéias era mais lenta, considerando-se a realidade atual. Nesse sentido, o professor Vertes utilizou-se de Seminários e Congressos para divulgar suas idéias. Os congressos, seminários e encontros dos quais participou estão relacionados no Quadro 12.

Ano	Local	Evento	Trabalhos/Palestras
1959	Porto Alegre	I Congresso Nacional das Faculdades de Ciências Econômicas	▪ Sugestões
1959	Porto Alegre	III Congresso Brasileiro de Ensino Comercial	-
1966	Rio de Janeiro	I Congresso Interamericano do Ensino Superior de Contabilidade	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O inventário e a Didática da Contabilidade ▪ Dupla Contabilidade ▪ Tabela Leopoldense e os lançamentos orgânicos de encerramento das contas patrimoniais
1971	São Leopoldo	I Encontro dos Cursos de Economia, Contabilidade e Administração	▪ Quanto mais a empresa perde, mais rica se torna ou “Um Fundo sem Fundo”

Continua...

...Continuação

Ano	Local	Evento	Trabalhos/Palestras
1972	Lajeado	II Encontro dos Cursos de Economia, Contabilidade e Administração	-
1972	Santana do Livramento	V Encontro Estadual de Estudantes de Ciências Contábeis	-
1972	Santa Cruz do Sul	VI Encontro Estadual de Estudantes de Ciências Contábeis	▪ Palestra sobre <i>Overtrading</i>
1972	Punta Del Este	X Conferência Interamericana de Contabilidade	- -
1973	Bagé	III Encontro de Economia, Contabilidade e Administração	-
1973	Salvador	IX Congresso Brasileiro de Contabilidade	▪ Resultado da Pesquisa sobre o novo método didático no ensino superior de contabilidade
1974	Porto Rico	XI Conferência Interamericana de Contabilidade	▪ O princípio da duplicidade como princípio de contabilidade geralmente aceito e a dupla contabilidade
1977	Rio de Janeiro	XXIX Convenção dos Contabilistas do Estado do Rio de Janeiro	-
1977	Porto Alegre	II Congresso Interamericano de Ensino Superior de Contabilidade	▪ O Escritório de Contabilidade, a Contabilidade e o Meio Ambiente
1978	Gramado	IX Convenção Nacional de Contabilidade	-
1980	Rio Grande	Encontro de Contabilidade	-
1980	Curitiba	XI Congresso Brasileiro de Contabilidade	-
1981	Gramado	X Simpósio de Contadores do Brasil	-
1983	Belo Horizonte	V Encontro dos Professores de Ensino Superior de Contabilidade	-
1988	Gramado	II Convenção de Contabilidade do Rio Grande do Sul	Debatedor do Painel – O Ensino da Contabilidade
1991	Gramado	III Convenção de Contabilidade do Rio Grande do Sul	-

Quadro 12: Participações do professor Vertes em Congressos, eventos e encontros

Destacou-se durante o I Congresso Interamericano Ensino Superior de Contabilidade, apresentando trabalhos que foram publicados, mais tarde, em 1967, no livro **Dupla Contabilidade Geral**.

O professor Vertes teve participação regular em encontros e eventos ligados à área contábil. Koliver (2006) destaca: “nesse meio ele sempre foi muito prestigiado, precisamente, porque, em primeiro lugar, ele era um sujeito muito simples e ademais conhecia profundamente contabilidade e pesquisava muito”.

É provável que o professor Vertes tenha participado de outros congressos, além dos que foram evidenciados no Quadro 12, porém estão relacionados somente aqueles que estavam documentados na sua Pasta Laboral existente na UNISINOS.

No Quadro 13, apresenta-se a relação das participações em bancas examinadoras no Programa de Pós-Graduação em nível de Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Data da Defesa	Nome	Título
30/09/1977	Carlos Antônio de Rocchi	A Problemática da Informação Contábil nas Empresas Rurais
30/09/1977	Rolando Beulke	O Custo da Indústria Têxtil Lamífera
13/10/1979	Francisco Antonio de Branco Júnior	Análise da Situação Econômico-Financeira da Indústria Pesqueira do Estado do Rio Grande do Sul – 1973 a 1977
30/06/1982	Teodoro Clebsch	O Duplo Enfoque Contábil e Administrativo no Sistema de Custos da Indústria de Óleos Vegetais

Quadro 13: Participação em Bancas Examinadoras - UFRGS

Os trabalhos apresentados nas bancas das quais o professor Vertes participou estavam enquadrados na linha de pesquisa de Contabilidade e Finanças e apresentavam estudos direcionados às áreas de custos e informações contábeis.

O professor Vertes foi também membro da Banca Examinadora da defesa da Tese de Doutorado do professor Olívio Koliver, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), intitulada **O Balanço de Resultados nas Empresas Industriais diante da Análise Externa**. Através do ofício 004/PUC, o professor doutor Antônio Cesar Alves, Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da PUC, designou

[...] os Senhores Professores Alexandre Vertes, Albino Mathias Steinstrasser, Sebastião Gomes de Campo e Waldir Comelato para, sob a presidência do signatário, integrarem a Comissão Examinadora da defesa da Tese a que vai se submeter o bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais Olívio Koliver, no dia 18 de dezembro de 1973, às 20:30 horas.

Constata-se que o professor Vertes, através da participação em diversos eventos ligados à profissão contábil e ao ensino da contabilidade, procurou divulgar e acompanhar os movimentos sobre os saberes teóricos, as ações práticas da contabilidade e o panorama do ensino superior da contabilidade.

3.6 Cronologia da Vida e Obra do Professor Vertes

Como forma de fornecer uma visão geral do que foi apresentado no decorrer do capítulo 3, apresenta-se a seguir um quadro com o resumo cronológico dos principais fatos pertinentes à vida e obra do professor Vertes.

Cronologia da vida e obra do Professor Alexandre Vertes
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1908 – nascimento em Budapeste, Hungria ▪ 1937 – graduação em Economia, na Universidade Regiae <i>Hungaricae Scientiarum Technicarum et Oeconomicarum – Palatinus Josephus</i>, Budapeste Hungria; ▪ 1937 – doutoramento na Universidade supramencionada; ▪ 1940 – convocado para lutar na Segunda Guerra Mundial ▪ 1948 – nascimento do filho, Peter Vertes ▪ 1949 – conclusão do Curso de Perícia Contábil ▪ 1950 – fuga da Hungria ▪ 1951 – chegada ao Brasil ▪ 1959 – início das atividades de docente na FEVAR SINOS; implantação da metodologia de ensino da contabilidade, que tem como base o Inventário Geral Patrimonial; e adoção da Tabela Leopoldense ; ▪ 1966 – implantação do curso de Ciências Contábeis na FEVAR SINOS; ▪ 1969 – participação no projeto de criação da UNISINOS; criou a PLANISINOS e implantou o Regime de Tempo Integral; ▪ 1970 – recebimento do prêmio Destaque no setor Economia; ▪ 1973 – promoção do I Curso de Atualização em Contabilidade Geral; ▪ 1974 – criação da Associação de Professores do Ensino Superior de Contabilidade (APESC); ▪ 1978 – realização do IX Curso de Atualização em Contabilidade Geral (provavelmente a última edição do curso); ▪ 1982 – recebimento do título de Cidadão Leopoldense; ▪ 1984 – recebimento do título de Professor Benemérito da UNISINOS; ▪ 1984 – recebimento do título de Professor Destaque; ▪ 1989 – afastamento das atividades de docente; recebeu o Diploma de Mérito Contábil Maranhense; ▪ 1990 – recebimento de homenagem do CRC-RS pela notável contribuição em prol da cultura contábil gaúcha e brasileira; ▪ 1966 a 1990 – publicou 15 livros de contabilidade e 18 artigos;

Continua...

...Continuação

- 1964 a 1968 – liderou 5 projetos de análise financeira;
- 1969 a 1983 – realizou 5 pesquisas na área do ensino da contabilidade;
- 1982 – liderou projeto de pesquisa Comparativa em nível Internacional;
- 1984 – encaminhamento do Projeto de Lei no 3377/84 que dispõe sobre a obrigatoriedade do Inventário Geral Patrimonial, com base na pesquisa Comparativa em nível Internacional;
- 1991 – novo encaminhamento do Projeto de Lei que dispõe sobre a obrigatoriedade do Inventário Geral Patrimonial;

Quadro 14: Cronologia da Vida e Obra do Professor Vertes

Com base no quadro 14, constata-se que o professor Vertes chegou ao Brasil com 43 anos de idade, refez sua vida e ainda teve forças e entusiasmo para produzir importantes trabalhos sobre contabilidade, análise de balanços e metodologia do ensino da contabilidade. Estes, após ter ingressado na FEVARSINOS em 1959, quando já contava com 51 anos de idade.

Com relação à produção científica do professor Vertes, destaca-se que no período em que foram publicados seus trabalhos esse tipo de produção era ainda incipiente no Brasil. Por isso, a cronologia das principais ações do professor Vertes voltadas para o ensino e a pesquisa, devem ser analisadas considerando-se a evolução da contabilidade no Brasil. Tendo em vista que a sua formação acadêmica ocorreu na Europa, considerada o berço da contabilidade científica, percebe-se nas suas ações os traços dessa formação, refletidos na valorização do ensino, pesquisa e em projetos incomuns para a época.

4 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

4.1 Conclusão

Essa pesquisa teve como objetivo principal evidenciar a contribuição do Professor Doutor Alexandre Vertes no ensino e na difusão do conhecimento contábil. Para atender ao objetivo proposto, foram examinados aspectos referentes à sua vida pessoal; formação profissional; atuação na UNISINOS; atuação fora do contexto acadêmico e sua produção científica, compreendida por livros, artigos, pesquisas e participações em seminários, congressos e outros encontros ligados à área contábil.

Com relação ao aspecto pessoal, percebeu-se tratar de uma pessoa muito admirada por todos aqueles que o conheceram. A imagem que se recolheu a partir dos depoimentos, indica uma pessoa muito boa, inteligente, bem humorada, que adotou o Brasil como sua pátria. A convivência com ele marcou de tal forma a vida das pessoas entrevistadas que, no início de suas falas, estas se referiam a ele no passado, como uma pessoa falecida, mas, na medida em que a entrevista se desenvolvia, a maioria passou a falar dele no presente, como se ainda estivesse entre elas.

Era uma pessoa realmente diferenciada, com muita força interior, que passou por experiências traumáticas de guerra e as superou. Sobre essas experiências ele pouco falava, e sua personalidade carismática, gentil e terna, não permitia que se percebesse que era um ex-combatente e ex-prisioneiro de guerra.

Por ter uma formação européia, muito mais desenvolvida cientificamente na área contábil do que o Brasil, implementou vários projetos na UNISINOS, inovadores para a época. Nesse contexto, destaca-se a metodologia de ensino da contabilidade, a qual foi

apontada como sendo um grande legado que deixou e que vem sendo adotada na UNISINOS e na UNIJUÍ, como pode ser comprovado, sendo até possível que, em função dos cursos de extensão promovidos na UNISINOS para difundir essa metodologia, outras instituições também carreguem a sua marca na formação de bacharéis em Ciências Contábeis.

A metodologia de ensino da contabilidade, implantada pelo professor Vertes, tem como base o Inventário Geral Patrimonial e permite ao aluno entender a contabilidade a partir de algo concreto, que são os itens existentes no patrimônio da empresa. A partir dessa perspectiva, elabora-se o Inventário Geral Inicial e Final, levando o aluno a perceber as variações ocorridas no patrimônio. Para facilitar os procedimentos do encerramento do exercício, implementou uma tabela, a qual denominou de Tabela Leopoldense. Essa tabela foi utilizada pela primeira vez na FEVARSINOS, sendo também adotada em algumas empresas da Região da Grande Porto Alegre. A Tabela Leopoldense é um instrumento simples e útil, tanto sob o ponto de vista didático como prático.

Ainda em relação à metodologia de ensino da contabilidade, constatou-se que as críticas não são consistentes a ponto de reduzir a sua relevância. Destaca-se que não se tratam de mudanças na contabilidade e, sim, na forma de ensinar a contabilidade, a qual foi possível perceber que realmente faz sentido.

O professor Vertes concebeu e liderou diversos projetos e experiências na área do ensino da contabilidade. A sua preocupação em encontrar formas de melhorar o aprendizado dos alunos e torná-los agentes ativos nesse processo demonstram claramente a forma como ele concebia o ensino universitário. Para ele, o papel do professor universitário era a formação de líderes. E a formação de líderes implica em torná-los sujeitos capazes de encontrar soluções por si mesmos, quebrando o paradigma de aulas expositivas, nas quais estes são meros receptores de conhecimento. Esse posicionamento em relação ao ensino universitário ficou evidenciado também na iniciativa de implantar na UNISINOS uma turma de alunos em tempo integral. As atividades que ele propôs a esses alunos do regime de tempo integral eram bastante amplas, incluindo economia, história, literatura e política, pois, além de lhes proporcionar conhecimentos técnicos, proporcionou-lhes também conhecimentos gerais.

O seu grande entusiasmo, espírito inovador e competência inspiraram e motivaram muitas pessoas na área contábil, desde jovens estudantes até professores e pesquisadores. Era um docente muito dedicado e empenhado em melhorar o ensino da contabilidade brasileira. Visualizava na educação o meio para o desenvolvimento e progresso do país. Nesse sentido, promoveu mudanças significativas no ensino da contabilidade na UNISINOS e foi incansável

na difusão dessas novas práticas. Como toda proposta de mudança, naturalmente, encontrou apoio e resistência tanto por parte de discentes como docentes, porém não esmoreceu diante das dificuldades; muito pelo contrário, empenhou-se sempre mais.

Como docente, contribuiu na formação de inúmeros profissionais da área econômica e contábil nos trintas anos em que, de forma ininterrupta lecionou na UNISINOS. Também trabalhou no preparo dos seus seguidores que, com efeito multiplicador, continuaram a divulgar e defender as suas idéias e iniciativas, alguns até nos dias atuais.

Enquanto atuou na UNISINOS, procurou sempre integrá-la à comunidade, através das pesquisas que desenvolveu com seus alunos e através da criação da Planisinos, pois não acreditava no conhecimento como um fim em si mesmo e, sim, na geração de conhecimento que pudesse ser aplicado em benefício da comunidade, do meio empresarial. Com essa motivação, desenvolveu projetos na área financeira e econômica, analisando os principais setores da região. O objetivo era fornecer indicadores médios para que essas empresas pudessem utilizá-los no direcionamento de seus negócios. Essas pesquisas foram amplamente divulgadas pela imprensa local, evidenciando o impacto positivo que elas tiveram na comunidade. A criação da Planisinos S/A também foi uma iniciativa importante para integrar a Universidade com o meio empresarial. Essa entidade tinha como objetivo prestar serviços de consultoria e desenvolvimento de projetos, oportunizando a alunos e professores aplicar os conhecimentos adquiridos e/ou desenvolvidos dentro da academia.

Foi também autor de diversos livros e artigos. As suas obras caracterizaram-se pela riqueza didática, profundidade com que discutia conceitos, destaque aos aspectos informacionais da contabilidade, habilidade e consistência dos temas tratados. O livro **Dupla Contabilidade Geral** é considerado a sua principal obra, pois apresenta o método de ensino da contabilidade utilizado na UNISINOS com muita profundidade e clareza didática. Nas suas obras identificaram-se temas recorrentes como, por exemplo, o Inventário Geral Patrimonial e a Dupla Contabilidade, demonstrando claramente que tinha uma corrente teórica muito bem definida.

Considerando-se que os livros são instrumentos importantes na difusão de idéias, conclui-se que as suas obras atingiram plenamente suas finalidades, pois são encontradas no acervo bibliográfico de 149 instituições distribuídas em 19 unidades da Federação, mesmo tendo sido publicadas por editoras locais de pouca expressão no mercado nacional.

Desempenhou papel relevante na criação do curso de Ciências Contábeis da

UNISINOS. Foi graças ao seu trabalho, dedicação e iniciativa que o curso foi implantado e reconhecido pelo MEC. Atuou na formação dos docentes e sempre acompanhou o trabalho destes, presidindo reuniões para a discussão de currículos, didáticas de ensino e integração da equipe de professores. Foi, durante muitos anos, chefe do Departamento de Contabilidade, porém possuía uma liderança natural e, mesmo quando não tinha o cargo formal de chefe, era considerado como tal.

Marcou sua presença também no projeto de fundação da UNISINOS. Presidiu as primeiras reuniões que foram realizadas para a articulação e planejamento da unificação das Faculdades isoladas.

Seu trabalho foi reconhecido dentro e fora da UNISINOS, traduzido em inúmeras homenagens e títulos que lhe foram conferidos, tais como: Professor Emérito, Professor Benemérito, Cidadão Leopoldense e outros. Porém, humilde, apesar de todos os títulos recebidos, considerava a Nacionalidade Brasileira como o mais importante título que lhe fora conferido.

No currículo acadêmico do professor Vertes, destaca-se o seu empenho e dedicação na formação do corpo docente do curso de Ciências Contábeis, pesquisas realizadas em parceria com o meio empresarial, ações direcionadas à melhoria do processo de ensino da contabilidade e estratégias visando neutralizar possíveis ameaças ao curso.

Foi um exemplo de dedicação à academia, desenhando uma trajetória de destaque na história da UNISINOS e, em particular, na área contábil, como exposto ao longo do trabalho. É reconhecido por seus pares por sua integridade, firmeza de caráter e dedicação incansável às atividades acadêmicas.

Certamente, os alunos que já se formaram e os que ainda irão se formar em Ciências Contábeis na UNISINOS, na UNIJUÍ e, talvez, até em outras instituições de ensino superior, carregam ou irão carregar traços da metodologia difundida pelo professor Vertes. A preservação e difusão dessa metodologia de ensino por seus seguidores dão significado ao trabalho desenvolvido pelo professor Vertes e mantém vivo os seus ideais.

Enfim, conclui-se que o professor Vertes contribuiu para a formação de profissionais da contabilidade e para a difusão do conhecimento contábil através do seu trabalho de docente, pesquisador e escritor. Dessa forma, considera-se que este trabalho atingiu os fins propostos, pois resgatou as realizações do professor Vertes em prol do engrandecimento da Ciência Contábil, não só pelo conhecimento em si, mas, principalmente, por ter conseguido o

mais difícil: transformá-las em ações concretas.

4.2 Recomendações

No desenvolvimento dessa pesquisa, observaram-se algumas lacunas que poderão ser preenchidas com futuros estudos.

Considerando-se a relevância e a carência de estudos históricos da contabilidade no Brasil e, mais especificamente, no Rio Grande do Sul, sugere-se que sejam desenvolvidos trabalhos que abordem a vida e obra de outros professores e pesquisadores da área contábil que contribuíram para o desenvolvimento da Ciência Contábil.

Foram evidenciadas diversas pesquisas lideradas pelo professor Vertes ao longo desse estudo. Nesse caso, recomenda-se que seja avaliada a possibilidade de dar continuidade às mesmas, como, por exemplo, a pesquisa sobre a obrigatoriedade do Inventário Geral Patrimonial em outros países. E, com base nessa nova pesquisa, poderia ser novamente apresentado um Projeto de Lei visando tornar obrigatória a elaboração do Inventário Geral Patrimonial no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. p. 155- 202. São Paulo: Contexto, 2005. 304p.

BACCI, João. **Estudo Exploratório sobre o Desenvolvimento Contábil Brasileiro**: uma Contribuição ao Registro de sua Evolução Histórica. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica) São Paulo: Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, 2002. 175p.

BURNS, Edward MacNall; LERNER, Robert E.; MEACHAM, Standish. **História da Civilização Ocidental**: do Homem das Cavernas às Naves Espaciais. 31. ed. São Paulo: Globo, 1989. 401p.

CATELLI, Armando. O que é o GECON. In: **Controladoria: uma abordagem da gestão econômica - GECON**. Armando Catelli (coordenador). São Paulo: Atlas, 2001. cap.1; p 29-32.

CUNHA, Vasco S.O. **Ensino Superior na Hungria**. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/esf5_voc2.htm> Acesso em: 10 jan. 2006.

DARUVAR, Yves de. **O Destino Dramático da Hungria**. Washington: [S.N.], 1970. 158p.

DE ROOVER, Raymond. *New Perspectives on The History of Accounting*. **Accounting Review**; Jul.55, v.30, Issue 3, p.16, 405p.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: Histografia e História. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1975. 160p.

FAVERO, Hamilton Luiz *et.al.* **Contabilidade: Teoria e Prática.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 1997. 435p.

FONTENELLE, André. Emprego Garantido. **Revista Veja.** São Paulo: Abril, 1923.ed., ano 38, n.38, p.127, abr/2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206p.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995. 105p.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologia Qualitativa na Sociologia.** 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 224p.

HENDRIKSEN, Eldon S.; VAN BREDA, Michel F. **Teoria da Contabilidade.** São Paulo: Atlas, 1999. 550p.

HERRMANN JR, Frederico. **Contabilidade Superior.** 11.ed. São Paulo: Atlas, 1996. 328p.

HUGON, Paul. **História das Doutrinas Econômicas.** 14.ed. São Paulo: Atlas, 1980. 431p.

HUNT, E. K; SHERMAN, Howard J. **História do Pensamento Econômico.** 15.ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 218p.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da Contabilidade.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2004. 362 p.

KEISTER, Orville R. *The Influence of Mesopotamian Record-keeping.* **Abacus.** Dec70, v.6 Issue 2, p.169, 13p.

KIESO Donald E.; WEYGANDT Jerry J. **Intermediate Accounting.** 9.ed. New York: John Wiley e Sons, 1998. 123p.

LAFFIN, Marcos. **De Contador a Professor: A trajetória da docência no ensino superior de contabilidade.** Santa Catarina: UFSC, 2003. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção), Centro Tecnológico, Universidade de Santa Catarina, 2002. 191p.

LITTLETON, A. C. Structure of Accounting Teory. **American Accounting Association.**

1977. 234p.

MANNING, Peter K. *Metaphors of the field: Varieties of organizational discourse*. **Administrative Science Quarterly**. v.24, n.4, p. 660-671, Dec. 1979.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**: manual do professor. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000. 205p.

MATTESSICH, Richard. **Beginnings of Accounting and Accounting Thought**. New York: Garland, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996. 78p.

NEVES, Jose Luis. Pesquisa Qualitativa: Características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, v.1, n.3, 2º. Sem. 1996.

PIMENTEL, Alessandra. O método de análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Caderno de Pesquisa**. n.114, p. 179-195, nov. 2001. 255p.

SÁ, Antonio Lopes de. **História Geral e das Doutrinas da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1997. 190p.

SÁ, Antonio Lopes de. **Luca Pacioli: um mestre do renascimento**. 2.ed. Brasília: Fundação Brasileira de Contabilidade, 2004. 255p.

SÁ, Antonio Lopes de. **Os Primeiros Passos para Conhecer o Neopatrimonialismo**. Disponível em: <http://www.classecontabil.com.br/servlet_at.php?id=37> Acesso em: 01 mai. 2006.

SAES, Flávio de Azevedo Marques; CYTRYNOWICZ, Roney. O Ensino Comercial na Origem dos Cursos Superiores de Economia, Contabilidade e Administração. **Revista Álvares Penteados**. FECAP – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteados. São Paulo, v.3, n.6, p. 37-59, jun.2001. 129p.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a Construção do Conhecimento. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.139p.

SCHMIDT, Paulo. **Uma Contribuição ao Estudo da História do Pensamento Contábil**. São Paulo: USP, 1996. Tese (Doutorado em Contabilidade), Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 1996. 506p.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 2.ed. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2001. 121p.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385p.

FONTES

1. ESCRITAS

1.1 Bibliográficas

FREITAS, Henrique; NASCIMENTO, Luis Felipe Machado; MENDES, Rosane Augustin (Orgs). **30 Anos de Teses e Dissertações do PPGA/EA/UFRGS**. Coleção Gestão. Porto Alegre:UFRGS, 2002. 464p.

LOPES, Fabiana. Simplesmente um bom negócio. **Revista Ensino Superior**. São Paulo, ano 8, n. 87, p. 36-39, dez. 2005. 50p.

VERTES, Alexandre. Dupla Contabilidade ou Partidas Dobradas. **Revista Vale do Rio dos Sinos**. São Leopoldo: UNISINOS, n. 1, p. 29-39, 1966. 56p.

_____. **Dupla Contabilidade Geral**. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 1967. 600p.

_____. Discurso de Formatura. **Revista Vale do Rio dos Sinos**, São Leopoldo: UNISINOS, n.3, p. 47-57, 1968a. 64p.

_____. **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1968b. 238p.

_____. **Apontamentos sobre a Iniciação à Dupla Contabilidade geral**. Porto Alegre: EMMA, 1970a. 207p.

_____. Quanto mais a Empresa Perde, mais Rica se Torna. **Revista Vale do Rio dos Sinos**. São Leopoldo: UNISINOS, n.4, p. 91-114, 1970b. 115p.

_____. O Princípio de Dualidade como Princípio de Contabilidade Geralmente Aceito e a Dupla Contabilidade. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n.9, p. 29-37, 1974. 68p.

_____. **Estrutura Análise e Interpretação de Balanços**. 1.ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1975a. 486p.

_____. **Dupla Contabilidade Geral**: livro de exercício. Porto Alegre: Sulina, 1975b. 53p.

_____. Todos somos Infratores, inclusive o Fisco. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n.11, p. 3-15, 1975c.

_____. **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral**. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 1977a. 349p.

_____. **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral**: manual do professor. Porto Alegre: Sulina, 1977b. 53p.

_____. **Estrutura Análise e Interpretação de Balanços**. 1.ed. Novo Hamburgo: Otomit, 1977c. 486p.

_____. A Contabilidade e o Meio Ambiente. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n.14, p. 21-30, 1977d. 76p.

_____. Falta uma das Pernas na nossa Contabilidade. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n. 13, p. 3-8, 1983a. 94p.

_____. Falta uma das Pernas na nossa Contabilidade. **Revista do Conselho Regional de Contabilidade -CRCRS**. Porto Alegre: CRCRS, n.36, p. 23-26, jul/set. 1983b.

_____. O Inventário Geral Patrimonial. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n. 41, p. 5-18, 1983c. 101p.

_____. O Inventário Geral Patrimonial. **Revista do Conselho Regional de Contabilidade -CRCRS**. Porto Alegre: CRCRS, n.35, p. 3-10, abr/jun. 1983d.

_____. O Inventário Geral Patrimonial. **Revista Brasileira de Contabilidade**. Brasília, v.3, n. 46, p. 14-48, jul/set. 1983e. 48p.

_____. Pesquisa sobre mudanças de Hábitos de Estudo no Ensino Superior: testes contínuos e programa/aula. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n.41, p. 35-42, 1983f.

_____. Pesquisa sobre mudanças de Hábitos de Estudo no Ensino Superior: testes contínuos e programa/aula. **Revista Perspectiva**. Erechim: URI, v.8, n.27, p. 17-32, 1983g.

_____. A Influência do Inventário Geral Patrimonial sobre o Ensino da Contabilidade. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n.46, p. 5-10, 1984a. 102p.

_____. Vamos Corrigir Omissões Seculares da nossa Contabilidade. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n.44, p. 3-67, 1984b. 67p.

_____. Vamos Corrigir Omissões Seculares da nossa Contabilidade. **Revista do Conselho Regional de Contabilidade -CRCRS**. Porto Alegre: CRCRS, n.40, p. 48-49, out/dez. 1984c.

_____. A Influência do Inventário Geral Patrimonial sobre a Auditoria. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n.50, p. 5-14, 1985a. 185p.

_____. A Influência do Inventário Geral Patrimonial sobre o Ensino da Contabilidade. **Revista do Conselho Regional de Contabilidade -CRCRS**. Porto Alegre: CRCRS, n.41, p. 30-32, jan/mar. 1985b.

_____. Inventário e Balanço: reflexões sobre o artigo do prof. José Olavo Nascimento. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n. 53, p. 13-20, abr/mai. 1986a. 58p.

_____. O Mistério do Débito e do Crédito da Contabilidade. **Revista Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: UNISINOS, n.55, p. 5-18, set/out. 1986b. 83p.

_____. **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral**. 1.ed. Novo Hamburgo: Otomit, 1987a. 373p.

_____. **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral**: livro do professor. Novo Hamburgo: Otomit, 1987b. 373p.

_____. **Iniciação à Dupla Contabilidade Geral:** livro de exercício. 1.ed. Novo Hamburgo: Otomit, 1987c. 373p.

_____. A Influência do Inventário Geral Patrimonial sobre a Auditoria. **Revista do Conselho Regional de Contabilidade -CRCRS.** Porto Alegre: CRCRS, n.47, p. 21-25, jan/mar. 1987d.

_____. A Influência do Inventário Geral Patrimonial sobre o Ensino da Contabilidade. **Revista Paulista de Contabilidade.** São Paulo, n.469, p. 57-58, 1987e.

_____. O Mistério do Débito e do Crédito da Contabilidade. **Revista do Conselho Regional de Contabilidade -CRCRS.** Porto Alegre: CRCRS, n.54, p. 31-38, dez. 1988.

VERTES, Alexandre; KRAUSE, Luiz; CUNHA, Aromildo S. da. **Contabilidade Avançada.** 2.ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1983. 363 p.

VERTES, Alexandre; OTT, Ernani. **Estrutura, Análise e Interpretação do Balanço de Resultados.** 2.ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1984. 258p.

VERTES, Alexandre; WÜRCH, Adolpho Walter. **Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços.** 7.ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1983. 433p.

WÜRCH, Adolpho Walter. Relatório de uma Experiência Didática no Ensino Superior de Contabilidade. **Revista Vale do Rio dos Sinos.** São Leopoldo, n.6, p.13-35, 1970.

IV Fórum Nacional de Professores de Contabilidade. **CRCRS Notícias.** Disponível em: <<http://www.crcrs.org.br/boletim/crcrs-set.03.pdf>> Acesso em: 10/01/2006.

1.2 Documentais

1.2.1 Ofícios

Clube dos Bacharéis em Ciências Contábeis - CBCC, Of.n.º 050/84, Porto Alegre, 13 de setembro de 1984.

Conselho Federal de Contabilidade, Ofício- Circular DV. 038/82, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1982.

Conselho Federal de Contabilidade, Ofício n.º 1088/84 DV. 424, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1984.

Conselho Federal de Contabilidade, Ofício n.º 1089/84 DV. 425, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1984.

Conselho Federal de Contabilidade, Ofício n.º 1090/84 DV. 426, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1984.

Conselho Federal de Contabilidade, Ofício n.º 1092/84 DV. 428, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1984.

Conselho Federal de Contabilidade, Ofício n.º 1093/84 DV. 429, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1984.

Conselho Federal de Contabilidade, Ofício n.º 1091/84 DV. 427, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1984.

Conselho Federal de Contabilidade, Ofício n.º 1109/84 DV. 432, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1984.

Conselho Regional de Contabilidade do Maranhão, Ofício – Circular –CRC-MA n.º 03/89.São Luiz, 29 de março de 1989.

Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul – CRC-RS, Ofício n.º 124/72-R/DH, Porto Alegre, 26 de junho de 1972.

Faculdade de Ciências Econômicas- Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais -Of. n.º 56/84 DCCA, Porto Alegre, 05 de junho de 1984.

Fundação Universidade Estadual de Maringá – Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação. Ofício n.º 184/78, Maringá, 01 de dezembro de 1978.

Fundação Universidade Estadual de Maringá – Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação. Ofício n.º 154/79, Maringá, 21 de dezembro de 1979.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Reitoria, Of. VRAC n.º 057/04, São Leopoldo, 03 de abril de 1984.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos –UNISINOS, Reitoria, Of. R. n.º298/84. São Leopoldo, 26 de julho de 1984.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Of. VRAC n.º 349/84, São Leopoldo, 11 de julho de 1984.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Of. VRAC n.º 448/84. São Leopoldo, 24 de setembro de 1984.

1.2.2 Cartas/Correspondências

ALOE, Armando. **Carta para Alexandre Vertes**. São Paulo, 26 de agosto de 1974.

ALONSO, José Roja. **Carta para Alexandre Vertes**. São Paulo, 12 de janeiro de 1987.

ANTONIO, José Roberto. **Carta para Alexandre Vertes**. Vitória, 1975.

ARTEN, Alfredo. **Carta para Alexandre Vertes**. Curitiba, 1975.

BARROS, Duval Carvalho de. **Carta para Alexandre Vertes**. Tegucigalpa – Honduras, 13 de janeiro de 1982.

BARTZ, Astor Ruben. **Carta para Alexandre Vertes**. Santa Cruz do Sul, 1975.

BASSO, Irani. **Carta para Alexandre Vertes**. Ijuí, 06 de fevereiro de 1978.

BASSO, Irani, Ijuí. **Carta para Alexandre Vertes**. 16 de maio de 1979.

BEIRÃO, Luiz Eugenio. **Carta para Alexandre Vertes**. Florianópolis, 1975.

CASTRO, Jair de. **Carta para Alexandre Vertes**. Marília, 1975.

COUELLE FILHO, LEON. **Carta para Alexandre Vertes**. Rio Grande, 1975.

CUNHA, Sudário de Aguiar. **Carta para Alexandre Vertes**. Salvador, 1975.

DAETZER, Erhard R. **Carta para Alexandre Vertes**. Curitiba, 1975.

FACCIONI, Victor. **Carta a Alexandre Vertes**. Brasília, 25 de novembro de 1992.

FERREIRA, Gilberto de Almeida. **Carta para Alexandre Vertes**. Roma, 20 de janeiro de 1982.

FLORES, Segismundo. **Carta para Alexandre Vertes**. Blumenau, 29 de maio de 1980.

FRANCO, Jovil. **Carta para Alexandre Vertes**. Sorocaba, 1975.

LASSANN, Christian. **Carta para Alexandre Vertes**. Brasília, 04 de fevereiro de 1982.

LISBOA NETO, Olimpio. **Carta para Alexandre Vertes**. Curitiba, 1975.

MAGALHAES, Francisco Ribeiro. **Carta para Alexandre Vertes**. Santa Rita de Sapucaí, 1975.

MOURA, Gilberto, F.G. de. **Carta para Alexandre Vertes**. Ottawa, 25 de janeiro de 1982.

MUHR, Ernest. **Carta para Alexandre Vertes**. São Paulo, 30 de maio de 1984.

OURO-PRETO, Carlos Sylvestre de. **Carta para Alexandre Vertes**. Bruxelas, 03 de fevereiro de 1982.

OTT, Ernani. **Carta para Brandão Monteiro**. São Leopoldo, 28 de setembro de 1984.

_____. **Carta para Siegfried Heuser**. São Leopoldo, 28 de setembro de 1984.

_____. **Carta para Celso Peçanha**. São Leopoldo, 28 de setembro de 1984.

_____. **Carta para Airton Soares**. São Leopoldo, 28 de setembro de 1984.

_____. **Carta para Nelson Marchezan**. São Leopoldo, 28 de setembro de 1984.

_____. **Carta para Freitas Nobre**. São Leopoldo, 28 de setembro de 1984.

_____. **Carta para Flavio Marcilio.** São Leopoldo, 28 de setembro de 1984.

_____. **Carta a Reitoria da UNISINOS.** São Leopoldo, 25 de agosto de 1989.

PAULA, Manoel Vieira. **Carta para Alexandre Vertes.** Itapetinga, 1975.

PRESTES, Benedito Santana. **Carta para Alexandre Vertes.** Sorocaba, 1975.

RADWANSKI, Edmundo. **Carta para Alexandre Vertes.** Panamá, 27 de janeiro de 1982.

RAIMUNDO, Alves da. **Carta para Alexandre Vertes.** Itapetinga, 1975.

REDAELLI, Dauro Rodrigues. **Carta para Alexandre Vertes.** Florianópolis, 1975.

SALLES, Joaquim A. Whitaker. **Carta para Alexandre Vertes.** London, 17 de maio de 1982.

SELEME, Wilson. **Carta para Alexandre Vertes.** Canoinhas, 1975.

SILVA, José Antonio Moreira Icó da. **Carta para Alexandre Vertes.** Salvador, 1975.

SPINATO, Dílson. **Carta para Alexandre Vertes.** Erechim, 16 de março de 1984.

TAVARES, Francisco Giseldp Tavares. **Carta para Alexandre Vertes.** Porto Alegre, 1975.

TEIXEIRA, Sebastião Leite. **Carta para Alexandre Vertes.** Maringá, 02 de abril de 1979.

TREPTOW, Edi da Silva. **Carta para Alexandre Vertes.** Pelotas, 1975.

VERTES, Alexandre. **Carta para a Embaixada da República Federativa do Brasil no Panamá.** São Leopoldo, 11 setembro de 1982.

_____. **Carta para a Embaixada da República Federativa do Brasil em Londres.** São Leopoldo, 08 de setembro de 1982.

_____. **Carta para a Embaixada da República Federativa do Brasil em Honduras.** São Leopoldo, 29 de setembro de 1982.

_____. **Carta para Ivan Carlos Gatti.** Porto Alegre, 03 de maio de 1989.

_____. **Carta para Harry Conrado Schüler.** Porto Alegre, 14 de agosto de 1986.

_____. **Solicitação de baixa da Planisinos à Junta Comercial do Rio Grande do Sul.** 07 de julho de 1982.

1.2.3 Jornalísticas

Jornal do Comércio. **Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos em Inédita Promoção.** Porto Alegre, 23 de dezembro de 1964, p. 29.

Jornal do Comércio. **Professor de Contabilidade diz que empresas precisam de líderes.** 21 de março de 1978, p. 21.

Jornal Diário Serrano. **Curso de Especialização em Contabilidade.** DÜR, Eva, 07 de abril de 1978, p. 5.

Jornal do Comércio. **Prof. Alexandre Vertes – Um dos apóstolos da contabilidade brasileira.** AVELINE, Jorge. 1.º de abril de 1981, p.2.

Jornal de Novo Hamburgo. **Futuros Economistas Analisam a Situação da Indústria de Calçados.** Novo Hamburgo, 12 de agosto de 1966.

Jornal de Novo Hamburgo. **Sua empresa está bem administrada?** Novo Hamburgo, 14 de outubro de 1966, p. 3.

Jornal Folha da Tarde. **Promoção Inédita numa Faculdade com Apoio de Empresas Gaúchas.** Porto Alegre, 19 de dezembro de 1964.

Jornal Folha da Tarde. **Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos Promove Pesquisa Pioneira.** Porto Alegre, 15 de agosto de 1966, p.26

Jornal Zero Hora. **Método Revolucionário de Ensino: o aluno já entra em aula sabendo.** O professor resolve as dúvidas com o diálogo. Porto Alegre, 26 de outubro de 1973, p. 19.

1.2.4 Relatórios

Relação de Participantes do III Curso Superior de Atualização em Contabilidade Geral, São Leopoldo, 1975.

Relação dos Acionistas da Planisinos, São Leopoldo, 31 de dezembro de 1972.

Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos – FEVAR SINOS. Relatório Anual de Registros Acadêmicos, São Leopoldo, 1965.

Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos – FEVAR SINOS. Relatório Anual de Registros Acadêmicos, São Leopoldo, 1966.

Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos – FEVAR SINOS. Relatório Anual de Registros Acadêmicos, São Leopoldo, 1969.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Relatório Anual de Registros Acadêmicos, São Leopoldo, 1970.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Relatório Anual de Registros Acadêmicos, São Leopoldo, 1972.

Programa e Regulamento da 2.^a Convenção de Contabilidade do Rio Grande do Sul, 11 a 13 de agosto de 1988.

Tabela Leopoldense do Montepio da Brigada Militar, Porto Alegre, 1968.

1.2.5 Pasta Laboral –UNISINOS

Currículo Vitae, Alexandre Vertes, São Leopoldo, 1970.

Cópia da Carteira de Identidade, Alexandre Vertes.

Cópia da Carteira de Trabalho, Alexandre Vertes.

Contrato de Trabalho, Alexandre Vertes

Ficha Registro Funcional n.º 02, Alexandre Vertes.

Cópia do Título de *Oeconomiae Publicae Doctorem*, Alexandre Vertes, Budapeste Hungria, 1938.

Cópia Formulário de Seguro Desemprego, Alexandre Vertes, 1989.

Atestado de desobrigação do serviço militar, Ministério do Exército Brasileiro, Alexandre Vertes, Porto Alegre, 1975.

Cópia do Ofício 20370 de Tradutor Juramentado, Porto Alegre.

1.2.6 Palestras

VERTES, Alexandre. **Palestra de agradecimento pela homenagem recebida de “Professor Destaque”**. 17 de setembro de 1984.

1.2.7 Certificados/Diplomas

Associação dos Professores do Ensino Superior de Contabilidade, Rio Grande, 1.º de junho de 1980, Homenagem de reconhecimento e admiração por relevantes serviços prestados.

Clube dos Bacharéis em Ciências Contábeis, Porto Alegre, 22 de setembro de 1984.

Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS), Porto Alegre, 25 de abril de 1990, Homenagem como reconhecimento à contribuição dada à cultura contábil gaúcha e brasileira.

Conselho Regional de Contabilidade do Maranhão (CRCMA), São Luiz, 25 de abril de 1989, Diploma do Mérito Contábil Maranhense.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 31 de julho de 1984, Professor Benemérito.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 03 de novembro de 1994, Honra ao Mérito.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 31 de julho de 1989, Professor Emérito.

Junta Comercial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 28 de janeiro de 1963, Título de Tradutor Público e Intérprete Comercial.

Formandos 86/2. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 1986, Paraninfo.

Formandos 88/2. Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, 1988, Professor Homenageado.

Formandos 89/1. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 1989, Professor Homenageado.

Formandos 96/1. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 1996, Professor Homenageado.

V Curso Superior de Atualização em Contabilidade Geral, Belém, 1976, Professor Homenageado.

1.2.8 Atas/Contratos

Associação dos Professores do Ensino Superior de Contabilidade (APESC), Porto Alegre, 09 de novembro de 1974.

Cartório Trindade. Declaração de Registro de Firma, Porto Alegre, 10 de setembro de 1954.

Junta Comercial do Rio Grande do Sul. Declaração de Firma. Porto Alegre, 18 de fevereiro de 1955.

PLANISINOS S/A. Ata da Assembléia Ordinária. São Leopoldo, 28 de abril de 1972.

1.2.9 Projetos de Lei

BRASIL. Decreto-Lei n.º 2.627, de 26 de setembro de 1940.

BRASIL. Lei n.º 6.404, de 15 de dezembro de 1976.

BRASIL. Projeto de Lei n.º 377, de 22 de abril de 1984. Dispõe sobre o Inventário Geral Patrimonial das empresas. *In*: Câmara dos Deputados. **Parecer da Comissão de Constituição e Justiça**. Brasília, 1984.

BRASIL. Projeto de Lei n.º 377, de 22 de abril de 1984. Dispõe sobre o Inventário Geral Patrimonial das empresas. *In*: Câmara dos Deputados. **Parecer da Comissão de Economia, Indústria e Comércio**. Brasília, 1986.

BRASIL. Projeto de Lei n.º 924, de 07 de maio de 1991. Dispõe sobre o Inventário Geral do Patrimônio das empresas. *In*: Câmara dos Deputados. **Parecer da Comissão de Economia, Indústria e Comércio**. Brasília, 1992.

2. ORAIS

Entrevistas

BOHNEN, Aloysio, Porto Alegre, 1989 (concedida ao Jornal da Pampa).

BASSO, Irani Paulo. Ijuí, 09 de janeiro de 2006 (concedida à autora).

BECKER, Renato. Porto Alegre, 13 de janeiro de 2006 (concedida à autora).

BEULKE, Rolando. Porto Alegre, 17 de janeiro de 2006 (concedida à autora).

CORRAR, LUIZ João. São Paulo, 27 de janeiro de 2006 (concedida à autora).

JORGE, Jairo. São Leopoldo, 02 de janeiro de 2006 (concedida à TV UNISINOS)

JUENEMANN, João Verner. Porto Alegre, 26 de janeiro de 2006 (concedido à autora).

KOLIVER, Olívio. Porto Alegre, 18 de janeiro de 2006 (concedida à autora).

MORSCHER, Delmar. Novo Hamburgo, 21 de fevereiro de 2006 (concedida à autora).

OTT, Ernani. São Leopoldo, 21 de dezembro de 2005 (concedida à autora).

RAMBO, Arthur Blásio. 05 de janeiro de 2006 (concedida à autora).

SCHNEIDER, Egydio. Porto Alegre, 16 de janeiro de 2006 (concedida à autora).

VERTES, Susanne. Porto Alegre, junho de 2000 (concedida à TV UNISINOS).

WOLFARTH, Célio Pedro. São Leopoldo, 06 de janeiro de 2006 (concedida à autora).

WÜRCH, Adolpho Walter. São Leopoldo, 13 de janeiro de 2006 (concedida à autora).

3. ICONOGRAFICAS

3.1 Fotos

Alexandre Vertes. Cedido a autora por seus familiares.

ANEXO B – TABELA LEOPOLDENSE MODELO SIMPLES

Tabela Leopoldense

Empresa _____ de _____ de 19____
 Levantada no dia _____ de _____ de 19____

N.º	CONTAS		MOVIMENTO		SALDO		BALANÇO		LUCROS E PERDAS		
	+	-	D - G	C - D	D - G	C +	A +	P -	P -	L +	
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											
12											
13											
14											
15											
16											
17											
18											
19											
20											
21											
22											
23											
24											

ANEXO C – TABELA LEOPOLDENSE MODELO EM PERCENTAGEM

TABELA LEOPOLDENSE

(COM COLUNAS EM PERCENTAGEM)

da empresa _____ levantada no dia _____ do mês de _____ do ano de 197 _____

N.º	C O N T A S	MOVIMENTO			SALDO		BALANÇO		BALANÇO EM PERCENT.		BALANÇO DE RESULTADOS		BAL. DE RES. EM PERCENT.	
		D	C	D--	C+	A+	P--	A	P	P--	L+	P	L	
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														
12														
13														
14														
15														
16														
17														
18														
19														
20														
21														

PROJETO: PROF. VERTES

MODEL C

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
PPG em Ciências Contábeis

São Leopoldo, dezembro de 2005.

Prezado (a) Senhor (a)

Nossa aluna, CARLA ROSANGELA WACHHOLZ, está desenvolvendo a sua dissertação de Mestrado para obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis. O seu trabalho consiste na elaboração da biografia do Prof. Dr. Alexandre Vertes.

Para o seu desenvolvimento fará uso de pesquisa documental, bem como necessitará colher depoimentos de pessoas com as quais o professor Vertes se relacionou. Esses depoimentos serão colhidos através de entrevistas previamente agendadas.

Nesse sentido, gostaríamos de contar com a sua colaboração, na medida em que V.Sa. foi um (a) dos (das) selecionados (as) para serem entrevistados.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Ernani Ott

Coordenador do PPG em Ciências Contábeis

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

PROFESSORES E/OU EX-ALUNOS

- 1) Em que circunstâncias conheceu o Professor Alexandre Vertes?
- 2) Conhece a metodologia de ensino implantada na UNISINOS pelo Professor Alexandre Vertes?
- 3) Conhece algum professor ou pesquisador da área contábil que não concordava com essa metodologia?
- 4) Conhece a produção científica do Professor Alexandre Vertes?
- 5) Em relação a produção científica do Professor Alexandre Vertes, o que o Sr. considera mais relevante?
- 6) Participou de algum projeto de pesquisa desenvolvido ou orientado pelo Professor Alexandre Vertes?
- 7) Nas aulas ministradas pelo Professor Alexandre Vertes, havia dificuldades de compreensão em função do idioma?
- 8) O Professor Alexandre Vertes foi um professor marcante? (aspectos relacionados à sua metodologia, conhecimento, postura profissional e pessoal)
- 9) Relate algum fato marcante na relação aluno/professor.
- 10) O Professor Alexandre Vertes influenciou de alguma forma a sua trajetória profissional?
- 11) Utiliza alguma das técnicas desenvolvidas e utilizadas pelo Professor Vertes para ensinar?
- 12) Qual foi o papel desempenhado pelo Professor Alexandre Vertes na criação do curso de Ciências Contábeis da UNISINOS?
- 13) Trabalhou como docente no curso de Ciências Contábeis, na UNISINOS, no período em que o Professor Alexandre Vertes exerceu o cargo de Presidente do departamento de Contabilidade e Finanças? Como foi trabalhar sob a coordenação do Professor Alexandre Vertes?

- 14) Sua relação com o Professor Alexandre Vertes era limitada somente a aspectos profissionais e acadêmicos?
- 15) O Sr. poderia falar sobre as atividades do Professor Alexandre Vertes fora da UNISINOS?
- 16) Fale do Professor Alexandre Vertes enquanto pessoa.

ROLANDO BEULKE

- 1) Em que circunstâncias conheceu o Professor Alexandre Vertes?
- 2) Conhece a metodologia de ensino implantada na UNISINOS pelo Professor Alexandre Vertes?
- 3) Conhece algum professor ou pesquisador da área contábil que não concordava com essa metodologia?
- 4) Conhece a produção científica do Professor Alexandre Vertes?
- 5) Em relação a produção científica do Professor Alexandre Vertes, o que o Sr. considera mais relevante?
- 6) Participou de algum projeto de pesquisa desenvolvido ou orientado pelo Professor Alexandre Vertes?
- 7) O Professor Alexandre Vertes influenciou de alguma forma a sua trajetória profissional?
- 8) Utiliza alguma das técnicas desenvolvidas e utilizadas pelo Professor Vertes para ensinar?
- 9) Qual foi o papel desempenhado pelo Professor Alexandre Vertes na criação do curso de Ciências Contábeis da UNISINOS?
- 10) Trabalhou como docente no curso de Ciências Contábeis, na UNISINOS, no período em que o Professor Alexandre Vertes exerceu o cargo de Presidente do departamento de Contabilidade e Finanças? Como foi trabalhar sob a coordenação do Professor Alexandre Vertes?
- 11) Trabalhou com o Professor Alexandre Vertes na PLANISINOS S/A?
- 12) Quando foi criada a PLANISINOS?
- 13) Quem eram os acionistas da PLANISINOS?
- 14) Qual foi o papel desempenhado pelo Professor Alexandre Vertes na PLANISINOS S/A?
- 15) Por quanto tempo o Professor Alexandre Vertes participou ativamente da PLANISINOS S/A?
- 16) Quando e porque a PLANISINOS S/A foi desativada?
- 17) Sua relação com o Professor Alexandre Vertes era limitada somente a aspectos profissionais e acadêmicos?

- 18) O Sr. poderia falar sobre as atividades do Professor Alexandre Vertes fora da UNISINOS?
- 19) Fale do Professor Alexandre Vertes enquanto pessoa.

DELMAR MORSCHEL

- 1) Em que circunstâncias o Sr. conheceu o professor Alexandre Vertes?
- 2) O Sr. poderia relatar como foi a experiência de estudar em regime integral na FEVARSINOS?
- 3) Participou de algum projeto de pesquisa desenvolvido ou orientado pelo Professor Alexandre Vertes?
- 4) Nas aulas ministradas pelo Professor Alexandre Vertes, havia dificuldades de compreensão em função do idioma?
- 5) O Professor Alexandre Vertes foi um professor marcante? (aspectos relacionados à sua metodologia, conhecimento, postura profissional e pessoal)
- 6) Relate algum fato marcante na relação aluno/professor.
- 7) O Professor Alexandre Vertes influenciou de alguma forma a sua trajetória profissional?